

Eberhard Platte

NOSSO CASAMENTO Pode Ser Ainda Melhor



Uma visita aos casais da Bíblia



Eberhard Platte

NOSSO CASAMENTO Pode Ser Ainda Melhor

Uma visita aos casais da Bíblia

1ª Edição

eBook

2018



chamada

Unsere Ehe soll noch besser werden
Copyright © 2003, 2015 by Christliche Verlagsgesellschaft mbH, Dillenburg

Todos os direitos reservados para o Brasil.
Copyright © 2016 por Chamada
1ª Edição – Dezembro/2018

ISBN 978-85-7720-168-6

É proibida a reprodução em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Tradução: Doris Körber
Edição: Sebastian Steiger
Capa: João Paulo Otsuka
Layout: Roberto Reinke

Adaptação para eBook: Stefan Yuri Wondracek

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente. Passagens da Escritura marcadas como RA foram extraídas da Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Versão

Revista e Atualizada®, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai
90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil
Fone: (51) 3241-5050
www.chamada.com.br
pedidos@chamada.com.br

Para Erika, a melhor esposa de todas,
e aos meus filhos biológicos e espirituais

“Portanto... fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus. E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensiná-las a outros.”

2Timóteo 2.1-2

e para a igreja de Wuppertal-Barmen

www.cg-barmen.de

“... saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade.”

1Timóteo 3.15

SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

AGRADECIMENTOS

PREFÁCIO

1 PREFÁCIO PARA OS MARIDOS

2 PREFÁCIO PARA AS ESPOSAS

3 COMO TUDO COMEÇOU

4 QUANDO A MULHER ULTRAPASSA PELA DIREITA

5 SULTÃO E SERVA?

6 CRISES EM UM CASAMENTO TEMENTE A DEUS?

7 O ACONSELHAMENTO MATRIMONIAL DE DEUS

8 QUANDO O HOMEM BUSCA A CARREIRA

9 TUDO COMEÇOU TÃO BEM

10 PURO PARA O CASAMENTO?

11 MEU MARIDO NÃO ME PERTENCE

12 O LEMA DE VIDA DE UM CASAMENTO

13 COMO LIDAMOS COM NOSSO PASSADO?

14 VIVENDO EM JUGO DESIGUAL?

15 QUANDO O AMOR NÃO DURA

16 UMA CATÁSTROFE E SUA CURA

17 AMOR ANTIGO NÃO ENFERRUJA

18 COMO O SENHOR JESUS VOLTA A SER O CENTRO

19 QUANDO UM CASAL ENTRA EM ACORDO

20 CASAMENTO SOB TENSÃO

21 CASAMENTO CRISTÃO – LUGAR DE CRESCIMENTO?

22 NOSSOS VOTOS DE CASAMENTO

NOTAS

PREFÁCIO

É estranho : hoje em dia, quando um casal, seja jovem ou mais idoso, diz que quer participar de um seminário sobre casamento, normalmente os outros arregalam os olhos em descrença, mudam de assunto e depois cochicham disfarçadamente: “Esses dois devem estar com problemas realmente sérios em seu relacionamento...”.

É estranho : quando uma pessoa busca conselhos sobre casamento, ela dá uma checada na mesa de livros da própria igreja, alegando que está em busca de algum livro para um casal amigo. Depois, vai comprá-lo em outro lugar, talvez pela internet ou numa livraria qualquer, onde ninguém a conheça...

É estranho : para qualquer atividade profissional há cursos, treinamentos, pós-graduações. Só no casamento as pessoas entram sem qualquer preparo. “No fim dá tudo certo!” E depois se admiram quando não dá.

Onde estão as igrejas que fazem seus casais passarem pelo curso de noivos? Onde estão os pais e mães espirituais experientes que dão conselhos práticos e acompanham a geração seguinte?

Em muitos seminários para casais ou retiros de famílias e igrejas sobre este tema, perguntam-me se não tenho algo escrito com essas experiências e ensinamentos bíblicos, para que possam compartilhá-los com outras pessoas. Além dos muitos CDs gravados em vários seminários e que hoje circulam por toda Alemanha, quero agora oferecer também este livro, no qual registro os pensamentos dos meus esboços, a fim de passar adiante recursos que ajudem nossos casamentos a serem ainda melhores. Para isso, visitaremos vários casais da Bíblia, com o propósito de que os relatos bíblicos iluminem as situações e questões que enfrentamos hoje em dia.

Eberhard Platte
Wuppertal, Alemanha
outono de 2002

Dica para a leitura :

Leiam o livro juntos, como casal! A melhor forma é quando um lê para o outro – talvez vocês possam até se alternar – e, ao fim de cada capítulo, os

dois conversam sobre o assunto. As perguntas indicadas podem servir para dar impulso à conversa.

PREFÁCIO PARA OS MARIDOS

Como Deus imaginou o casamento para o homem cristão?

“Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida...” (1Pedro 3.7)

“Então o príncipe casou com a princesa e os dois viveram felizes para sempre...” Muitas pessoas parecem pensar que um casamento romântico de conto de fadas (“... mas a gente se ama tanto...”) é base e garantia para um casamento feliz e uma vida em harmonia e segurança. E se ainda houver uma casinha caprichada, um carro bonito e duas crianças bem-comportadas, a felicidade será perfeita. Todos os tabloides vivem dessa ilusão humana. E alguns dos nossos conhecidos talvez ainda acrescentem: “É claro que para nós, bons cristãos, ainda é preciso frequentar uma igreja animada aos domingos, cantar no coro e mandar as crianças para a escola bíblica... isso é óbvio, não é?”.

Mas, depois de pouco tempo, muitos percebem que nem mesmo as melhores circunstâncias, os desejos mais nobres e a casa mais bonita garantem um bom casamento. Em vez do céu na terra, em vez da vida nas nuvens, o que vem é frustração diária ou mesmo o inferno na terra. Desiludidos, muitos maridos logo caem na real e resignam-se a viver uma irritação mútua diária. Não são poucos os que, por puro desespero, jogam-se no trabalho, refugiam-se em algum passatempo, consolam-se com uma “bebida” ou caem em permanente letargia.

Mas com certeza não era isso que Deus imaginava quando pensou no casamento!

Por que Deus criou o casamento?

Deus não criou o casamento para que o ser humano levasse uma vida frustrada por causa da guerrinha diária dos sexos. Ele planejava algo muito

maior! Procurou para seu filho amado uma noiva apropriada. Assim como criou uma esposa especialmente para Adão, ele deu vida à igreja para seu Filho, nosso Senhor e Salvador. Deus quer usar o relacionamento entre o homem e a mulher em um casamento harmonioso e feliz como metáfora para a relação singular entre Cristo e sua igreja (Efésios 5.22-33). Portanto, Deus deseja que nós, seres humanos – e especialmente nós cristãos –, vivamos, experimentemos e pratiquemos em nossos casamentos um pouco do amor, da fidelidade, do compromisso e da intimidade do Senhor conosco.

Quais são os pré-requisitos para um casamento harmonioso e feliz?

Justamente esse exemplo do relacionamento do nosso Senhor com sua igreja deixa claro quais são os pré-requisitos que nós homens precisamos atender para ter um casamento bom e abençoado: “Maridos, ame cada um a sua mulher” (Efésios 5.25; Colossenses 3.19; 1Pedro 3.7). Aparentemente essa ordem é especialmente necessária para nós homens. Muitas vezes o nosso amor (ou aquilo que entendemos por amor), afeto e respeito dependem de circunstâncias exteriores, das nossas emoções, do amor que recebemos ou da nossa pressão arterial. Mas o exemplo do nosso Senhor Jesus (Efésios 5.25) mostra que amor não é, em primeiro lugar, um sentimento. Reconhecemos o seu amor por nós em sua completa entrega a Deus e no seu sacrifício pessoal até a morte, por meio da qual nos comprou. Portanto, o amor também não é tanto algo para ser expresso em palavras (“Eu te amo tanto...”), mas ele se torna visível em atos, no compromisso, na atitude de assumir a responsabilidade. Isso significa que eu, como marido, não assumo apenas a responsabilidade pelo bem-estar físico da minha mulher; Deus espera também que eu cuide de seu bem-estar e crescimento espirituais (v. 26-27).

Somos convocados!

Deus deu uma esposa a Adão, não para que fosse empregada, escrava, inferior, faxineira, símbolo de status, cozinheira particular, parideira, mãe substituta ou amante disponível para livre usufruto do homem. Deus a criou especificamente para completá-lo, para que lhe correspondesse (Gênesis 2.18), como uma parte dele mesmo. Ele diz que ambos formam uma unidade

(Gênesis 2.24), e penso que isso não se refere apenas à alegria da sexualidade protegida pelo casamento, mas também à união de alma e espírito, isto é, uma unidade interior, em que ambos se entendem e são entendidos. “Unir-se à mulher” não significa agarrar-se a ela e não soltar, mas ligar-se a ela com fidelidade íntima. Mas isso também significa que nós homens temos responsabilidade total por nossas esposas perante Deus – inclusive por suas eventuais falhas. Deus, por exemplo, responsabiliza Adão pelo pecado de sua esposa (Gênesis 3.9). Assim como Adão, também nós gostamos de nos eximir dessa responsabilidade e de empurrar a culpa para os outros (Gênesis 3.12) – até mesmo para Deus.

A convivência diária

A convivência diária muitas vezes se mostra difícil. Deus sabe disso. Por isso ele nos convoca em Colossenses 3.19: “Maridos, ame cada um a sua mulher e não a tratem com amargura”. Em 1Pedro 3.7 ele aconselha: “... sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil”. Ele conhece bem a natureza e os sentimentos diferentes da mulher, e nos conclama a ter consideração com elas, não apenas aceitando-as, mas respeitando-as com essa sua diversidade.

Como podemos cumprir essa ordem?

Apesar de toda a nossa boa vontade, nós maridos rapidamente descobrimos nossos limites, falhas e culpas nessa área, e praticamente nos desesperamos na tentativa de atender às expectativas de Deus em relação ao casamento.

Mas Deus quer nos encorajar a viver essa harmonia interna e a bênção do casamento com a ajuda do Senhor Jesus. O sábio autor de Eclesiastes disse o seguinte: “Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade” (4.12). Isso significa: quando o Senhor Jesus se torna e continua sendo o fundamento, o centro e o objetivo do nosso casamento, o matrimônio feliz e abençoado se torna uma realidade.

O casamento não é um fim em si mesmo

Sempre que o Senhor Jesus é o centro da nossa vida em comum, quando nós, como marido e mulher, vivemos para ele e desejamos servi-lo, o casamento

não será um fim em si mesmo. Assim como o relacionamento da igreja com Cristo almeja servir aos outros e engrandecer a Deus, também o casamento feliz quer servir ao próximo e apontar para Jesus. Há muitos anos, o líder de um retiro disse-me, de forma muito apropriada: “Quando dois cristãos se casam, na verdade eles deveriam produzir o dobro de resultados para o Senhor!”. No entanto, muitos casamentos estão fechados ao serviço conjunto para Deus por causa das dificuldades internas.

Por isso, é preciso que nós maridos nos arrependamos das nossas falhas no casamento, do nosso egoísmo e da nossa irresponsabilidade.

Assim, nosso casamento poderá experimentar a harmonia, a segurança, a paz interior e a bênção do nosso Senhor, servindo para glorificar a Deus.

PREFÁCIO PARA AS ESPOSAS

Como Deus imaginou o casamento para a mulher cristã?

“Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês.” (1Pedro 3.1-2)

“Na verdade, eu tinha imaginado e sonhado meu casamento de forma totalmente diferente. Depois da festa dos nossos sonhos, meu marido mudou totalmente! Ele não é mais o cavalheiro de antes. Ele adivinhava cada um dos meus desejos, e hoje não nota nem mesmo quando uso o mesmo vestido por três dias seguidos. E a rotina diária da casa e o estresse com as crianças estão acabando comigo. Às vezes gostaria de ainda estar trabalhando fora. Lá pelo menos eu era respeitada, e meu trabalho, pago. Hoje? Não passo de uma faxineira. Ai de mim se o almoço não estiver pontualmente na mesa ou se as crianças estiverem berrando quando ele chega do trabalho. Ele corre para se esconder atrás do jornal. Eu tinha uma ideia bem diferente do casamento! Nossas conversas não passam mais de resmungos...”

“Mas olhe aqui”, podem pensar alguns, “não se deve falar assim em círculos cristãos!”. E o que não deveria acontecer, não existe! Então ninguém fala sobre isso. Mas infelizmente a realidade, inclusive em casamentos cristãos, muitas vezes é outra: o importante é manter as aparências! A realidade interna não é da conta de ninguém. Só espero que as crianças não deem com a língua nos dentes um dia desses...

Será que foi assim que Deus pensou nosso casamento?

Não foi assim que Deus queria o casamento!

Não, realmente não foi assim que Deus queria o casamento! Muito pelo contrário! O casamento – dos cristãos de forma especial – foi feito para demonstrar algo muito mais precioso a este mundo: a relação íntima entre

Cristo e sua igreja. Em Efésios 5.22-33 este amor, fidelidade, compromisso e entrega do nosso Senhor à sua igreja são comparados ao relacionamento entre homem e mulher no casamento. E penso que Deus deu à mulher uma capacidade especial de compreender, sentir e ansiar por esta relação profunda de amor e fidelidade no casamento.

Como a mulher pode contribuir para isso?

Os textos de Efésios 5.22-33, Colossenses 3.18-19 e 1Pedro 3.1-2 não descrevem apenas a tarefa e a responsabilidade do marido em relação à sua mulher e ao casamento, mas também a “tarefa de casa” da mulher cristã em relação ao seu marido. Com certeza Deus não deu esse encargo às mulheres a fim de oprimi-las, escravizá-las ou irritá-las. Afinal, ele a criou com um forte anseio por segurança e direcionamento, e por isso ele é quem melhor sabe como a mulher pode ter essas necessidades atendidas e obter bênção em seu casamento. Por um lado, ele chama o homem à responsabilidade e exigirá dele prestação de contas em relação à sua tarefa, mas por outro lado também a esposa cristã tem seus deveres para que Deus possa abençoar o casamento. Ainda que hoje o nosso pensamento marcado pelo humanismo e pela emancipação se oponha diametralmente ao “manual do casamento” dado por Deus, isso de forma alguma nos exime do dever de agir de acordo com a Palavra do Senhor. Nem mesmo quando o marido, por exemplo, não age de acordo com tais mandamentos. Os versos de 1Pedro 3.1-2, transcritos acima, deixam isso muito claro.

O que significa sujeitar-se?

Hoje em dia, muitas mulheres têm dificuldade em entender essa expressão e a ordem de Deus. O comportamento do Senhor Jesus em relação às mulheres mostra claramente que isso de forma nenhuma representa desvalorizar ou diminuir a importância da mulher diante de Deus e dos homens. Na verdade, Deus propositadamente criou homem e mulher com naturezas, características e habilidades diferentes, para que eles pudessem assumir tarefas e responsabilidades diferentes na sociedade. Para o casamento, Deus determinou áreas de responsabilidade diferentes – uma distribuição de tarefas, mas não uma competição.

Um exemplo : uma orquestra normalmente tem o primeiro violino e o segundo violino. Para ambos os instrumentos, o compositor escreveu melodias específicas. Não há lugar para concorrência ou inveja. Um toca em função do outro. Ambos precisam acompanhar o mesmo andamento, sendo que obviamente apenas um dos violinos pode ser responsável por determiná-lo. O compositor deu essa tarefa ao primeiro violino, mas isso não significa desprezo ao segundo. O primeiro violino tem a tarefa de conduzir. A harmonia completa só surge quando cada instrumentista ensaia e toca a parte que lhe cabe e quando o segundo violino acompanha o andamento do primeiro. Isso requer mente e ouvidos atentos e adaptação mútua.

Assim Deus distribuiu tarefas e responsabilidades no casamento de forma diferente. Atenção, ouvido aberto e adaptação de um ao outro nos ajudarão a alcançar uma harmoniosa unanimidade no casamento.

De forma bem-humorada, poderíamos dizer: “Numa bicicleta de dois lugares, só um pode pilotar – mas apenas segurar o guidão não leva a lugar algum. Assim, ambos pedalam e avançam – e as crianças podem ir junto na cadeirinha infantil...”.

“Não consigo fazer isso!”

Talvez você pense que sua situação é muito diferente, e que Deus deveria libertá-la da necessidade de sujeitar-se de forma consciente. Talvez você pense que seu casamento só funcionaria se você tocasse o primeiro violino. Talvez você esteja decepcionada com sua situação, já amargurada ou talvez resignada. Como lidar com isso?

- Há esposas que “engolem”, “escondem” sua má vontade. Mas em algum lugar e em algum momento haverá uma explosão. A falta de perdão é como uma mina terrestre: pode até crescer grama por cima dela, mas em algum momento ela estoura!
- Há esposas que explodem logo ou restringem-se a reclamações. Não: você não conseguirá educar seu marido. Isso era responsabilidade dos pais dele, não da esposa.
- Há esposas que tentam retribuir, pagar na mesma moeda, castigar com falta de carinho ou impor sua vontade. Isso envenena o ambiente

e sufocará o casamento.

O que a Bíblia recomenda nessas situações de risco?

O trecho acima, de 1Pedro 3.1-6, contém uma promessa grandiosa para o comportamento exemplar da mulher cristã para com seu marido. O marido pode ser ganho pelo procedimento calado da cristã, ou seja, sem sermões, acusações, castigos, reclamações ou explosões. A palavra-chave é “ganho”, não coagido! Um exemplo de procedimento calado é Sara, que em suas ocasiões se decepcionou amargamente em seu casamento com Abraão. Duas vezes ele negou ser casado com ela. Ele praticamente tirou a aliança da mão e declarou-a como sendo sua irmã. Só a intervenção de Deus foi capaz de salvar esse casamento (*veja no cap.6*).

Ah, se pudéssemos reaprender a levar todas as nossas dores a este Deus que só quer o nosso bem. Vamos confiar que ele cumprirá suas promessas e curará nossos casamentos, esforçando-nos, com arrependimento e confissão, para ocupar a posição que Deus planejou para nós e ser um testemunho por meio da nossa dependência do Senhor. Só assim nossos casamentos realmente demonstrarão o amor e a dedicação que Cristo tem por sua igreja.

COMO TUDO COMEÇOU

Visitando Adão e Eva

“Então disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança’... Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra!’... E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom.” (Gênesis 1.26-31)

Para tudo tem uma primeira vez!

Para alguns, a ideia de empreender essa aventura de fazer tudo pela primeira vez pode parecer atraente. Imagine só: não há nenhum modelo, nenhuma tecnologia para ajudar, nenhum manual de “Como fazer tudo certo”, nenhum amigo, nenhum pai, nenhum professor a quem consultar.

Atualmente, uma das novas manias entre líderes estressados é tirar férias exóticas, viajando, por exemplo, para uma região remota do Canadá – treinamento de sobrevivência, férias com aventura, tempo ao ar livre. Mas essas expedições sempre vêm com aquela ideia: em 3 a 4 semanas estarei de volta à civilização; por segurança, vou levar rádio e celular, e, se houver alguma emergência, um helicóptero pode vir me resgatar.

No caso de Adão, a situação era outra. Ele precisou ser o primeiro a fazer tudo; penso que ele foi o maior inventor e descobridor que já existiu. É claro, você dirá, ele podia consultar Deus. O relacionamento com ele era, ao menos antes do pecado, o melhor possível. Nesse sentido, com certeza uma posição invejável. Mas, por outro lado: não tinha ninguém com quem trocar ideias, ninguém a quem pudesse contar sobre suas descobertas e invenções. Ninguém lhe mostrou como fazer fogo – e como apagá-lo também; como ferver água, como preparar comida. Que ervas e frutas seriam saborosas? É

óbvio – tudo ainda era perfeito, sem a ponta amarga do pecado. Por enquanto, Deus é quem “colocava a mesa”:

“Eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês.” (Gênesis 1.29)

O maior biólogo e zoólogo

“Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome. Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse.” (Gênesis 2.19-20)

Então Deus encarregou Adão de dar nome a todos os animais. Para nós, é óbvio que a vaca se chame “vaca” e faça parte da espécie dos bovinos, que o leão se chame “leão” e pertença à família dos felinos, que as formigas sejam insetos – não é mesmo? Aprendemos isso na escola – quando prestamos atenção.

Mas Adão precisou observar os animais, aprender a diferenciá-los, determinar classes, espécies e raças. Estudar o modo de vida dos bichos, encontrando e definindo familiaridades. A Bíblia não diz nada sobre o tempo que ele levou para fazer isso. Seja como for, Adão com certeza era o melhor biólogo e zoólogo que já existiu. Bem, e como o primeiro ser humano criado por Deus, certamente também foi a pessoa com o maior QI (quociente de inteligência) que já houve. Em segundo lugar, ele sempre podia consultar o Criador dos céus e da terra e obter as explicações desejadas. Muitas vezes me perguntei porque Deus lhe deu essa tarefa numa época em que Adão ainda estava sozinho, isto é, antes que Eva fosse criada. Em um seminário, alguém propôs uma resposta: “Talvez Deus agiu assim porque do contrário teriam surgido muitos conflitos no primeiro casamento...”.

De qualquer forma, Adão nota algo muito sério durante a execução de sua tarefa: ele vê que Deus criou todos os animais com macho e fêmea, com suas diferenças e similaridades. E ele repara: “Está me faltando algo! Todos os animais andam em dupla, mas eu estou sozinho!”. Só nesse momento é que

Deus lhe revela o princípio divino: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (Gênesis 2.18).

Note bem: Deus fez todos os outros seres vivos de forma diferente. Criou-os imediatamente como machos e fêmeas. Criou-os todos com uma só palavra. Só no caso do ser humano o procedimento é diferente, e Deus faz isso de forma bem consciente. Ninguém de nós pode dizer: “Apareci aqui por acaso”. Não: Deus criou os seres humanos – você e eu – de forma consciente e proposital. “Homem e mulher os criou” (Gênesis 1.27), a saber, primeiramente o homem, a quem deu tarefas específicas, e só depois a mulher.

Deus institui o casamento

Quem questiona a criação também questionará o casamento. Quem aceita a criação também aceita o casamento, pois ambos vêm de Deus.

Ao criar o ser humano, o Senhor já tinha um objetivo, um plano para a convivência. E o Criador chama esse plano de “muito bom” (Gênesis 1.31). É espantoso como a Bíblia descreve a criação do ser humano em detalhes: Deus o fez de forma bem diferente das demais criaturas. Todos os outros seres vivos foram simultaneamente criados como machos e fêmeas, da mesma matéria. Já a criação do ser humano exigiu um ato muito consciente e diferente, começando por Adão. Só quando executa sua tarefa de dar nome aos animais é que Adão percebe que lhe falta a fêmea correspondente. Assim, Deus cria Eva, mas de uma forma totalmente nova. Não do pó da terra, como Adão, mas do próprio homem. Neste ponto, o Talmude acrescenta o seguinte comentário: “Não tirada da sua cabeça, para dominar; não de seus pés, para ser desprezada; mas do seu lado, para ser amada, nutrida e cuidada”.

Uma mulher de Deus!

“Então o SENHOR Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o SENHOR Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: ‘Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada’.” (Gênesis 2.21-23)

Que momento deve ter sido esse quando Adão – despertando do sono divino – vê essa encomenda especial preparada por Deus (exclusivamente para ele, Adão)! Descrevi essa cena aos jovens que participavam de um retiro. A reação deles foi variada. “Uau!”, disse um dos rapazes. “Também quero: acordo de manhã – e eis que a mulher dos meus sonhos está na minha frente! Não precisa nem de efeitos especiais. Isso seria demais!” – “Não sei, não...”, disse outro, hesitante. “Acho que prefiro eu mesmo escolher minha mulher. Pobre Adão, nem teve escolha...”

Mas Adão fica entusiasmado. Ele a reconhece imediatamente: “Essa é minha. Ela corresponde a mim. Precisamos ficar juntos!” (2.23). Mas um detalhe deve ter sido ainda mais importante para ele, o fato de ele ter literalmente essa certeza: “Deus é que a trouxe para mim! Ele a criou especialmente para mim. É da vontade de Deus que nós dois sejamos inseparáveis”. Haverá algo melhor que essa certeza?! Essa convicção é o fundamento mais seguro para um casamento harmonioso e desejado por Deus. Saber que Deus nos uniu como homem e mulher dá a base para um amor duradouro, que é maior do que mero impulso das emoções.

O fiador dos nossos casamentos

No caso de Adão e Eva, Deus é ao mesmo tempo mediador, juiz de paz e padrinho. Nós também faremos bem em só entrar no casamento com essa certeza: ver e experimentar nosso Senhor como mediador e foco, testemunha e padrinho, fiador e abalizador do nosso amor matrimonial.

Conceito e objetivo do casamento

Antes de criar Eva, Deus tinha formulado a tarefa e o objetivo: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (2.18). Isto demonstra que Deus criou homem e mulher

1. **para fazer companhia um ao outro** , isto é, para eliminar a solidão. Por isso, Deus criou o ser humano para viver em comunidade e ansiar por companhia;
2. **para ajudar um ao outro** , isto é, as pessoas precisam de apoio, fortalecimento, consolo, companhia, conselho e ajuda no casamento;
3. **para ter alguém que lhe corresponda** , ou seja, precisamos de

alguém que nos complemente com suas habilidades, capacidades, características e responsabilidades diferentes no casamento.

Criados diferentes para serem um

Por isso Deus criou o ser humano como homem e mulher (1.27), isto é, as diferenças, tanto biológicas quanto pessoais, são conscientes e planejadas.

As mulheres têm, por natureza, talentos, habilidades e percepções diferentes do homem, e é bom que seja dessa forma. Assim ambos se complementam e ajudam nas mais variadas situações da vida. A mulher pode contar com liderança e proteção, e dar o apoio que o marido precisa. Essa sua submissão voluntária a enobrece diante de Deus, que confia ao marido a tarefa de cuidar dela.

Deus também dotou os homens com talentos e responsabilidades, para que estes assumam seus deveres no casamento e na família de acordo com a vontade divina. Assim, não são responsáveis apenas pelo sustento material e pela proteção de suas esposas e filhos, mas também pelo seu sustento espiritual, interior (Efésios 5.22-32). Por isso, a Palavra de Deus manda repetidos lembretes aos maridos para que amem suas esposas de todo coração, para que as valorizem e honrem (1Pedro 3.7).

Quando homem e mulher voluntariamente aceitam e praticam a ordem de Deus na criação, isso cria confiança e harmonia verdadeiras e de que muitas pessoas hoje sentem falta.

Figura 1



Figura 2

A imagem do homem



Três aspectos do casamento desejado por Deus

Quando Deus disse em Gênesis 1.26 que queria criar o ser humano à sua imagem, ele não estava falando em primeiro lugar da aparência exterior, mas da sua natureza. Assim como Deus é a trindade formada por três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (fig. 1), ele também criou o homem como uma espécie de trindade, com alma, espírito e corpo (fig. 2). Scofield define estas três áreas do ser humano da seguinte forma – e eu gosto dessa explicação:

- A alma tem consciência da existência de Deus.
- O espírito tem consciência do meu eu.
- O corpo tem consciência do meu entorno.

Quando Deus explica, em Gênesis 2.24, que o homem abandona a relação pai-filho para se casar, ele combina, dessa forma, três aspectos essenciais do novo relacionamento. Assim como o ser humano consiste em alma, espírito e corpo (cf. fig. 2), também o casamento tem essas três áreas (cf. fig. 3):

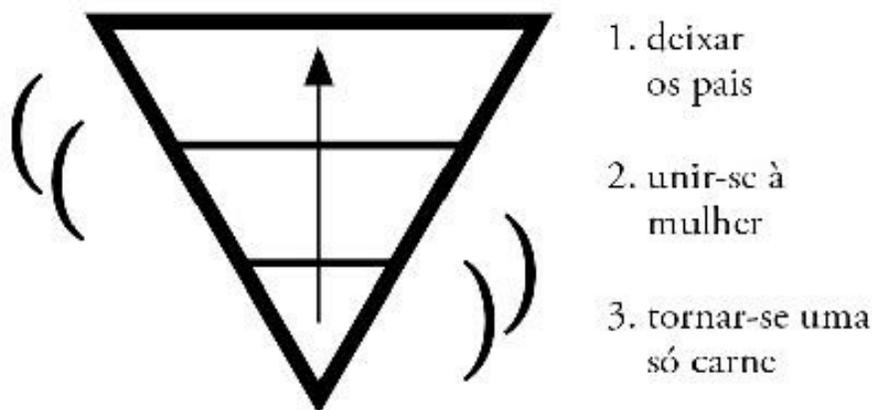
Figura 3



1. “... **deixará pai e mãe**” mostra o novo aspecto intelectual na ligação com a esposa. Ele agora pertence a ela, e ela pertence a ele, de forma inseparável. Hoje em dia, esse aspecto fica especialmente claro no casamento jurídico e público.
2. “... **se unirá à sua mulher**” aponta para o aspecto emocional do casamento, a ligação interior, com sentimentos, percepções e amor mútuos.
3. “... **eles se tornarão uma só carne**” aponta para o aspecto físico, que precisa do ambiente protegido do casamento para desenvolver uma sexualidade sadia.

Hoje esses princípios estão de cabeça para baixo (fig. 4):

Figura 4

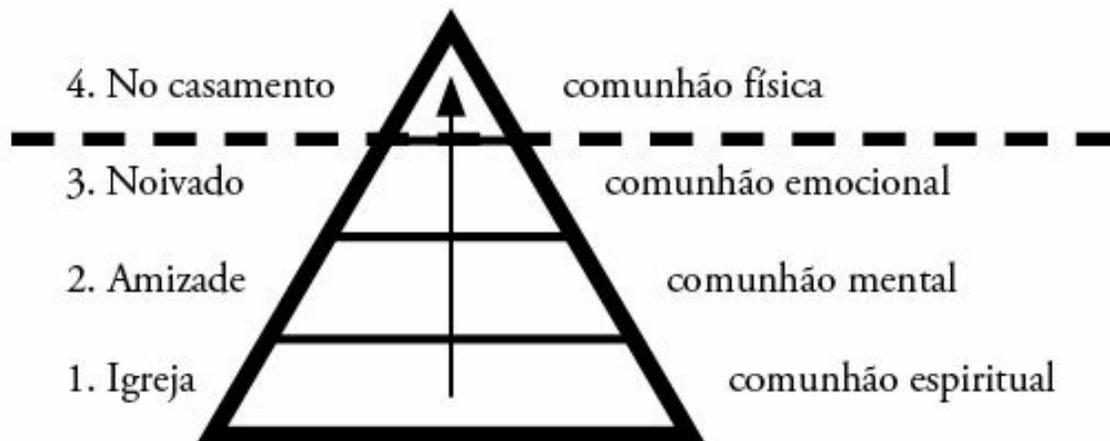


As quatro áreas da comunhão matrimonial

Na busca pela comunhão matrimonial harmoniosa, encontramos quatro áreas de convivência (cf. fig. 5) em que se experimenta crescimento:

1. a comunhão espiritual (conhecer-se, por exemplo, na igreja, no grupo de jovens etc.);
2. a comunhão mental (conhecer os interesses intelectuais do outro);
3. a comunhão emocional (conhecer as emoções e sentimentos um do outro);
4. a comunhão física (no ambiente protegido do casamento).

Figura 5



A figura 6 mostra o que acontece quando a comunhão espiritual é deixada de lado.

Figura 6



As três áreas do serviço conjunto

De acordo com o plano de Deus, a comunhão matrimonial não é apenas que “um viva para o outro”, não é um fim em si mesmo – por mais que o Senhor deseje que experimentemos o amor e a felicidade que existem na vida a dois, ela se destina a “viver juntos” para outros. Em primeiro lugar, para os filhos que Deus nos confiar, mas além disso também para outras pessoas que Deus colocar em nosso coração e caminho.

A fim de experimentar a harmonia que Deus deseja no casamento, vale a pena esperar e guardar-se para aquela pessoa que Deus tiver previsto para mim (fig. 7).

Figura 7

Caminho para a harmonia no casamento: será um slalom ou uma descida em linha reta?



Consultar Deus: será a pessoa certa?

Conhecer-se: há harmonia espiritual?

Orar e ler juntos: harmonia intelectual?

Noivado: harmonia emocional?

Casamento: harmonia completa

Primeiro olhar, apaixonar-se

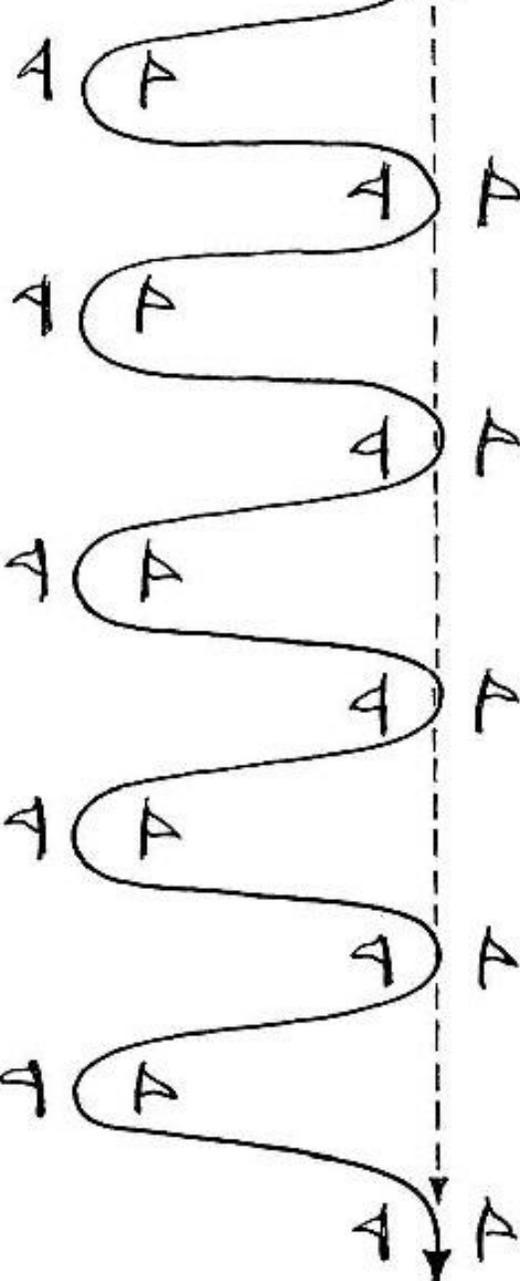
Conversar

"Gosto de você!"

Toque, beijo

Carinhos

Intimidade



Onde está, então, a diferença entre homem e mulher?

Há pouco tempo, li um livro notável de uma editora secular com um título bem interessante: “Por que os homens não escutam e as mulheres estacionam mal”. É espantoso que, já há alguns anos, até mesmo os grupos “mundanos” voltaram a refletir sobre o fato de que a igualdade dos sexos imposta pela emancipação feminina na verdade não corresponde à nossa realidade e às experiências do dia a dia. Hoje as pessoas voltam a ter coragem de apontar as diferenças, sem que sejam logo rotuladas de “patriarcais” ou “demagógicas”. É claro que nesse livro podemos, como cristãos, ignorar tranquilamente as forçadas justificativas evolucionistas. Mas é interessante que muitas diferenças de comportamento e da biologia possam ser cientificamente comprovadas.

A seguir, quero apontar algumas diferenças fundamentadas tanto pela biologia quanto pela personalidade.

Como não sou biólogo nem psicólogo, pesquisei algumas fontes. É possível que leitores com formação nessa área possam contribuir com pontos de vista adicionais. Mas em uma série desses aspectos nem é preciso estudar o assunto com muita profundidade; muitas vezes, basta olhar-se no espelho e ler a Bíblia para perceber com quantas diferenças Deus criou o homem e a mulher. Muitas pessoas só percebem isso depois de muitos anos; já outros são atraídos justamente pelas diferenças.

Diferenças biológicas:

1. A mulher tem uma variedade de hormônios maior que o homem.
2. Várias glândulas das mulheres funcionam de forma diferente do que nos homens.
3. Por natureza, várias das funções biológicas da mulher são diferentes do que no homem (menstruação, gravidez). Isso frequentemente causa oscilação das emoções.
4. O coração da mulher bate mais rapidamente, mas a pressão arterial muitas vezes é mais baixa. É por isso que na velhice ela tem menos tendência à pressão alta e a sofrer infartos.
5. O pulmão da mulher é menor: por isso, sua capacidade respiratória é inferior à do homem (na proporção de 7:10).

6. Já o estômago, os rins, o fígado e o apêndice da mulher são maiores (aparentemente ainda não se sabe por quê).
7. O sangue da mulher é mais fluido. Ela tem aproximadamente 20% menos glóbulos vermelhos. Por isso, ela muitas vezes se cansa mais rapidamente e é mais propensa a problemas vasculares.
8. O esqueleto da mulher é diferente do homem (por exemplo na constituição do quadril etc.).
9. O corpo feminino é bem mais complexo que o masculino, e normalmente mais suscetível a doenças.
10. O ritmo e as emoções da mulher são fortemente influenciados pelo seu ciclo mensal.
11. A força física do homem muitas vezes é maior.
12. A mulher, por sua vez, costuma suportar melhor temperaturas mais altas.
13. As mulheres vivem em média 3 a 4 anos mais que os homens.

Diferenças de personalidade:

Quando cito esses tópicos em palestras e seminários, muitas vezes observo como os casais se entreolham, começam a sorrir e fazem aquela cara de “agora estou entendendo!”:

14. O homem deriva seu senso de valor próprio especialmente a partir do sucesso no trabalho – a mulher, por sua vez, o extrai do relacionamento com o marido.
15. O homem muitas vezes é mais estável nos assuntos maiores, mas se mostra impaciente e irritável com coisas pequenas – já a mulher costuma ser mais focada em detalhes.
16. O homem normalmente opera mais com a razão – a mulher está mais ligada aos sentimentos e emoções.
17. Muitas vezes, o homem é mais lento para tomar uma decisão (e não a muda, mesmo se estiver errado) – a mulher tem mais facilidade para corrigir suas decisões.
18. O homem frequentemente é mais cético que a mulher.
19. O homem não gosta de falar sobre seus sentimentos tanto quanto a mulher.

20. O homem se desencoraja mais rapidamente que a mulher. Ele precisa que ela o valide, admire e encoraje.
21. O homem é muito mais influenciado pelos olhos – já a mulher depende mais da audição.
22. O homem fica calado quando precisa tomar uma decisão – mas a mulher fala até conseguir chegar a ela.

Não é à toa que a palavra de Deus recomenda aos homens, em 1Pedro 3.7, que “sejam sábios no convívio com suas mulheres”. Isso significa que o marido precisa ter consciência dessas diferenças.

(Por isso, Deus, em sua sabedoria, também distribuiu dons e responsabilidades de forma diferente na igreja.)

O plano de Deus para homem e mulher: muito bom!

1. **O plano de Deus para homem e mulher no casamento é complementação e harmonia, não concorrência.** Quero citar mais uma vez o exemplo do primeiro e segundo violinos (*clique aqui e releia o exemplo*) . Ele mostra claramente como é possível obter harmonia a partir de funções e “partituras” diferentes.
2. **Complementação da própria imperfeição** . O plano de Deus para o casamento prevê que o homem e a mulher se complementem. Foi por isso que Deus nos criou diferentes, para que duas partes diferentes formem um todo. A mulher não é um clone do homem. Há alguns dias, vi um livro de título chamativo: *Homens São de Marte, Mulheres São de Vênus* .
3. **Amizade e amor** . O objetivo de Deus para o casamento é que o homem e a mulher experimentem amizade íntima e profunda, além de viver no ambiente seguro e reconfortante produzido pela confiança mútua e pela fidelidade.
4. **Sexualidade protegida pelo casamento** . Deus sabe que a verdadeira realização e entrega sexual só é possível em um ambiente protegido. Especialmente a mulher, para entregar-se de verdade, precisa da segurança da fidelidade e da certeza de que o homem assume sua responsabilidade.
5. **Descendência desejada por Deus** . Deus deu a Adão uma tarefa:

“Sejam férteis e multipliquem-se”, conscientemente colocada dentro do contexto do casamento, porque o bom desenvolvimento das crianças também requer segurança, aconchego, calor e proteção.

6. **Educação à maneira de Deus** . Os filhos são um presente (emprestado) de Deus (Salmo 127.3, NVT). Deus confia-nos filhos por um certo período de tempo, com a incumbência de educá-los, mostrando-lhes o caminho para o Senhor. Isso acontece principalmente pelo exemplo dos pais.
7. **Um modelo para o relacionamento: Cristo e a igreja** . Acima de tudo, o interesse de Deus é que o ser humano compreenda o amor divino, íntimo e profundo de Jesus Cristo por sua igreja. Nesse aspecto, a Bíblia mostra a unidade indissolúvel criada por esse relacionamento. E um reflexo disso pode se tornar visível no casamento harmonioso entre homem e mulher de acordo com os planos de Deus (cf. Efésios 5.22-33).

A lei da criação de Deus para o homem e a mulher ainda é atual?

Como já demonstramos, Deus conscientemente criou Adão e Eva de forma diferente. Por quê? Não acho que ele só quisesse confirmar o ditado de que “opostos se atraem”. (Mas chama atenção o quanto os cônjuges são diferentes um do outro, especialmente dentro das igrejas. Conheci muitas irmãs engajadas e irmãos passivos – perdão: “prudentes”.)

Não, Deus colocou essa heterogeneidade em nós porque deu tarefas e responsabilidades diferentes ao homem e à mulher. Sei que hoje em dia esse tema frequentemente causa controvérsia. Depois de uma palestra sobre esse assunto, fui abordado por uma senhora católica muito engajada, que disse: “O senhor não pode estar falando sério, apresentando pontos de vista tão antiquados e medievais na atual era da emancipação. A igualdade de direitos já nos fez avançar tanto!”. – “Bem”, respondi, “na verdade quero voltar muito mais do que só até a Idade Média. Penso que aquele que nos criou é quem melhor sabe porque e para que nos fez. Portanto, se quisermos saber como Deus planejou a convivência harmoniosa entre homem e mulher, precisamos voltar ao início: a Adão e Eva no jardim do Éden. É aqui que na minha

opinião veremos com clareza máxima como Deus vê nosso relacionamento e responsabilidade conjugais”.

Vejam a situação no jardim do Éden: penso que todos conhecemos o relato da queda no pecado. Era um belo dia, e talvez Adão estivesse tirando uma soneca na sombra de uma árvore. Sua esposa está ali por perto, ocupada em alguma atividade, quando o Diabo (na forma de uma serpente) aparece, como um vendedor batendo na porta, e arma uma cilada para ela.

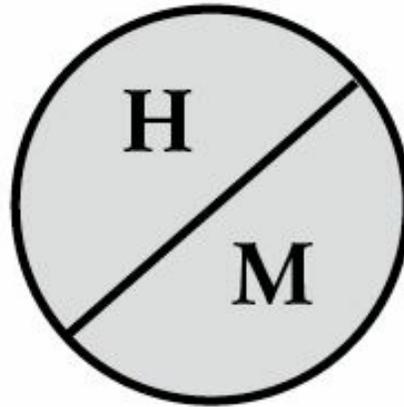
Ela cai na armadilha, pega o fruto proibido e também o dá “a seu marido”.

Quando Deus vem “fazer uma visita” no fim da tarde, chama atenção que ele não começa chamando a atenção de Eva, mas de Adão! Isso deixa claro que Deus obviamente esperava que Adão assumisse a responsabilidade por sua esposa. Com base em sua declaração anterior, Deus não os vê mais como duas pessoas independentes em sua responsabilidade, mas como uma unidade (“uma só carne”).

A partir disso, fica comprovado que Deus transfere ao homem a responsabilidade por sua esposa e pelas ações e comportamentos dela.

A figura a seguir ilustra esse fato: o círculo simboliza a unidade formada pelo casal constituído de homem e mulher (uma carne), o corte transversal inclinado pretende mostrar que, diante de Deus, o homem assume a responsabilidade por sua esposa, isto é, que ela está sob sua proteção. Essa responsabilidade não se refere apenas ao sustento exterior, mas com certeza também ao interior, espiritual. Evidentemente, Adão tinha avisado Eva sobre as ordens de Deus em relação à árvore do conhecimento do bem e do mal. Ou seja: no casamento, o homem carrega a responsabilidade; então, quando um dos dois faz algo, é como se um deles tivesse feito: ambos são um perante Deus. Portanto, os dois têm tarefas diferentes, de acordo com suas funções e naturezas diferentes, mas o homem é que presta contas.

Antes da queda



Quero voltar à ilustração da página 20. Quem já andou alguma vez em uma bicicleta com dois assentos conhece a característica especial desse “veículo”: ambos podem pedalar, mas só um pode guiar. Seria inviável que ambos tivessem guidões capazes de direcionar a bicicleta... menos ainda, se os guidões estivessem virados em sentidos diferentes.

Um dia desses, ouvi no rádio uma entrevista com alguém que aluga barcos no lago Müritz, no nordeste da Alemanha. A certa altura, ele contou: “Quando alugo uma canoa a remo para um casal, em pouco tempo consigo descobrir quem é que manda ali...”. É claro: os dois podem remar, mas só um deve determinar o ritmo. Do contrário, ambos certamente ficariam encharcados, e o barco andaria apenas em círculos...

Quando nosso filho Timo se casou, ele e sua esposa pediram que eu, como pai do noivo, trouxesse a mensagem na cerimônia. Fiquei pensando em uma ilustração que mostrasse a eles e a todos os convidados como funciona a convivência bíblica no casamento. Pedi então à minha esposa que costurasse duas camisas de uniforme como as usadas por atletas. Em uma delas, apliquei um grande “0” no peito e nas costas, e na outra, um “1”. Durante o sermão, pedi que ambos vestissem as camisas por cima de sua roupa de festa. Timo, o jovem marido, recebeu a camisa com o número “1”, e Andrea, sua esposa, o “0”. Pedi a eles então que se colocassem de forma que os algarismos formassem o maior número possível. Eles olharam um para o outro, de forma que eu visse um “10”. “Bom”, falei, “eu estou vendo um ‘10’, mas os seus convidados estão enxergando apenas ‘01’”. Eles se entreolharam de novo e trocaram de lugar. Agora os convidados viam “10”, mas para mim sobrou o “01”. Um olhou para o outro, em dúvida. De repente, Andrea entendeu do

que eu estava falando e colocou-se logo atrás de Timo. Agora o “1” estava na frente e o “0”, atrás. A congregação riu. Todos os presentes tinham entendido. É disso que a Bíblia fala: quando a esposa se coloca atrás do marido, ela o valoriza. Quando fica na frente dele, o diminui.

Deixe que as pessoas falem de emancipação e discutam a igualdade de direitos. No entanto, até hoje um casamento em que o homem é “capacho” ou a mulher “usa as calças” é motivo de risada.

Se você deseja ter um casamento harmonioso, lembre-se desse exemplo. No fundo, é o que Paulo diz em Efésios 5.21-33:

“Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo. Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo. Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja, pois somos membros do seu corpo. ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne.’ Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja. Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a você mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito.”

Sei que é difícil colocar isso em prática, mas depois de 33 anos de casamento minha esposa e eu só podemos concordar com isso. Isso inclui, naturalmente, que a mulher se coloque atrás do marido (se submeta) e que o marido assuma responsabilidade total por ela e a ame.

Perguntas para reflexão:

- Por que é tão difícil para mim obedecer ao mandamento bíblico?
- O que significa, como mulher, colocar-se atrás do marido?

QUANDO A MULHER ULTRAPASSA PELA DIREITA

Ainda com Adão e Eva

Será que com você acontece a mesma coisa que comigo? Quando compro algum eletrônico, sempre começo a usá-lo imediatamente, sem ler o manual de instruções. Normalmente, simplesmente tento usar, e na maioria das vezes não tenho problemas. Só pego o manual de instruções quando algo não funciona. Muitas vezes tenho a impressão de que as pessoas agem do mesmo jeito em relação ao casamento. No entanto, há um “manual” excelente para todas as áreas da nossa vida, inclusive para o casamento, para a convivência harmoniosa entre homem e mulher. A poesia irônica de Wilhelm Busch não precisa necessariamente se tornar realidade:

*Ela não tem nada, e você também não;
ainda assim, vejo que
já se estendem as mãos
para a aliança sagrada do matrimônio.*

*Crianças, vocês estão loucas?
Pensem bem no assunto!
Sem os recursos necessários
não se deve começar um confronto.* ^(nota 1)

Deus deseja um casamento feliz para nós, não uma guerra conjugal. Sim, o matrimônio pode ser um pedaço do céu na terra. Mas em muitos lares, ele se assemelha mais ao inferno...

O que destruiu a harmonia que Deus desejava para o casamento?

Quero perguntar algo às irmãs: onde foi que Eva errou? “É óbvio”, você dirá, “ela desobedeceu às ordens de Deus”. Ele tinha proibido que comessem do fruto da árvore, mas ela, ao ser enganada pelo Diabo, fez isso mesmo assim. O motivo para ela ceder à tentação é outro assunto. Essa desobediência destruiu a harmonia com Deus. Mas esta não foi a única consequência do pecado. A harmonia com o marido também se rompeu. Por quê? De que forma Eva errou em relação a Adão? Certo, ela tinha desrespeitado o limite de suas atribuições em relação a ele. De certa forma, ela “ultrapassou pela direita”.

Como “uma só carne”, como unidade, ela só poderia ter agido com a concordância dele. Afinal, ele era responsável por ela. Ao agir por conta própria, Eva abandonou suas atribuições e segurança, e o relacionamento entre ela e Adão mudou de uma hora para outra. Daqui a pouco analisaremos as consequências com mais detalhes.

Mas não é exatamente esse o erro fundamental nos casamentos e famílias modernos? De onde ele veio? Penso que fomos levados pelo pensamento da nossa época. Acabamos por acolhê-lo por meio da nossa educação humanista e dos ideais da emancipação. Estes defendem que a mulher é autônoma tanto no pensamento quanto na ação.

Deixamo-nos convencer de que homem e mulher não são uma unidade inseparável, mas parceiros de igual valor. E pensamos que essa parceria funciona de forma democrática. No entanto, abandonamos dessa forma o conceito que Deus planejou para o casamento. Ele deseja unidade de alma, espírito e corpo. Esse é o fundamento da verdadeira comunhão e harmonia.

Agora uma pergunta para os irmãos: onde foi que Adão errou? Talvez muitos homens pensem: quem não age também não erra. Mas foi justamente esse o erro de Adão. Embora ele obviamente estivesse perto da esposa quando o Diabo a enganou, não quis saber de onde ela pegara o fruto que lhe oferecia para comer. Fugiu da responsabilidade e permitiu que sua esposa agisse por conta própria.

E não é exatamente esse o erro de muitos maridos até hoje? Fogem das tarefas e responsabilidades que Deus lhes destinou no casamento. Com isso, não fornecem o ambiente seguro e protegido de que suas esposas precisam e acabam incentivando a autonomia delas dentro do casamento. Nos

casamentos modernos, homens e mulheres com frequência levam vidas paralelas; não formam uma unidade, mas vivem numa espécie de simbiose, que dá liberdade ao indivíduo e incentiva a realização pessoal.

Pode ser que você não concorde comigo nesse ponto, e pensa que precisamos adaptar nossos casamentos à sociedade atual. Mas quem deseja viver um casamento divino e harmonioso para a glória de Deus e para testemunho no mundo precisa estudar bastante as instruções iniciais do “manual” de Deus, a fim de aprender com os erros de outros.

Perguntas para reflexão:

- Em que áreas estou saindo dos limites das minhas competências?
- Em que aspectos não estou cumprindo minhas responsabilidades?

SULTÃO E SERVA?

Quais são as consequências da queda?

Como está a situação nas famílias e casamentos atuais?

Nos livros didáticos alemães, uma situação familiar típica em geral é retratada da seguinte forma:

O pai é preguiçoso. Fica sentado na frente da TV, enquanto a mãe trabalha como uma condenada. As crianças fazem gato e sapato dos pais, e ainda por cima são incentivadas a isso: “Lutem pelos seus direitos, crianças!”. Nossos filhos, por exemplo, receberam a seguinte tarefa no segundo ano da escola: “Faça uma comparação do tamanho do quarto dos pais e dos quartos dos filhos. Qual é maior?”.

O nosso retrato típico muitas vezes pode ser deduzido das seguintes questões: quem participa das reuniões de pais e professores? Quem assina trabalhos e boletins? Será que nós, pais, sabemos o que aparece nos livros dos nossos filhos?

Assim é o retrato de uma família típica na nossa época de combate aos preconceitos: recentemente, a propaganda de uma revista feminina trazia a seguinte manchete: “A mulher de hoje prefere fazer carreira a fazer a cama!”.

E qual é o “relatório de situação familiar” nas nossas igrejas? Há uma expressão em inglês que diz: “*Sit down, shut your mouth and put your head on*” [Senta aí, cala a boca e use a cabeça]. A mulher não pode falar nada na igreja, mas retira o atraso em casa. O homem manda na igreja – já em casa, é dominado pela esposa.

Nossos filhos percebem esse comportamento dos pais e formam sua própria imagem. Mas de onde vem esse comportamento errado dos cônjuges?

Ele é, pura e simplesmente, consequência da queda no pecado.

O que aconteceu quando Adão e Eva caíram em pecado?

1. Eles perderam a comunhão com Deus. É claro que a consequência imediata e mais grave do pecado é aquilo que Paulo diz em Romanos 5.12: “... o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte... veio a todos os homens”. O pecado atacou a humanidade inteira, como um vírus. Ele levou Deus a enviar o Redentor, Jesus Cristo, seu Filho, para libertar o ser humano da escravidão imposta pelo pecado e pela morte.

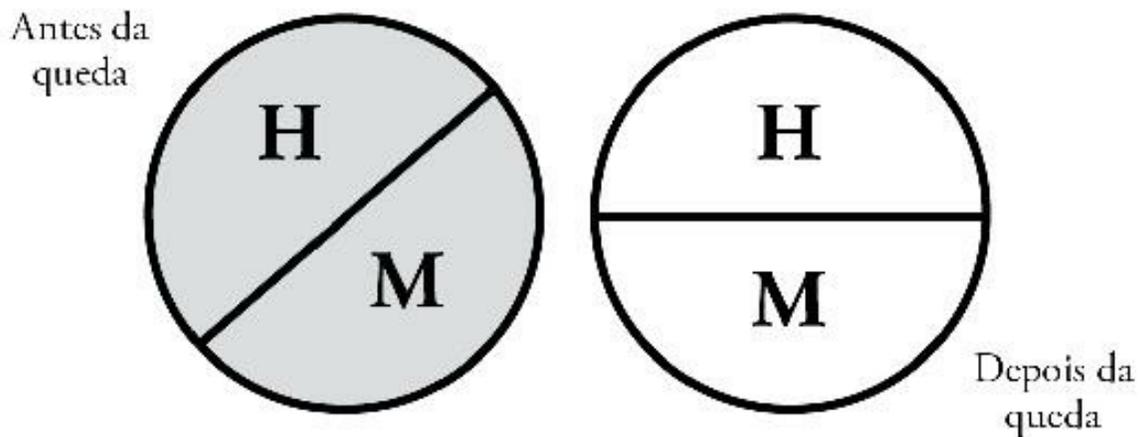
Aqui, no entanto, quero tratar das consequências que apareceram no relacionamento conjugal entre Adão e Eva. E nós também sofremos até hoje por causa dessas consequências.

2. Sua relação com o ambiente mudou. Deus disse-lhes que a partir de então fariam seu trabalho com “o suor do seu rosto”. O trabalho deixou de ser tarefa e ocupação legitimadas por Deus, tornando-se uma necessidade cansativa e difícil para a sobrevivência.

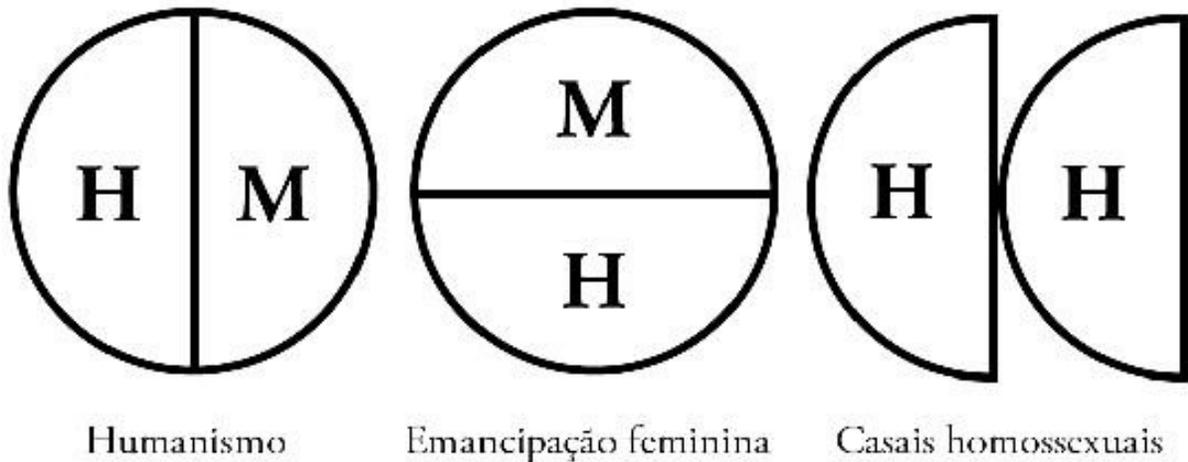
3. Sua relação com o corpo mudou. A vida ficou marcada pela percepção da nudez como expressão da vulnerabilidade de seus desejos mais íntimos. Para proteger a esfera íntima, Deus deu-lhes o sentimento de vergonha, e providenciou roupas para se cobrirem. Além disso, Deus avisa a mulher de que ela terá dores ao dar à luz. Assim, cada parto doloroso é um lembrete divino do pecado.

4. A relação entre eles mudou. Deus anuncia: “Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará” (Gênesis 3.16).

É importante notar que ele não disse que o homem *deve* dominar a mulher, mas que *vai* fazê-lo. Isso significa que o patriarcado, que muitas pessoas veem como algo sofrido, a opressão e a dominação sobre a mulher não fazem parte da lei da criação de Deus, mas são consequências do pecado!



Muita miséria e sofrimento surgiram e surgem até hoje desse fato. É claro que ao longo dos séculos muitas pessoas tentaram eliminar essa dominação. Basta lembrar do humanismo, que tirou Deus do centro das atenções e o substituiu pelo ser humano. O homem e a mulher não estão mais em uma relação de responsabilidade mútua, mas lado a lado, em uma parceria democrática. É só desde o advento do humanismo que nossa cultura fala de “parceiros” conjugais, e vê isso como normal e correto. Todos nós, inclusive os cristãos, estamos marcados por essas ideias humanistas, pois todos passamos por escolas com essa filosofia; assim, o cristianismo passou a ver a ênfase no “humanitarismo” como um conceito cristão, misturando-o com declarações bíblicas. Mas a Bíblia não fala de parceiros no casamento, mas da “casa” do ser humano, referindo-se assim a um ambiente familiar no qual o marido sustenta a responsabilidade.



Outra tentativa de inverter as leis da criação, ou mesmo da questão da queda, surgiu no começo do século XX, com a emancipação feminina. Esse movimento tentou dar à mulher posições de poder que Deus não tinha determinado para ela.

Hoje vivemos uma época em que todas as leis estão sendo questionadas e invertidas. O auge disso está na legitimação das parcerias homossexuais, que passam a ser equiparadas ao casamento. Mas o caminho para essa convivência feliz e harmoniosa de um sexo com (e não contra) o outro é a forma como Deus concebeu originalmente a vida humana – esse caminho leva de volta à lei conjugal original de Deus. Ela só funcionará para nós cristãos se incluirmos Jesus Cristo de forma consciente em nossos casamentos, se o colocarmos no centro do nosso relacionamento um com o outro. Na sua cruz conseguimos obter arrependimento e reencontrar a conexão correta com Deus e também uns com os outros.

É possível recomeçar!

As consequências das falhas conjugais muitas vezes são dolorosas – inclusive nos casamentos de cristãos. Não que o casamento cristão seja, por princípio, melhor que os demais, mas ele oferece oportunidade de verdadeiro arrependimento, mudança e perdão. Vamos nos ajoelhar juntos na presença de Deus e pedir por perdão e recomeço. Vamos confessar os pecados uns aos outros, perdoar uns aos outros, e assim aprender o que realmente é reconciliação e confiança renovada.

Conheço um jovem casal que se separou devido a uma infidelidade, mas que dois anos depois, com arrependimento, conversão e perdão conseguiu se reconciliar e reconstruiu o casamento. O testemunho deles é: “Nosso casamento está melhor agora do que era antes!”.

Perguntas para reflexão:

- Como nos vemos como cônjuges? Como parceiros ou como uma unidade?
- Qual é a diferença entre a posição do homem e da mulher antes e depois da queda?

CRISES EM UM CASAMENTO TEMENTE A DEUS?

Visitando Abraão e Sara

Gênesis 12.1–13.4

Cuidado! Ler essas páginas pode quebrar a imagem que você tinha até agora de Abraão e Sara. Talvez você já tenha lido e ouvido que Abraão era o “pai da fé”. É assim que Paulo o descreve na carta aos Gálatas. E o autor da carta aos Hebreus cita-o várias vezes na lista dos “heróis da fé”, em Hebreus 11.8. Sua esposa, Sara, também é mencionada com elogios nesse capítulo, e Pedro igualmente a destaca como exemplo a ser seguido (1Pedro 3). Se tivéssemos apenas o Novo Testamento, poderíamos pensar que esse casal tinha apenas boas características. Mas os relatos do Antigo Testamento mostram que eles também tinham suas fraquezas e defeitos.

É claro que muitas vezes ouvimos as histórias de Abraão na infância, e nessas horas os aspectos negativos costumam não ser mencionados. Mas a Bíblia é impiedosa ao descrever também o lado escuro de suas vidas, para que possamos aprender com isso.

A base para um casamento temente a Deus: o encontro com Deus

Para começar, vamos dar uma espiada na crônica familiar desse casal: para tanto, teremos de voltar cerca de 4.000 anos na história, ou seja, para mais ou menos a mesma quantidade de tempo que vivemos agora, mas antes da era de Cristo. Estamos na terra dos caldeus, na região da foz dos grandes rios Eufrates e Tigre. Ur é uma cidade altamente civilizada, com uma cultura que até hoje causa espanto. Escavações no local revelaram prédios de

apartamentos com vários andares, que já dispunham de aquecimento de piso por meio de água quente! Portanto, não podemos, de forma nenhuma, imaginar as pessoas daquela época como seminômades atrasados ou quase selvagens. As pessoas que moravam ali adoravam a Ur, o deus lua dos sumérios, e as ruínas do zigurate, um templo construído em degraus, demonstram um pouco das gigantescas proporções e das possibilidades tecnológicas do mundo daquela época. No pântano salgado da Mesopotâmia, cresciam principalmente tamareiras. Sumérios e caldeus alimentavam-se de seus frutos, e usavam a madeira na construção de suas casas. Negociavam marfim, ouro, madeira nobre e pedras preciosas a partir do golfo Pérsico.

É, o clã de Abraão devia viver muito bem. Mas, como seus vizinhos, também serviam aos deuses locais (Josué 24.2).

Mas então Abraão tem uma experiência que mudaria o resto de sua vida. Em Atos 7, Estêvão fala sobre isso no seu longo discurso: Deus encontra Abraão. E esse encontro deve ter sido muito impactante, pois mudou completamente a sua vida! Lemos ali: “O Deus glorioso apareceu a Abraão, nosso pai, estando ele ainda na Mesopotâmia”. Quando leio esse breve comentário, pergunto-me: como foi que eu conheci a Deus? Quem ele é para mim? Qual é a minha “imagem” dele? Para Abraão, o encontro aparentemente é tão convincente, tão imponente, que a partir daquele momento ele só quer seguir e servir a esse Deus. Este “Senhor da glória”, esse “Deus todo-poderoso” não deixa dúvidas de que tem um plano muito especial para Abraão.

Imagine a cena: de um dia para outro, Abraão abandona a civilização, empacota todas as suas coisas e começa uma viagem para uma terra desconhecida! Deus dissera a ele: “Saia da sua terra e do meio dos seus parentes e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Atos 7.3).

O que significa isso? Abraão tem certeza: quando Deus chama, é preciso seguir, é preciso estar disposto a obedecer. Ele não sabe para onde vai, mas quando Deus diz “vá” significa que ele deve se aproximar de Deus.

Esse é o princípio básico do discipulado: estou indo em direção a Deus. Mesmo quando o caminho é desconhecido, o alvo é estar perto de Deus! Discipulado é caminhar em direção a Deus.

Também nós podemos ter essa certeza hoje; quando nos tornamos discípulos de Jesus como casais, sabemos que essa caminhada nos levará cada vez mais para perto de Deus. Hudson Taylor expressou isso da seguinte forma: “Não sabemos o que o futuro trará, mas conhecemos aquele que é sempre o mesmo: ontem, hoje e para todo o sempre”.

Abraão começa sua viagem

Assim Abraão dispõe-se a ir para onde Deus o está chamando. Ele não sabe o que o espera, apenas isso: Deus me chamou. Será que eu também teria toda essa disposição se Deus me chamasse? Pelo que estaríamos dispostos a deixar nosso lar, nossa profissão, todo o conforto? Vivemos numa época em que as pessoas em geral só aceitam se submeter a uma mudança de residência por causa de um novo trabalho. Será que lembramos de perguntar onde Deus nos quer?

Poderíamos condenar Abraão por não atender a um dos critérios de Deus: “Saia... do meio dos seus parentes”? Não é admirável que ele aparentemente consegue convencer os parentes a acompanhá-lo? Mas Deus pensa de forma diferente. E logo vemos: ele fica preso em Harã, não consegue passar da metade do caminho. É preciso primeiro que Deus o liberte do relacionamento familiar. Só quando Terá, o pai, morre, Deus chama Abraão novamente.

Mais uma vez, ele e sua esposa se colocam a caminho, seguindo a antiga estrada comercial dos sumérios e hititas em direção a Canaã. Como Abraão aparentemente tinha assumido a responsabilidade por seu sobrinho Ló, este vai junto.

Mas não podemos imaginar a viagem de Abraão como se um pastor solitário caminhasse pelo mundo com a esposa, o sobrinho e três ovelhas, como muitas vezes vemos em ilustrações de livros infantis. A caravana aqui era uma enorme empresa pecuária, uma grande cidade de tendas com grandes rebanhos. Mais tarde, o texto fala de mais de 200 escravos nascidos na casa de Abraão e que sabiam usar a espada: isso reflete um pouco da grandeza do empreendimento. Ou seja: a caminhada de Abraão para a terra que Deus lhe mostraria era uma decisão tomada em nome de muitas pessoas que estavam sob sua responsabilidade. Tratava-se – para usar termos modernos – de

transferir todo o corpo de funcionários de uma empresa para um lugar diferente e desconhecido!

E agora imagine a decepção: ele chega a Canaã, e em Gênesis 12.6 lemos: “... os cananeus habitavam essa terra”. Estou até vendo a cara de Abraão. Será que a imagem que ele tinha da terra desconhecida era diferente? Não teria a expectativa de encontrar terras livres das quais pudesse tomar posse?

Mas nesse momento Deus fala novamente com ele e corrige sua perspectiva:

“À sua descendência darei esta terra”. (Gênesis 12.7)

E Abraão acredita nesse Deus que foi ao seu encontro e o chamou. Com ele quero aprender a confiar em Deus mesmo nas situações que imaginei de outro jeito.

O que é um cristão elástico?

Aqui (a partir de Gênesis 12.9) começa uma crise na vida desse casal temente a Deus, e que talvez faça com que você se pergunte: como as coisas puderam chegar a este ponto? As crises muitas vezes começam silenciosamente, sem que ninguém perceba. São desvios na vida a que damos pouca atenção e que nos tiram apenas ligeiramente do trilho certo. No verso 9 lemos: “Abraão prosseguiu em sua jornada para o sul” (NVT).

Por que ele fez isso? Bem – você dirá, como que para justificá-lo –, Deus não tinha prometido a terra inteira? Por isso ele resolveu olhar toda a terra. Além disso, seus rebanhos precisavam de pastos novos todos os dias. Não seria lógico, então, que ele fizesse isso?

Conhece o “cristão elástico”? Não? Espero que você não seja um deles. Em algum momento da vida, ele toma uma decisão pelo Senhor Jesus. Sabe quando foi o dia de sua conversão. Sabe que o Senhor morreu por ele e que perdoou os seus pecados. Mas então escuta aquela palavra-chave sobre a “liberdade do cristão”, e lá se vai ele, explorando a vida. Está sempre se perguntando: “O que posso fazer como cristão? Até onde posso ir? Continuo tendo certeza da minha conversão, mas até onde posso me afastar de Cristo sem colocar minha salvação em risco?”. Assim, ele vai esticando o elástico que amarrou a Jesus no momento de sua conversão: “Como cristão eu posso ir ao cinema? Como cristão eu posso ter aulas de dança? Como cristão eu

posso tomar bebida alcoólica? Como cristão eu posso fumar? Posso dirigir um carro poderoso? Posso...?”.

Abraão puxa o elástico: “Até onde posso ir sem deixar a terra prometida? Não, não virei as costas para Deus, não abandonei a fé, continuo andando com meu Deus!”.

Veja, qualquer pergunta que comece com “Como cristão eu posso...?” está errada. Seria mais correto perguntar: “Quão perto posso chegar do meu Senhor? Como posso viver na sua presença e para a sua glória?”.

As consequências não demoram a aparecer

No verso 10 lemos: “Houve fome naquela terra”. Muitas vezes essa também é a consequência na nossa vida e no nosso casamento. Quase imperceptivelmente, nosso coração vai ficando vazio quando não buscamos manter um relacionamento íntimo com o Senhor.

Rapidamente nos acostumamos a viver a uma certa distância de Deus. Talvez você ainda leia o devocional cristão de manhã, mas o que aconteceu com o seu relacionamento íntimo com o Senhor? Espiritualmente, vivemos um cristianismo *fast-food* : basta fazer aquele lanche espiritual rápido e nem percebemos que o coração está emagrecendo. É muito fácil acostumar-se a esse tipo de dieta. Por fora, parecemos saudáveis, mas por dentro estamos secando. “Houve fome naquela terra.” Em outro trecho, a Palavra de Deus diz o seguinte sobre Israel: “E ele lhes cumpriu o seu desejo, mas enviou magreza às suas almas” (Salmo 106.15, ACF). Estou preocupado que muitos em nossas igrejas estejam se acostumando com essa magreza. Não sabem mais o que é a alegria de viver perto de seu Senhor – uma pena.

O que Abraão faz?

Bem, Abraão percebe a magreza. Seus rebanhos gritam por pasto, seus pastores provavelmente se queixaram. O que fazer? Seu raciocínio é muito lógico. Alguém poderia pensar que ele estudou administração. O que faz o empresário que percebe redução de seus recursos, que os gastos não estão mais sendo cobertos pela produção e pelo faturamento? Uns tentam reduzir custos, mandando funcionários embora; outros talvez tentem ampliar a

produção em outras áreas. Abraão escolhe uma terceira opção. Sua conclusão sensata é: é preciso transferir o local de produção para o exterior!

Do ponto de vista empresarial, o raciocínio está correto! Ainda que os custos de transferir a empresa sejam altos, a perspectiva de diminuir as dificuldades e aumentar a eficiência não permitem outra decisão.

Qual foi o erro de Abraão em meio a tanto raciocínio lógico? Ele não tinha agido de forma prudente, tendo em vista a responsabilidade que carregava em relação aos que o acompanhavam? Com certeza, mas em meio a estes planos ele acabou não buscando o plano e a vontade de Deus!

Não somos muitas vezes como Abraão? Você planeja uma mudança de emprego, de casa, de igreja. Mas será que você pergunta: “Senhor Jesus, o que achas de tudo isso? O que queres que eu faça?”.

Ah, se Abraão tivesse pedido orientação a Deus nesse momento teria evitado uma série de consequências que afetaram seu casamento e sua família.

Abraão se muda para o Egito

Assim, Abraão se coloca a caminho, atravessando a fronteira da terra que Deus lhe prometera, a fim de procurar ajuda no exterior, no culturalmente avançado Egito. Um enorme comboio caminha em direção ao Egito, seguindo pela estrada que costeia o mar Mediterrâneo. E o que fazemos quando estamos indo para uma terra estranha e desconhecida? Ainda me lembro bem de uma viagem que fiz à Tchecoslováquia antes da abertura da Cortina de Ferro, a fim de visitar algumas igrejas. Quanto mais nos aproximávamos do destino, mais inquietos ficávamos. Pouco antes da fronteira, paramos no último posto que havia. Andamos em volta do carro e verificamos tudo mais uma vez, certificando-nos de que toda a documentação estava em ordem. Depois respiramos fundo e fomos em direção à cancela.

Imagino Abraão em uma situação parecida. Pouco antes da fronteira com o Egito, ele estaciona sua tropa para uma última parada. Neste momento ele olha para sua esposa, Sara. Ela já não é mais nenhuma mocinha, mas aparentemente continuava bela aos 65 anos. “Meu bem”, começa Abraão, e beija-a no rosto, “faz tempo que não a elogio. Sabia que você é muito bonita? Uma verdadeira beleza exótica em comparação com as egípcias. Mas isso

poderia ser perigoso para mim”. Encabulado, fica mexendo na aliança. “Quando penso que os egípcios também podem se encantar com sua beleza, pode ser que eles me matem para ficar com você.” Devagar, ele tira a aliança do dedo e esconde-a na bolsa do dinheiro. “Sabe”, diz, enquanto massageia o dedo para tirar a marca do anel, “sabe, é melhor você tirar a sua aliança também. Vamos fingir que somos irmãos, e não um casal. Na verdade, nem é bem uma mentira. Afinal, você é minha meia-irmã. Mas assim eu estarei seguro. Se você me ama...”.

Não sei o que Sara pensou nesse momento. Mas provavelmente ela concordou.

Note: um passo errado normalmente leva a outro passo errado. Nem Abraão nem Sara buscam pela vontade de Deus. Tudo parece ser tão óbvio, lógico e inteligente. Abraão e Sara olham um para o outro, trocam uma piscadela, um último beijo e lá vão eles em direção à fronteira.

E, de fato, acontece o que se esperava. “Veja só”, diria Abraão então, “eu estava certo”.

“Quando Abrão chegou ao Egito, viram os egípcios que Sarai era uma mulher muito bonita. Vendo-a, os homens da corte do faraó a elogiaram diante do faraó, e ela foi levada ao seu palácio. Ele tratou bem a Abrão por causa dela, e Abrão recebeu ovelhas e bois, jumentos e jumentas, servos e servas, e camelos.” (Gênesis 12.14-16)

Podemos apenas imaginar o que Sara deve ter sentido. Não seria de esperar que ela começasse a gritar quando os mensageiros do faraó vieram para levá-la ao palácio, que se agarrasse a Abraão?

Não, ela aceita a situação. Imagine só: ela, a simples esposa de um nômade, que tinha deixado para trás o luxo e a civilização dos caldeus e desde então vivia uma agitada vida errante em tendas, agora seria a esposa do homem mais poderoso do mundo daquela época! Estão à sua disposição ambientes em ouro e lápis-lazúli, um mundo de cultura e poder, de luxo e riqueza, com servos e servas, uma cama dourada de dossel, cosméticos em abundância (finalmente!) e um banquete a cada refeição. Na corte haveria músicas e danças. Nunca mais teria de economizar suas moedinhas. Recebe honrarias e deleita-se na admiração e no desejo que sua beleza despertam.

“Abraão, levamos uma vida romântica, mas agora terei um casamento de conto de fadas!”

“Em quanta dificuldade o Deus gracioso não espalhou as asas sobre você!”

“Mas o Senhor puniu o faraó e sua corte com graves doenças, por causa de Sarai, mulher de Abrão.” (Gênesis 12.17)

Ah, se o Senhor não tivesse intervindo com poder aqui... As consequências seriam inimagináveis. No entanto, Deus puxa o freio de mão! Mas por que Abraão tinha renegado Sara como sua esposa? E por que Sara concordou? Podemos apenas fazer suposições, pois a Bíblia é silenciosa nisso. Seja como for, Abraão não assumiu a responsabilidade que Deus dera a ele em relação à sua esposa. Não queria correr risco de vida por causa dela. Talvez tenha pensado: “Deus prometeu o descendente, o herdeiro, por isso pelo menos eu tenho de sobreviver”. Mas isso mostra que ele não tinha entendido o plano divino para o casamento. O que aprendemos com Adão e Eva? Deus vê o casal como unidade, como “uma só carne”. Na prática, isso significa: quando diz a Abraão que ele terá um filho, ele está se referindo a um filho também de Sara, e não somente de Abraão!

Até hoje é muito fácil um casal se ver como duas pessoas e personalidades distintas, que precisam cultivar sua individualidade em vez de viver para buscar unidade e unanimidade! Quando o marido diz ou faz algo, ele está agindo e falando também em nome de sua esposa; quando uma esposa diz ou faz algo, ela precisa se certificar de que está agindo com a concordância de seu marido.

Aqui Abraão age por egoísmo e medo, e não por amor.

Vamos nos permitir uma segunda pergunta. Por que Deus intervém aqui, em vez de dizer: que arquem com as consequências de suas decisões erradas? Penso que o que está em jogo aqui é mais do que simplesmente Abraão e Sara – trata-se do descendente prometido. Ele fazia parte da sequência da história da salvação planejada por Deus, cuja linha começa na promessa de Gênesis 3.15 e vai até o Redentor Jesus Cristo, no Novo Testamento. Deus traça essa “linha mestra” ao longo de toda a história do Antigo Testamento. E

o que ele promete, ele também cumpre. Cumpre-se aqui a palavra do salmo: “Não toquem nos meus ungidos” (105.9-15).

Com grande gratidão, podemos viver com essa certeza: mesmo quando “somos infiéis”, quando fracassamos, “ele permanece fiel” (2Timóteo 2.13).

Expulsão

Imagine só que situação constrangedora: o faraó confronta Abraão, declara-o indesejado e expulsa-o do país, sob escolta policial! Que vergonha é quando um não cristão precisa chamar a atenção do cristão por causa de seus erros!

Eu lembro de algo que aconteceu comigo há algum tempo: fiz uma manobra arriscada para ultrapassar outro carro, e em seguida precisei frear com força, cantando pneu, para conseguir parar em um semáforo fechado. Logo depois, alguém bateu no vidro do meu carro; baixei o vidro e um motorista irado (aquele que eu tinha acabado de ultrapassar) apontava, indignado, para o adesivo com um versículo bíblico no meu vidro traseiro, enquanto exclamava: “Se esse é o seu Deus, eu dispenso!”. Que vergonha! Eu só pude me desculpar silenciosamente e, quando ficou verde, continuei meu caminho constrangido, bem devagar...

Como terá sido a caminhada de Abraão na volta para Canaã? Talvez de cabeça baixa e rosto vermelho, sua esposa também em silêncio, seguidos pelo restante da caravana. Talvez conseguia-se ouvir alguns cochichos: “Shhh, fica quieto, o chefe está de mau humor!”. Uma marcha calada até Betel. Abraão e Sara envergonharam-se.

E como se conserta algo assim?

“Saiu, pois, Abrão do Egito e foi para o Neguebe, com sua mulher e com tudo o que possuía, e Ló foi com ele. Abrão tinha enriquecido muito, tanto em gado como em prata e ouro. Ele partiu do Neguebe em direção a Betel, indo de um lugar a outro, até que chegou ao lugar entre Betel e Ai onde já havia armado acampamento anteriormente e onde, pela primeira vez, tinha construído um altar. Ali Abraão invocou o nome do Senhor.”
(Gênesis 13.1-4)

Bem, agora Abraão volta para o altar onde Deus tinha falado com ele da última vez, entre Betel e Ai. Esta, aliás, é uma descrição geográfica

interessante. Betel significa “casa de Deus” e Ai significa “lixão”. Talvez vejamos nisso uma referência aos dois extremos entre os quais oscila nossa vida: a presença de Deus e o lixo deste mundo! Aqui podemos encontrar a Deus e aqui Deus vem ao nosso encontro.

Estou convicto de que nesse ponto Abraão falou sobre suas escolhas erradas e arbitrárias, e pediu perdão. Mas isso resolvia a questão?

Infelizmente não. Quais são as consequências de sua decisão errada? Em lugar nenhum lemos que ele tenha conversado com sua mulher sobre esse evento. A continuação da história parece indicar que esse acontecimento os assombrou a vida inteira, e que o relacionamento entre eles se manteve até certo ponto distante. Ele não pede perdão a ela. Mais tarde, quando a escrava Hagar – que, aliás, era uma “lembraçinha” trazida do Egito – tem Ismael e começa a ficar arrogante, Sara explode e exige que ela e o filho se mudem.

Outra pergunta: Abraão, aparentemente, também não conta a seu filho Isaque sobre essa viagem ao Egito, pelo menos não como um erro. De que outra maneira se explicaria o fato de Isaque cometer o mesmo erro em sua vida?

Além disso, a viagem ao Egito apresenta a seu sobrinho Ló novos falsos valores de vida. A partir daquele momento, ele passa a focalizar sua carreira, e com isso toma um desvio que depois o levará ao fracasso.

Outra consequência do comportamento errado de Abraão: até hoje a história do mundo convive com a rivalidade entre os descendentes de Ismael (da escrava egípcia Hagar = os árabes) e os descendentes de Isaque (os judeus).

Observamos: nosso pecado nunca afeta somente a nós mesmos!

Muitas vezes nossos erros e caminhos equivocados também atingem outras pessoas. É muito importante reconhecer seus erros – não só diante de Deus, mas também diante das pessoas, na família ou na igreja, para que outros possam aprender deles e não correr os mesmos riscos.

De onde vêm as decepções no casamento?

Percebemos, pelo comportamento de Sara, que aparentemente ficou algum ressentimento do fato de seu marido tê-la renegado naquela ocasião. Alguém certa vez disse: “Culpa não perdoada é como uma mina terrestre: com o tempo, a grama pode crescer por cima, mas aí de quem pisar: ela vai explodir!”.

Imagino-os como um casal que estava constantemente em “pé de guerra” e só trocava palavras venenosas. Quais eram as causas? Muitas vezes, elas estão lá longe, no passado: talvez sejam

- desejos não realizados,
- expectativas erradas e não atendidas,
- uma imagem errada que tinham um do outro,
- o sentimento de incompreensão ou abandono.

As reações podem ser muito variadas:

- Uns “engolem” tudo e consomem-se por dentro. Mas em algum momento acabam explodindo, e em outra área.
- Outros explodem logo ou tornam-se críticos (essa é uma espécie de explosão constante). No entanto, o resultado é exatamente o oposto do desejado.
- Uma terceira opção é vingar-se e “punir”, recusando sexo, controlando os gastos ou se jogando no trabalho.

Como podemos superar a decepção e a frustração?

A Bíblia nos mostra apenas o caminho da cruz: ore e tente conversar com amor sobre o assunto. O Senhor Jesus disse:

“Se o seu irmão pecar contra você, vá...” (Mateus 18.15);

e Paulo recomenda em Efésios 4.26:

“Apazíguem a sua ira antes que o sol se ponha”.

Nunca permitam que um problema, uma desavença, uma briga se acumulem de um dia para outro! Ajoelhem-se juntos para orar! Arrependimento, perdão e recomeço são as chances de sobrevivência do casamento cristão apesar de todas as suas falhas!

Perguntas para reflexão:

- Qual foi o erro de Abraão?
- O que ele deveria ter feito depois de retornar?

O ACONSELHAMENTO MATRIMONIAL DE DEUS

Ainda com Abraão e Sara

Gênesis 18.1-15

O dia está abafado e pesado sobre a terra. Praticamente dá para ver o ar faiscando. Mesmo os animais buscam sombra. Quando não é absolutamente necessário deslocar-se, qualquer pessoa no Oriente evita sair no calor do meio-dia.

Acreditei à toa?

Exausto, Abraão descansa na sombra do grande terebinto. Seus pensamentos voltam no tempo, e seu olhar contempla o chão. Ele faz um balanço. Agora já faz 24 anos que ele percorre essa terra. O Deus glorioso o encontrara quando ele estava com 75 anos (Atos 7; Gênesis 12.4). Esse encontro foi tão impactante em seu coração que ele deixou sua terra e sua família na distante Caldeia para seguir o chamado de Deus. Veio então para esta terra, que Deus tinha prometido a ele e a seus descendentes. Ele percorrera o território. Ano após ano esperou por um filho, mas Sara continuava estéril, e o acontecimento tão desejado não se realizou. Ah, ele queria tanto acreditar na palavra de Deus, mas agora eles já estavam velhos. No próximo ano, ele fará 100! E Sara, sua esposa? Ela também não está ficando mais jovem. A menopausa já ficou para trás há tempo. Alguém já ouviu falar de uma nonagenária tendo filhos?!

Mas não é só isso. Abraão sabe disso muito bem. Na verdade, ele nem gosta de lembrar. Mas é obrigado a reconhecer: eles estavam emocionalmente distantes um do outro. E ele, Abraão, sabe muito bem qual é o motivo. Por duas vezes, ele a decepcionara demais, renegando-a de forma vergonhosa e

abandonando-a! Ele tinha pedido perdão a Deus, mas até hoje não tinha conseguido conversar com Sara e pedir-lhe a reconciliação. Então veio a história com Hagar, a escrava egípcia! Eles tinham pensado que dessa forma conseguiriam dar uma ajudinha à promessa de Deus...

E, durante todos esses anos, Deus se calara. Será que ainda lembrava dele?

Um vislumbre de esperança?

Mas há pouco tempo Deus falara com ele de novo e tinha renovado a promessa. Tinha revelado até mesmo o nome do filho que nasceria, e garantira que Sara seria a mãe. Era difícil de acreditar. Como dizer algo assim à sua mulher? Ela não iria rir dele? Talvez até mesmo o rejeitasse de vez, depois de tantas decepções? Ah, se desse para voltar ao começo e fazer tudo de novo... Abraão sente-se preso em um beco sem saída. Por um lado, a promessa de Deus – do outro, a aparente irreversibilidade da situação. Como ele desejava a presença de Deus nesse momento. Assim poderia discutir tudo isso com ele.

Visita inesperada

Pensativo, ele levanta os olhos. Tinha escutado alguém se aproximando? É isso mesmo, havia três homens parados a uma certa distância, aparentemente querendo vê-lo. E de repente ele percebe: o próprio Deus tinha vindo até ele! Aquele que conhece meus pensamentos de longe! Abraão põe-se de pé num salto, corre ao encontro deles e insiste para que aceitem sua hospitalidade. Só um pedaço de pão, oferece ele, humilde e modestamente. E vejam só, Deus aceita o convite, pois conhece seu coração transtornado, suas perguntas inquietantes.

Abraão corre, se apressa, prepara comida. Nada de pouca coisa, só o melhor para o meu Deus, para o meu Senhor! Ele encontra Sara na cozinha: “Sara, temos visita! Prepare bolo, por favor?”. Que bom que, apesar de todas as suas falhas como marido, Abraão ainda pode contar com sua esposa. Ele corre até o rebanho, escolhe um novilho novo e bom, e instrui um de seus servos a preparar a carne! Isso envolve abater, cortar, assar, cozinhar... E Deus espera! Espera até que Abraão se acalme. Até que esteja diante dele, esperando pelas suas palavras. É assim que Deus age! Ele não debate as

questões difíceis e complicadas do coração conosco de forma apressada e superficial! Que conforto é saber que o grande Senhor da glória separa tempo para ajudar seu “herói da fé” a superar seus obstáculos na vida de fé.

Só uma pergunta?

E então Deus começa a conversa. Abraão leva um susto. Será que o Senhor vai repreendê-lo por ainda não ter se reconciliado com sua esposa? Por não ter lhe contado a respeito do seu mais recente encontro divino e da promessa concreta de que em um ano ela teria o filho prometido?

“Onde está Sara, sua mulher?”

Será que ele tinha escutado corretamente? Por que Deus estava perguntando isso? Ele não sabia que ela estava logo atrás da porta, escutando a conversa? Espantado, Abraão olha para seu Senhor e aponta para a tenda atrás de si: “Ali na tenda”. Mas as palavras de Deus continuam ecoando em seu coração e o fazem pensar.

O que Deus pretende com perguntas tão simplórias? Ele não sabe de todas as coisas? “Adão, onde está você?”, “Que foi que você fez?”; “Hagar... para onde vai?”. São todas questões que Deus faz ao homem, mesmo sabendo muito bem qual é a resposta. Mas ele quer que nós, seres humanos, também respondamos. Ele nos faz pensar a respeito de nós mesmos. E suas perguntas não são complicadas.

O coração de Abraão continua trabalhando: pois é, onde está sua esposa? Onde está Sara? Claro, ela trabalha com dedicação e fidelidade na tenda, ajudou a servir a refeição aos visitantes inesperados. Mas onde ela está interiormente? Quando foi a última vez que eles tinham desfrutado de uma comunhão espiritual? Quando foi a última vez que oraram juntos, conversaram sobre seu futuro juntos e sobre as promessas de Deus? De repente, a distância entre ele e sua esposa, com quem está casada há tantos anos, parece infinitamente grande...

Mas Deus quer reuni-los de novo; na verdade, ele precisa fazer isso para que a promessa do descendente possa se cumprir! Com amor e grande consideração, ele ajuda seu servo Abraão a passar por cima do obstáculo que parecia intransponível: as frases a seguir (a repetição da promessa que já tinha lhe dado) são ditas em voz alta o suficiente para que Sara consiga ouvi-

las lá de dentro da tenda. Assim, ele constrói uma ponte entre os dois idosos cônjuges, que emocionalmente estavam tão longes um do outro. É assim que funciona o aconselhamento de Deus! Nada de longos sermões ou “broncas”, mas “apenas” uma pequena pergunta, que leva o coração ferido a refletir e a voltar atrás.

Quantas vezes Deus já lhe perguntou: “Onde está sua esposa?”; “Onde está seu marido?”; “Onde estão seus filhos?”; “Você conhece a situação interior deles, ou a comunhão espiritual com eles está interrompida?”.

“Senhor, constrói para nós pontes para que cônjuges e familiares consigam se reencontrar e permanecer unidos. Para que orem, conversem e sirvam juntos a ti e aos outros!”

Perguntas para reflexão:

- Eu sei qual é a situação interior do outro, o que o move?
- Será que por dentro já nos despedimos um do outro?

QUANDO O HOMEM BUSCA A CARREIRA

Visitando o casamento de Ló

Gênesis 11–19

Quem é que conhece Ló de Ur? Bem, esse homem bem-sucedido já morreu há alguns anos. Quase 4.000, para ser mais exato. Uma história ultrapassada? De jeito nenhum! Dificilmente haverá história mais atual e polêmica nos dias de hoje.

Um órfão se dá bem!

Seus pais morrem cedo, e assim ele é adotado pelo seu benevolente tio. Este lhe ensina a cultivar a terra e a criar gado. Mas para ele não é suficiente levar uma vida nômade tranquila, à sombra de seu tio.

E vai subindo cada vez mais...

Ele busca novos alvos para sua vida. E encontra-os em uma viagem ao Egito, a nação mais progressista e civilizada daquela época. É um verdadeiro paraíso na terra. Ele não consegue mais esquecer o que viu por lá. Por isso, opta pela independência, torna-se autônomo e vai morar nos férteis vales do rio Jordão. Seu tio evitara aquela região porque considerava as cidades de lá perigosas para a paz de sua alma.

Sodoma – um bordel a céu aberto

É possível que os bairros de prostituição das atuais grandes cidades talvez sejam inocentes em relação à situação degradada e imoral de Sodoma e Gomorra. Mas não teria sido possível manter-se à distância?

No entanto, o sucesso profissional vicia e nos torna dispostos a muita coisa para conseguir avançar! A palavra *workaholic* pode até ser moderna, mas o conceito já existia naquela época. Em pouco tempo, Ló abandona toda hesitação, casa-se e passa a morar em Sodoma.

Como suportar tudo isso?

Ele até tem nojo da vida ali, mas as vantagens parecem compensar. Assim, não percebe que está afundando cada vez mais: a conexão interior com a mulher se perde, a moralidade de suas filhas corre risco e sua alma está cada vez mais torturada.

“... pois, vivendo entre eles, todos os dias aquele justo se atormentava em sua alma justa por causa das maldades que via e ouvia.” (2Pedro 2.8)

Mesmo assim, não tem tempo para refletir, e nem mesmo uma guerra curta e violenta e o conseqüente cativo são suficientes para lhe devolver o juízo. Muito pelo contrário! Depois de voltar, chega ao topo de seus planos: torna-se um homem respeitado e é eleito para integrar o conselho da cidade! Ele chegou lá!

O jogo vira!

De repente, uma catástrofe terrível põe fim a tudo. A muito custo, ele consegue salvar-se; mas, ao mesmo momento, perde carreira, casamento, a pureza das filhas, o sentido de sua vida e o ânimo para continuar!

Agora não passa de um homem alquebrado, que busca consolo e esquecimento no álcool...

Vamos analisar a história para ver como essa tragédia se formou:

De onde Ló recebeu seus valores?

Para começar, ele vinha de uma área altamente civilizada no rico delta dos rios Eufrates e Tigre. Ur da Caldeia era uma cidade moderna, com uma movimentada vida comercial e cultural. Não tinha saído de lá por iniciativa própria. Seguiu seu tio, que tinha passado por uma experiência e encontro pessoal com o Deus Todo-Poderoso. Ele, no entanto, vira-se forçado a acompanhá-lo, uma vez que Abraão assumira o cuidado e a responsabilidade por ele.

Mais tarde, a viagem ao Egito deixou marcas profundas em Ló. Ainda que fosse uma cultura totalmente diferente da dos caldeus, era tão, se não mais, civilizada do que a da Mesopotâmia. O padrão de vida dessas metrópoles da Antiguidade fascinava-o profundamente.

E, quando então tem a chance de escolher uma nova terra para criação de gado, sua decisão é clara:

“Olhou então Ló e viu todo o vale do Jordão, todo ele bem irrigado, até Zoar; era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito... Ló escolheu todo o vale do Jordão e partiu em direção ao leste. Assim os dois se separaram.” (Gênesis 13.10-11)

Aqui ele poderia concretizar o tipo de vida com que sonhava desde sua viagem ao Egito...

E, de fato, ele consegue tornar-se um cidadão respeitado e influente. Mas com o tempo o ambiente ímpio de Sodoma também o influencia. Não é assustadora a proposta que ele faz aos sodomitas na tentativa de proteger os dois anjos que tinham vindo visitá-lo (Gênesis 19.8)? E pensar que eles tinham aparecido para salvá-lo e protegê-lo!

Quais foram as decisões erradas na vida de Ló?

Quando pensamos sobre as decisões erradas na nossa própria vida, precisamos tomar consciência dos momentos em que escolhemos, de forma consciente ou não, caminhos que nos levaram para longe do destino.

No caso de Ló, o primeiro desses momentos certamente foi quando se separou de Abraão. Nesse ponto ele não se afastou apenas do tio, que tinha cuidado dele, mas também da bênção e da comunhão pessoal com Deus. Nos relatos sobre a vida de Ló não há nem uma única menção a um altar como sinal visível da comunhão com Deus!

O segundo desvio foi mais sutil: passo a passo, ele foi aproximando sua moradia do ambiente ímpio de Sodoma (Gênesis 13.12; 14.12; 19.1).

A terceira decisão negativa foi a escolha da esposa. Possivelmente ela era de Sodoma. Ela não o ajuda a agir de forma a aliviar sua consciência atormentada; pelo contrário, está profundamente ligada a essa cidade pecadora e por isso acaba morrendo durante a fuga.

O que Ló escolheu, e o que sacrificou por isso?

Vamos comparar aqui os dois lados:

1. Ló escolhe o padrão de vida – e sacrifica a proteção ética e moral de sua família.
2. Ele escolhe a independência – e sacrifica a comunhão com Abraão e com Deus.
3. Ele escolhe o futuro aparentemente bom – e sacrifica a dependência de Deus.
4. Ele escolhe a esposa – e sacrifica a harmonia que Deus deseja para o casamento.
5. Ele escolhe o reconhecimento do mundo – e torna-se inútil para Deus.
6. Ele escolhe sua carreira – e sacrifica tudo em nome disso: a paz de sua consciência!

O que nós escolhemos? Quais são os nossos objetivos de vida? Onde queremos chegar? Já refletimos como cônjuges sobre nossas ideias de futuro? Cada um tem suas visões, sonhos, desejos. Já conversamos sobre isso? E falamos juntos com Deus sobre eles?

Busca-se sucesso, carreira, padrão de vida. Automaticamente, ficamos cada vez mais exigentes. Diz o ditado que, quanto mais se tem, mais se quer. Um carro, uma casa, um bom salário – e a comunhão com Deus, o tempo com sua Palavra, a comunhão com os irmãos de fé ficam pelo caminho. E nos consolamos: quando chegarmos lá, vamos tirar o atraso em relação a Deus...

Há anos, um senhor da igreja me disse: “Eberhard, comece cedo a servir ao Senhor, escolha as prioridades corretas. Eu errei nesse ponto. Pensei que, quando me aposentasse, poderia usar minhas forças para Deus e para a igreja. Só que agora que estou aposentado, não tenho mais forças!”.

Que valor tem para mim uma consciência tranquila? Quanto Deus vale para mim? Quanto vale nosso casamento? Quanto valem nossos filhos? O que minha própria alma vale para mim? Que consequências assumo ao abrir mão do relacionamento com Deus? Em que ponto me torno disposto a abandonar os valores divinos e não colocar mais o Senhor em primeiro lugar na minha vida?

Ló viu o sucesso, mas o resultado de seu caminho foi o fracasso:

- seu testemunho diante dos genros ruiu,
- sua carreira desmoronou,
- seu casamento e sua família são destruídos,
- sua razão para viver desaparece,
- seu ânimo para viver acaba (torna-se alcoólatra),
- as filhas abandonam o caminho da moralidade (elas cometem incesto).

O que investimos em nossa vida?

Quero citar alguns textos bíblicos que podem nos ajudar a manter o nosso olhar nos verdadeiros objetivos e valores para nossa vida:

“Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações.” (Mateus 6.33-34)

“‘Acaso é tempo de vocês morarem em casas de fino acabamento, enquanto a minha casa continua destruída?’ Agora, assim diz o Senhor dos Exércitos: ‘Vejam aonde os seus caminhos os levaram’.” (Ageu 1.3-4; ler v. 2-11)

Outras passagens para consultar: Provérbios 15.16-17; 16.8; 23.4; 30.8; Lucas 18.18ss; Hebreus 13.5.

A vida de Ló é uma boa ilustração para o juízo de Deus sobre os alvos errados do agricultor rico:

“Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Essa mesma noite a sua vida será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’ Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus.” (Lucas 12.20-21)

“A vida é mais importante do que a comida, e o corpo, mais do que as roupas. Observem os corvos: não semeiam nem colhem, não têm armazéns nem celeiros; contudo, Deus os alimenta.” (Lucas 12.23-24)

Perguntas para reflexão:

- Quais são as prioridades da minha vida?

- Quais são os objetivos do nosso casamento? Que desejos e planos temos?

TUDO COMEÇOU TÃO BEM

Visitando Isaque e Rebeca

Gênesis 24.61-67; 25.20-28

Rebeca olha para trás: tinha sido amor à primeira vista, e – o que é ainda mais importante para ter uma união abençoada – tinham certeza absoluta de que Deus os juntara. Sem que ela fizesse qualquer coisa, Deus agiu: mandou esse servo de Abraão, que pediu sua mão em casamento para Isaque, o filho do chefe. Quem não iria querer isso? Tinha sido como um milagre. Ela ouvira a voz de Deus com clareza, e não hesitou em obedecer ao Senhor e seguir o homem, confiando que Deus continuaria guiando seu caminho. Que fundamento maravilhoso para um novo casamento. E então tinha encontrado o homem que Deus escolhera para ela. Foi recebida de braços abertos. O ninho estava pronto. No começo, não se importou por ser levada à tenda da sogra falecida três anos antes. Ou isso já teria sido um sinal de um certo complexo de Édipo em seu marido? Bem, ele a amara de verdade, e agora ela tinha a impressão de que ele ainda gostava dela (Gênesis 24.64-67)!

Mas por que então suas conversas se limitavam ao estritamente necessário, por que tinham se afastado um do outro? Será que tudo não passara de um belo sonho, de uma ilusão? Sim, tudo começara tão bem – mas então... Rebeca refletia.

As primeiras nuvens no céu matrimonial

Ano após ano se passou. Os filhos não vieram. Durante vinte anos, esperaram impacientes pelo ansiado descendente, que herdaria a promessa de Deus dada há muitos anos ao seu sogro. E Isaque, seu marido, fez a única coisa certa: intercedia por sua esposa diante de Deus (25.21)!

É muito bom quando cônjuges não apenas oram um pelo outro, mas também com o outro e por outras pessoas. Isso fortalece a união. Assim eles conseguem avançar juntos. Quando o casal busca e fala junto com o Senhor, o casamento fica e permanece harmonioso e feliz. Mas infelizmente não há nenhum registro de que esses dois cônjuges tenham orado juntos. Isaque orava sozinho por sua esposa.

Deus atende a oração!

Sim, Deus atende a oração. Isaque e Rebeca puderam experimentar isso. Rebeca engravidou – finalmente.

Quando a gravidez se mostrou difícil, também Rebeca buscou o Senhor em oração e queixou-se a ele. Mas também ela fez isso sozinha. Ambos tinham um relacionamento pessoal com o Senhor, mas não uma relação conjunta com ele. E aparentemente também não conversavam entre si sobre suas experiências com Deus ou seus problemas.

Ainda assim, Deus respondeu à oração de Rebeca. E deu a ela informações decisivas sobre a vida dos gêmeos que nasceriam:

“... o mais velho servirá ao mais novo!” (Gênesis 25.23)

Algo se quebra

Parece que Rebeca não conversou com seu marido sobre essa resposta de Deus. No entanto, ouvir juntos a voz de Deus é tão importante quanto refletir e conversar juntos a respeito do que ele diz! É assim que os cônjuges criam intimidade espiritual, é assim que conseguem ajudar um ao outro a eliminar obstáculos e dúvidas e a seguir as instruções recebidas.

Mas parece que esse foi o erro decisivo no casamento de Rebeca e Isaque! Não falavam um com outro, não discutiam o que tinham ouvido Deus dizer, não entravam em acordo sobre a educação de seus filhos. E o resultado só poderia ter sido esse:

“Isaque preferia Esaú, porque gostava de comer de suas caças; Rebeca preferia Jacó.” (Gênesis 25.28)

Será que o problema de Rebeca era só uma preferência maternal decorrente da natureza e do comportamento de Jacó, que combinavam mais com ela, ou será que isso estava relacionado à promessa de Deus, de que “o

mais velho servirá ao mais novo”? Ah, se Isaque e Rebeca tivessem conversado sobre isso, todos os problemas posteriores poderiam ter sido evitados!

Sozinho no casamento

Como, porém, não conversavam juntos sobre seus objetivos na educação dos filhos, também perderam a oportunidade de mostrar aos filhos como é importante escolher um cônjuge de acordo com a vontade de Deus. Assim, o casamento de Esaú, o primogênito, acabou causando muita amargura (Gênesis 26.35).

A falta de comunhão na oração, na conversa e na ação forçosamente levará os cônjuges ao isolamento e à solidão. Passam a viver cada um do seu lado, sem nada para conversar. Talvez até continuem morando juntos, já que a convivência funciona bem e traz seus benefícios, mas não há mais sinal de harmonia e do sonhado “paraíso na terra”. A fim de compensar, de certa forma, essa solidão interior, cada um dos cônjuges se esforça para ter um bom relacionamento com um dos filhos, fazendo desse o seu “parceiro substituto”. É bem evidente que Isaque e Rebeca entraram nesse dilema familiar.

“Isaque preferia Esaú, porque gostava de comer de suas caças; Rebeca preferia Jacó.” (Gênesis 25.28)

A solidão interior leva a agir por conta própria

Isso fica especialmente claro na farsa que Rebeca e seu filho preferido, Jacó, encenaram a fim de enganar Isaque e roubar a bênção de Deus destinada ao primogênito (Gênesis 27). Quando Rebeca ouviu que seu marido planejavaabençoar Esaú (Gênesis 27.6-7), ela não conversou com ele sobre isso, para que juntos buscassem a vontade de Deus, mas agiu por conta própria e deu conselhos traiçoeiros ao filho (Gênesis 27.8-10), convencendo-o a enganar o pai idoso e cego. Ajudou-o a executar o plano (Gênesis 27.14-18), e estava até mesmo disposta a assumir uma eventual maldição por causa disso (Gênesis 27.13). Nem mesmo a descoberta do embuste a levou a pedir perdão; antes, esforçou-se para disfarçar suas ações e usou de um subterfúgio

para mandar Jacó para longe da zona de perigo causada pela sede de vingança de seu irmão (Gênesis 27.41-46).

Não havia apenas um culpado

Nesse ponto, é preciso constatar que o erro e a culpa não estavam apenas no lado de Rebeca, mas que o comportamento de Isaque também parece incompreensível – a única explicação possível é que tenha decorrido da falta de comunhão com Deus e com sua esposa. Justamente o pai, como chefe da família, detém a responsabilidade decisiva diante de Deus. No caso de Isaque, o afeto paterno tendencioso passava pelo estômago (Gênesis 25.28); ele decidiu abençoar Esaú sem perguntar primeiro a Deus qual seria a sua vontade (Gênesis 27.1-4), e, embora tivesse dúvidas, acabou abençoando Jacó (Gênesis 27.18-29).

Ao descobrir o engano pouco depois, assustou-se (Gênesis 27.33), mas não se arrependeu de seu erro. Ou seja, não conversou com Deus sobre isso nem confrontou Rebeca e Jacó (Gênesis 27.46–28.1).

Uma história antiga?

Quase não dá para acreditar que essa história aconteceu há 3.500 anos. Ela continua acontecendo até hoje em muitos casamentos e famílias – e infelizmente também no ambiente cristão. Pois nem todo casamento cristão é um paraíso. Infelizmente! Também nesse aspecto há muitos problemas. E muitos deles são causados pela mesma deficiência que havia no relacionamento de Isaque e Rebeca: a falta de comunhão dos cônjuges na presença de Deus!

Mas o casamento cristão tem os melhores pré-requisitos possíveis para resolver essas dificuldades! Por quê? Porque cristãos verdadeiros conhecem a oportunidade do verdadeiro perdão e por isso podem encontrar seu novo começo debaixo da cruz de Cristo, mediante confissão honesta de sua culpa diante de Deus e do outro!

Queremos reaprender com Isaque e Rebeca

- Precisamos conscientizar-nos constantemente de que Deus nos uniu como cônjuges. Isso também nos ajuda a nos valorizar mutuamente e

- alimenta o amor de um pelo outro.
- O casamento não é apenas um acordo (diante de Deus e do cartório), mas, muito mais que isso, é um voto: isto é, se um dos dois falhar em sua promessa, isso não anula o voto feito pelo outro.
 - Diante de Deus, nós, como marido e mulher, somos **uma só** carne! Portanto, a unidade não é apenas física, mas também emocional e espiritual! E essa união e unidade surgem quando
 - oramos juntos,
 - conversamos um com o outro,
 - agimos juntos.
 - As regras e os objetivos da educação precisam ser decididos e observados em comum acordo (elogios/castigos). Discordâncias eventuais nunca podem ser expostas diante dos filhos, mas devem ser discutidas apenas quando o casal estiver sozinho. Uma regra que se mostrou útil é que vale a decisão do primeiro cônjuge a ser envolvido na situação.
Mas também vale outro princípio: a responsabilidade final diante de Deus e das crianças é do pai (ainda que sua decisão tenha sido errada).

Vamos andar realmente *juntos* nessa caminhada no casamento e na família, para o bem dos nossos filhos, para a glória de Deus e para o nosso testemunho aqui no mundo.

Perguntas para reflexão:

- Como cônjuges, oramos um pelo outro?
- Oramos juntos?
- Oramos juntos por outras pessoas?
- Lemos juntos a Palavra de Deus e conversamos a respeito dela?

PURO PARA O CASAMENTO?

Visitando José e Azenate

Gênesis 37; 39–41; 50.15-21

Que vantagem ele tinha levado em tudo isso? Aí estava ele, um jovem de quase vinte anos, preso no Egito e com muito tempo livre para pensar. O que ele tinha feito? Na verdade, era inocente. Não tinha feito nada de errado. Mas ninguém tinha acreditado nele. Escravos não tinham nenhum direito no Egito. Não havia advogado para cuidar de seu caso, nem inquérito ou julgamento – fora preso por pura arbitrariedade e calúnia. E seus parentes? Esses estavam longe, muito longe. E agora? Qual era o sentido disso tudo? O que seria de seus sonhos?

Será que ele deveria ter agido de outra forma? Que benefício a vida correta que levava tinha lhe trazido?

Vida que passa como um filme diante dos olhos

Tinha crescido em uma família enorme: eram treze irmãos, doze meninos e uma menina. Durante a infância deles na Mesopotâmia, o pai não tinha se preocupado muito com a educação desse bando de filhos. Isso tinha sido tarefa das quatro mães. Sempre houve rivalidades entre os irmãos. Quando a mãe morreu ao dar à luz a Benjamim, seu irmão mais novo, José acabou recebendo atenção especial do seu pai, que passou a favorecê-lo com um relacionamento diferenciado. Tornou-se seu filho preferido, possivelmente porque era parecido com a mãe, a quem o pai tinha amado mais. O pai contara-lhe a história da família; José escutava com atenção o relato de como Deus o seguira até que ele se rendeu diante do Senhor e o aceitou conscientemente em sua vida, em Peniel. Desde então a vida do pai mudara.

Ele tinha estabelecido um relacionamento pessoal com o Deus de seus pais. Assim José ficou conhecendo esse Senhor glorioso, Todo-Poderoso, que já tinha aparecido ao seu avô Isaque e ao seu bisavô Abraão. Ele tinha prometido à sua família que um dia seriam donos da terra onde hoje moravam como nômades.

A fé em Deus aumenta

Assim, tinha crescido nele – José – um relacionamento íntimo e profundo com Deus. Sabia-se parte da descendência que recebera essa promessa. Isso deu direcionamento e perspectiva à sua vida. Ao contrário de seus irmãos, vivia cada vez mais desprendido do agora, ocupando-se do que viria no futuro. Como Deus continuaria a dirigir o caminho de sua família? Então tivera aqueles sonhos, em que pensava descobrir algo sobre os planos futuros de Deus para ele. Por um lado, isso fortaleceu sua confiança no Deus de seus pais, mas por outro despertou a inveja incontida de seus irmãos.

Então chegou o dia fatídico em que o pai mandou que ele procurasse seus irmãos para saber como estariam. Se ele soubesse o que o esperava lá, com certeza teria ficado em casa.

Entre seus irmãos, a inveja tinha se transformado em ódio puro. Agarraram-no, pouco depois de ele chegar, e jogaram-no em um buraco. Em seguida, José ouviu-os negociando com uma caravana que passava por ali. Esta comprou-o como escravo por um preço ridículo e, por fim, revendeu-o no Egito.

Como se não bastasse viver nessa incerteza sobre o destino de seus pais e de sua família, como seria sua vida dali para frente? Será que ainda havia qualquer perspectiva de futuro para ele? O que seria das promessas de Deus, sobre as quais seu pai lhe falara? Onde estava Deus agora? Estava em Canaã ou com ele? Ou nos dois lugares?

Na verdade, o próprio José espantava-se por seu coração não ter ficado amargurado com seus irmãos, por não ter morrido de saudade de casa e por não ter se tornado amargo em relação a Deus! Muito pelo contrário: sua fé nesse Deus de seu pai cresceu. Se Deus tinha acompanhado seu pai ao longo de tantos anos, não acompanharia também a ele, José? Mesmo que no

momento não conseguisse compreender nenhum aspecto do que acontecia com ele.

Seu coração acalmou-se com esse pensamento. Sim, apesar de tudo, Deus estava com ele. E ele, ainda que separado de seu pai, experimentou a proteção desse Deus. Ainda que não soubesse como tudo continuaria, queria confiar nele.

E Deus estava com José

Então chegou como escravo à casa de Potifar, ministro das finanças e comandante da guarda real do faraó, rei do Egito. Até que aqui a vida era boa. Podia não ser dono de seu nariz, mas seu patrão o apreciava cada vez mais, e José desfrutou da confiança que este depositava no seu escravo. Não poderia ter sido melhor. Potifar confiara-lhe toda a administração da esfera particular de sua vida. E José percebeu: Deus estava do seu lado. Por esse ângulo, sua vida na casa de Potifar era ótima. Mas, bem no fundo de seu coração, ele sabia que Deus tinha um plano para ele. O que seria?

A tentação

Ele também percebeu outra coisa, isto é: aparentemente, o Diabo, o adversário, tentava atrapalhá-lo com força justamente nesse momento em que Deus o abençoava mais: a esposa do patrão, uma mulher muito atraente, dava-lhe atenção cada vez maior, especialmente quando o marido estava fora de casa – o que devia ser bastante comum. Estava sempre buscando sua companhia, tentando enfeitiçá-lo. Isso deve ter sido uma tentação e tanto para ele. Por um lado, sentiu-se lisonjeado por ser desejado por uma mulher madura e bonita. Ele, o escravo jovem e estrangeiro, que não tinha ninguém a quem confiar seus sentimentos, que não tinha ninguém que se preocupasse com ele. Que falta ele sentia do afeto e da segurança de seu pai; quanto tempo fazia que não sentia mais a mão da mãe acariciando a sua cabeça...

Por outro lado, sabia, bem lá no fundo: não posso me envolver. Isso nunca poderia ser a vontade de Deus! Manteve-se então fechado às tentativas de aproximação da mulher e apontou-lhe o lado moral dela perante o marido.

Mas a mulher não desistiu. No momento apropriado (talvez o marido estivesse de novo viajando a negócios), ela chegou perto de José e convidou-

o descaradamente para dormir com ela. É claro que ele recusou novamente! Mas ela o agarrou! Nesse momento, ele saiu correndo e fugiu. Não, ele não queria e não podia fazer isso:

“Como poderia eu, então, cometer algo tão perverso e pecar contra Deus?” (Gênesis 39.9)

Portanto, o problema não era receio de Potifar ou medo do castigo. O que o impediu foi o conhecimento desse Deus que se tinha revelado a ele, que lhe dera segurança e confiança mesmo em uma terra estranha!

Vale a pena manter-se puro para o casamento?

Esse comportamento corajoso não trouxe nada além de problemas para José. A mulher do patrão caluniou-o e por isso ele foi jogado na prisão. Ninguém pediu para ouvir sua versão, e na verdade ninguém teria acreditado nele. Ele era só um escravo, um estrangeiro. Que vantagem essa firmeza de comportamento lhe trouxera? Por que José não sucumbiu diante de todas essas injustiças em sua vida? Por que não ficou amargurado com Deus e com as pessoas? Por que se manteve firme diante das tentações?

São perguntas que continuam atuais e ardentes na vida de todo cristão, e não apenas nos jovens.

Se pudéssemos perguntar ao próprio José, com certeza ele teria dado uma resposta nesse sentido: “Na minha vida, nunca perguntei ‘por quê’, mas sempre procurei descobrir ‘para quê’. Parto do princípio de que o Deus Todo-Poderoso tem um plano para a minha vida. Mesmo que eu não o conheça e que considere muitos dos seus caminhos incompreensíveis, injustos ou até mesmo terríveis: sei que Deus está acima de tudo isso. E por isso vale a pena confiar na orientação correta de Deus para não ficar amargurado e para me manter puro para a esposa que Deus tiver escolhido para mim (é claro que José ainda não sabia quem seria essa esposa, cf. Gênesis 41.45). Estou curioso para saber o que Deus fará com a minha vida e como ele cumprirá as promessas que fez. Por isso, quero confiar nele apesar de tudo – mesmo aqui nesta prisão egípcia. Quero esperar para ver o caminho que Deus preparou para mim. Sei que Deus está comigo!”.

E que confirmação Deus deu a essa confiança de José! Ele pôde usar eabençoar muito esse homem, tanto em sua própria família (seus filhos Efraim

e Manassés nascem ainda antes do começo da fome no Egito) quanto na família de seu pai. Mais tarde, José confirma isso aos seus irmãos:

“Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos.” (Gênesis 50.20)

Como podemos permanecer firmes e fiéis?

Vivemos em uma época em que as tentações nos assaltam todos os dias. Não podemos andar por aí com os olhos vendados. A ética e a moralidade do nosso entorno pós-cristão estão perto do zero absoluto. Precisamos novamente dos critérios de valor da Palavra de Deus justamente nos nossos relacionamentos interpessoais. O salmista expressa isso da seguinte forma (e isso certamente pode ser aplicado da mesma forma a meninas e moças):

“Como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a tua palavra”. (Salmo 119.9)

Desejo a cada rapaz e moça essa confiança em Deus. Vale a pena manter-se puro para o homem ou a mulher que Deus escolher para vocês. Deus também pode escrever direito por linhas tortas. A vida de José torna isso claro e nos inspira coragem para tanto.

E quando algo já deu errado?

Como é bom saber que posso levar a Deus com arrependimento todos os meus pecados e erros, inclusive na área sexual. Ele é rico em perdão. Ele me dá uma nova chance. Antes do casamento e dentro do casamento. Vamos buscá-lo em oração e manter o contato diário com ele!

Perguntas para reflexão:

- Quais são as tentações que eu enfrento?
- Como enfrentamos tentações no nosso casamento?

MEU MARIDO NÃO ME PERTENCE

Visitando Moisés e Zípora

“Zípora, como foi daquela vez em que Moisés, seu marido, teve aquele encontro repentino e maravilhoso com Deus na sarça?”, é o que eu queria muito poder perguntar a ela. “O casamento de vocês, que já durava 40 anos naquela época, deve ter mudado do dia para a noite! Como se lida com um marido que de repente tem uma tarefa totalmente nova e assim é obrigado a assumir uma responsabilidade enorme?”

Embora Zípora não fosse israelita, mas midianita, um povo que descendia de Quetura, a segunda esposa de Abraão (Gênesis 25.1-4; 1Crônicas 1.32), ela conhecia esse Deus que Moisés encontrara. Jetro, seu pai, era sacerdote em Midiã. Ele parece ter conhecido e servido o Deus de Abraão, da mesma forma como um certo Melquisedeque, de Salém. Assim sendo, Zípora tinha crescido no temor de Deus. Por isso provavelmente também conseguiu identificar-se com o caminho que seu marido trilhou a partir de então.

Ainda assim, quanta diferença havia entre eles! Moisés, o filho caçula de Anrão e Joquebede, da tribo de Levi, fora entregue à corte do faraó ainda pequenino. Recebeu ali a melhor das formações. A Bíblia descreve desta forma:

“Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras.” (Atos 7.22)

Era, portanto, um homem que poderia escolher qualquer carreira que existia no mundo daquela época, se não fosse aquela história do egípcio que ele matou por não suportar mais a injustiça que seu povo sofria. Isso o obrigou a fugir, e sua vida tomou um rumo totalmente diferente e incerto. Era fugitivo quando conheceu sua esposa, Zípora, junto a um poço em Midiã. Na casa do pai dela, encontrou um novo lar. Casou-se com essa pastora e filha de sacerdote, e teve dois filhos com ela.

Quarenta anos no deserto! Longe de toda civilização e do padrão de vida egípcio. Ele, o culto e altamente qualificado “filho da filha do faraó”, vivia com sua mulher e seus dois filhos como um pastor nômade! Quase não dá para imaginar um contraste maior. Será que ele se adaptou à nova vida, ou seu coração continuava batendo pelo povo que também era seu e estava escravizado no Egito? Onde estava o Deus de seu pai? Onde estavam suas promessas? Ele lembrava dos seus dias de infância, quando seus pais lhe diziam que já no seu nascimento tinham visto que era “bonito” e “extraordinário” (Êxodo 2.2; Atos 7.20). Será que Deus tinha esquecido dele? Quarenta anos no Egito, quarenta anos como pastor em Midiã. Deus ainda pretendia fazer algo com ele?

Quantas vezes será que Zípora o pegou contemplando, pensativo, o horizonte a noroeste, ou seguindo com o olhar as caravanas que iam para o Egito?

Eu sou o Deus do seu pai

E então um dia ele voltou para casa, colocou os rebanhos nos currais e contou, agitado, que Deus tinha falado com ele. Uma sarça queimando, sem se consumir... e saíra então uma voz do arbusto em chamas. Ele nunca tinha visto nada assim! E o que Deus lhe dissera?

“Eu sou o Deus de seu pai.” (Êxodo 3.6)

Tudo ficou claro para ele naquele momento. Então Deus deu a ele a tarefa de tirar seu povo do Egito. Moisés ficou com medo, achou-se incapaz. Isso seria areia demais para o seu caminhão.

Mas Deus não desistiu. O que fazer então?

O que ela – Zípora – deveria dizer? Ela sabia muito bem que para seu pai, o sacerdote, e para seu marido Deus vinha em primeiro lugar, e assim quis concordar com essa incumbência gigante e humanamente impossível de realizar. Queria estar disposta a abrir mão dele. Só esperava que tudo desse certo. Mas, já que Deus tinha falado...

Nossas famílias e casamentos muitas vezes passam por algo parecido, ainda que provavelmente em âmbito bem menor. No capítulo 20 tratarei com mais detalhes deste problema: o casamento e a tensão entre profissão, família e igreja.

Zípora sabia muito bem que a partir dali teria de ceder em muitos aspectos. As tarefas e a responsabilidade ocupariam toda a atenção de seu marido. Para ela e sua família, isso significava recuar de forma consciente. Uma renúncia por amor a Deus! Isso não é fácil, e só é possível agir assim quando a pessoa realmente consegue concordar de todo coração com isso.

Zípora aprendeu

No começo, ela e seus dois filhos ficaram com o pai, para que seu marido ficasse livre para o serviço. Mas tarde, quando Jetro leva a filha e os netos até Moisés, aqueles eventos fantásticos já estavam no passado: as pragas, a Páscoa, o êxodo, a passagem pelo mar Vermelho, o milagre do maná, a água que saiu da rocha, a luta com os amalequitas. Quanta coisa tinha acontecido nos últimos meses! Deus tinha confirmado sua fé e eliminado qualquer dúvida. Como a fé e a confiança de seu marido no Deus de seus pais, o Deus de Israel, tinha crescido! E como ele tinha mudado nesses meses: de simples pastor, que tinha aprendido a ser paciente e manso, transformou-se no líder de um grande povo. No entanto, não por seu próprio esforço, mas tão somente pela sua confiança em Deus.

Zípora aprendeu – inclusive naqueles longos anos de caminhada pelo deserto – a se manter sempre nos bastidores, mesmo quando anos depois Miriã e Arão tentaram difamar seu marido. Nunca se defendeu, nunca tentou chamar atenção para si, mas obviamente agiu para dar apoio constante ao marido.

É verdade o ditado que diz: “Um homem só consegue trabalhar para Deus e para as pessoas na medida em que sua esposa o apoia”, pois “a esposa sábia é a espinha dorsal do marido”.

Só uma renúncia consciente a serviço de Deus protege a mulher contra desgastes e amargura em seu coração.

Perguntas para reflexão:

- O que está em primeiro lugar no nosso casamento?
- Como a esposa pode dar o apoio que o marido precisa?

O LEMA DE VIDA DE UM CASAMENTO

Visitando o casamento de Josué

Josué 24.1-25

Que situação dramática: Josué está bem idoso. Já viveu 110 anos cheios de agitação. Anos de êxodo, de deserto, de combates, de conquistas. Tinha conduzido o povo de Deus para a terra prometida e tomado todas as providências para que cada tribo do povo recebesse como herança um território apropriado. Tinha trazido descanso para os israelitas.

Chegara o tempo de passar adiante o bastão. Por isso, convocou o povo para ir até Siquém, a fim de inculcar-lhes uma vez mais o motivo e o objetivo de sua existência como povo de Deus. Todos os anciãos, todos os príncipes, juizes e supervisores tinham aparecido para ouvir o grande discurso de Josué sobre a situação da nação.

“... e eles compareceram diante de Deus”, lemos em Josué 24.1. Não estavam, portanto, apenas diante de seu grande e vitorioso comandante, mas diante daquele a quem este comandante prestava contas: diante do Deus de Israel.

E Josué olha para trás, resumindo a história das últimas décadas do povo em algumas pinceladas marcantes. Ainda assim, ele não falava como fariam ou fazem os grandes políticos que têm tal obra de vida em seu currículo. Não enumera todos os sucessos de sua política boa e sábia, nem as excelentes conquistas e vitórias do exército. Em vez disso, enfatiza, 17 vezes ao todo, que Deus é quem conduziu, agiu e protegeu o povo. Deus dera-lhes vitória após vitória!

E a partir dessa retrospectiva, desse resumo, ele convocou o povo a continuar servindo a esse Deus incondicionalmente no futuro:

“Agora temam o Senhor e sirvam-no com integridade e fidelidade... Se, porém, não agrada a vocês servir ao Senhor, escolham hoje a quem irão servir.” (Josué 24.14-15)

Naquela época e hoje

Sim, os tempos tinham mudado desde que chegaram àquela terra. O povo tinha se assentado. As famílias se estabeleceram, firmaram raízes. A época das tendas e da areia do deserto estava definitivamente no passado. Todos tinham seu “lugarzinho ao sol”. Havia prosperidade no país. Estavam passando bem.

Não é assim conosco? Acabaram-se os anos de guerra, de escassez e da dura reconstrução. A geração atual só ouviu falar dessas coisas. Naquela época as igrejas e templos estavam cheios. As evangelizações e conferências missionárias estavam em alta. Perguntas sobre Deus e o sentido da vida estavam no centro de tudo. E hoje? A tendência mudou. Inclusive nos nossos casamentos e famílias.

“Eu e a minha casa”

Assim como Israel naquela época, hoje somos perguntados sobre a quem queremos servir e seguir. Josué definiu sua posição, não porque era conservador. Não se tratava de continuar agarrado aos “bons e velhos tempos”. Não: ele queria viver de forma consciente contra a corrente:

“Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24.15, RA)

Em outras palavras: “Não importa o que aconteça, não importa o que vamos enfrentar, não importa o que vocês fizerem – eu vou andar com Deus, custe o que custar!”. Este era o lema de vida de Josué para seu casamento, para sua família e para si, pessoalmente: “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR ”.

E nós, cristãos de hoje, não estamos também enfrentando a correnteza dos tempos modernos? Não enfrentamos também constantemente essa dúvida: adaptar-se aos tempos atuais ou manter um contraste consciente? É urgente “nadar contra a corrente”. Queremos viver como todo mundo, ou vamos buscar a vontade de Deus? Quem realmente quiser viver como cristão no casamento e na família precisa unir-se ao seu cônjuge e escolher

conscientemente uma vida “alternativa”, seja na sociedade, na vizinhança, na profissão, na escola, entre os parentes, talvez até mesmo na igreja...

Quanta mudança vemos na ética e na moralidade do mundo nos últimos 30 anos! As palavras-chaves a seguir mostram a força com que os cristãos de hoje precisam se opor às opiniões contemporâneas: aborto, homossexualismo, sexo antes e fora do casamento, pornografia, infidelidade e corrupção, consumo de drogas...

Será que ainda estamos levando uma vida cristocêntrica e orientada pela Bíblia? Em um artigo de revista, o doutor Arnd Bretschneider escreveu:

Levantou-se forte crítica contra a ação “*Kraft zum Leben*”. ^(nota 2) As principais críticas vieram, no entanto, do departamento de combate a heresias da igreja evangélica luterana. Thomas Gandow, responsável por este setor na Igreja Evangélica de Berlim-Brandemburgo, critica o fato de que “*Kraft zum Leben*” defende que cada pessoa deva construir um relacionamento individual com Deus. Já a igreja vê a “comunidade” e o “diálogo” como aspectos essenciais da fé cristã. O único local correto para conversar sobre questões religiosas seria a igreja: “Este é o lugar para isso”. Já o dirigente do setor na Igreja Evangélica da Renânia, Andrew Schäfer, critica o fato de que o livro orienta as pessoas a não mais determinarem pessoalmente as suas vidas, mas submetê-las ao controle de Cristo. Essa separação radical e estrita entre uma vida autocontrolada e uma vida dedicada a Cristo seria irreal, uma vez que só é possível haver formas mistas. (Citado de acordo com o jornal *Rheinische Post* de 10 e 11 de janeiro de 2002.)

Esses exemplos mostram uma evolução. Quem proclama Jesus Cristo como única opção para a salvação é taxado de “intolerante”. Quem segue os princípios bíblicos sobre casamento, sexualidade e o valor da vida antes do nascimento é chamado de “fundamentalista”. E então resta apenas um pequeno passo para que sejamos colocados no mesmo nível daqueles que querem impor conceitos religiosos extremistas na base da violência e do terror. É estranho: hoje em dia tudo é permitido na mídia. Praticamente não há mais tabus. Violência, pornografia, adultério e ocultismo entram nas casas sem qualquer filtro. Mas a

propaganda sobre um livro que quer aproximar as pessoas de Deus deve ser proibida. ^(nota 3)

Por que os cristãos não se levantam mais contra isso? Será que já nos tornamos “tolerantes” a esse ponto? O poeta russo Dostoiévski afirmou, com razão: “Quando não há mais temor a Deus, tudo é permitido!”.

Como Josué chegou a esse lema de vida?

Se perguntássemos isso a Josué e sua esposa, eles apontariam para as estações da sua vida em que experimentaram a orientação e a ajuda palpável de Deus. Eis aqui alguns exemplos:

- Na luta contra os amalequitas (Êxodo 17.9), quando ainda era jovem, Josué já experimentara que Deus ouve as orações e luta por seu povo. Vale a pena confiar em Deus.
- Como auxiliar de Moisés (Êxodo 24.13), aprendeu a servir a Deus e ao povo em uma posição mais submissa. Assim, compreendeu que o importante não era ele, mas Deus. Também entendeu que era preciso manter-se em segundo plano, que não era necessário buscar sua realização pessoal.
- Depois ele subiu ao monte com Moisés (Êxodo 32.17) e viu ali a grandeza, a glória e a santidade de Deus. Isso moldou a imagem que ele tinha de seu Senhor.
- Como auxiliar de Moisés, seu lugar era na Tenda do Encontro (Êxodo 33.11), isto é, tinha experimentado a proximidade direta de Deus e estava consciente da presença constante dele.
- Mesmo nos momentos críticos, Josué ficou ao lado de Moisés, a autoridade instituída por Deus (Números 11.28), defendeu-o e colocou-se contra a maioria do povo, pois sabia que Deus sempre é maior que a maioria.
- Isso também o ensinou a confiar em Deus mesmo indo contra a opinião dos outros espias (Números 13–14).
- Assim, depois de 40 anos a serviço de Moisés, Josué foi chamado por Deus para assumir a liderança do povo (Números 27.18), e estava

disposto a arcar com essa responsabilidade porque sabia que Deus estava com ele.

- Ele tinha sido encorajado e fortalecido pelo próprio Deus (Josué 1.9), de forma que conseguiu dar conta de sua enorme tarefa.

Ao expressar no seu lema de vida que ele e a **sua casa** serviriam ao Senhor, ele demonstrou que sua esposa, cujo nome não é citado na Bíblia, o apoiou em todos esses anos de serviço e liderança e acompanhou-o na realização desse lema!

Como um casal moderno pode obter essa firmeza?

Como podemos manter esse ponto de vista firme hoje em dia, independentemente das circunstâncias? Aprendemos algumas coisas com o casamento de Josué:

1. Deus é nosso auxílio (nosso estandarte) e proteção nas lutas diárias da vida.
2. Experimentamos Deus quando estamos “com ele no monte”, isto é, quando vivenciamos sua grandeza, glória e santidade no silêncio diante dele e da sua Palavra.
3. Temos comunhão com Deus “no interior da tenda”, isto é, quando buscamos sua presença de forma consciente e constante.
4. Nossa confiança em Deus crescerá se nos conscientizarmos sempre de que um com Deus é maioria. A vida de Josué demonstra isso claramente: só quem reconhece a autoridade de Deus pode transformar-se em autoridade sobre outros.

Como aplicar isso de forma bem prática no nosso casamento?

Como cônjuges, queremos levar uma vida que vai contra a corrente dos nossos tempos, pois

- temos um fundamento diferente,
- temos um Senhor diferente,
- temos prioridades diferentes,

- temos objetivos diferentes.

Vamos repetir juntos o lema de Josué. Vamos fazer dele o nosso lema de vida. Esse versículo é o mote do meu casamento, e desde o começo está escrito em um quadro que fica logo na entrada da nossa casa. Toda vez que chego em casa lembro do conteúdo dessas palavras. Cada palavra tem sua própria importância:

- 1. Mas** Estou firme contra as tendências modernas, mesmo que as demais pessoas pensem, falem e ajam de forma diferente!
- 2. eu** Isto é, eu (como marido) assumo a responsabilidade. Presto contas a Deus por meu casamento e minha família!
- 3. e a** Eu sou responsável pela minha esposa e por minha família.
minha Minha vida é um exemplo de serviço a Deus para eles?
casa
- 4. serviremos** Isto é, vivemos em unidade e confiança como cônjuges e como família, onde essa vida disposta ao serviço é nossa decisão firme, voluntária e consciente! Pois sabemos: trabalhar para Deus é uma honra!
- 5. ao** Nós temos consciência de quem é Senhor em nosso casamento
Senhor e família e do que ele espera de nós. Ele nos salvou e pertencemos a ele!

Perguntas para reflexão:

- Em que áreas temos dificuldades para viver conforme a orientação bíblica?
- Quais dos pontos acima são difíceis de repetir?

Anote aqui o que cada palavra significa para você.

2. _____

1. **Mas:** _____

Eu e a minha casa
serviremos ao Senhor
Josué 24.15

5. _____

3. _____

1. _____

COMO LIDAMOS COM NOSSO PASSADO?

Visitando Salmom e Raabe

Josué 2.1-3; 6.17,23,25; Rute 4.20-21; Mateus
1.5; Hebreus 11.31; Tiago 2.25

Quem é que conhece o casal Salmom e Raabe? Na Bíblia, há apenas uma frase breve sobre eles como casal: “Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe” (Mateus 1.5).

Mesmo assim quero apresentá-los como exemplo de casal que obviamente conseguiu lidar com o peso de seu passado.

Estávamos no fórum da cidade de Hückeswagen, assistindo à apresentação do coro de uma ONG dedicada à reintegração social de pessoas excluídas, como dependentes químicos e criminosos. Ao meu lado estava uma irmã da nossa igreja. Ela olhou com atenção para todos aqueles rapazes e moças no palco e cochichou-me: “Mas que jovens lindos! Queria que todos eles viessem à nossa igreja”. Ficou claro para mim que ela quis dizer: “Todos eles parecem vir de famílias boas”.

“Bem”, respondi, “conheço quase todos eles. Quer que eu lhe conte um pouco da história deles? Por exemplo, está vendo aquela mocinha de saia vermelha na primeira fila? Ela me disse certa vez: ‘Sabe, Eberhard, antes da minha conversão eu trabalhava como prostituta, mas o Senhor Jesus devolveu minha honra como mulher!’”.

Será que temos ideia do que isso significa?! Para mim, é uma pequena demonstração do que o perdão divino realmente é!

Quem era Raabe?

Com certeza muito já se pregou e escreveu sobre Raabe. Um tema importante, muitas vezes destacado, é a graça de Deus revelada a uma pecadora como ela. Ela, que não pertencia a Israel e, portanto, também não era do povo de Deus, foi considerada suficientemente nobre por Deus para ser incluída na árvore genealógica do Filho de Deus encarnado (Mateus 1.5). Esse certamente é um aspecto maravilhoso e comovente, pois engrandece de forma especial o amor e o perdão de Deus.

Mas se uma mulher assim – e todos sabiam que ela tinha sido prostituta em sua vida anterior – chegasse em nossa igreja, será que não ficaríamos um tanto desconfortáveis? Não nos sentiríamos tentados a não sentar perto demais dela? Não ficaríamos inseguros em como lidar com uma pessoa assim, mesmo sabendo que ela se converteu?

Mas certamente Raabe podia dizer, como a jovem da ilustração acima: “Deus me perdoou e devolveu minha honra como mulher!”. Que grande milagre é esse, poder colocar a pesada mochila do nosso passado aos pés da cruz – e deixá-la ali!

No entanto, quantas pessoas fazem isso com dificuldade. Muitos cristãos não conseguem acreditar na Bíblia, mas preferem seguir os psicoterapeutas que lhes dizem que é necessário “trabalhar” seu passado por meio de terapia.

Gostaria muito de perguntar para Raabe: “Como você lidou com seu passado? Quem era o seu terapeuta?”.

Também houve outras pessoas na Bíblia que tinham cargas semelhantes para abandonar:

- O que terá acontecido com a mulher adúltera de João 4 depois de ter falado com Jesus?
- O que aconteceu com Maria Madalena, que tinha um passado de sério comprometimento com o ocultismo?
- Como foi a vida da escrava em Filipos (Atos 16.16-23) depois de ser liberta do espírito que fazia adivinhações?
- E o gadareno libertado pelo Senhor Jesus? Será que ele também precisou de terapia?
- Como ficaram os irmãos da igreja de Corinto, sobre os quais Paulo escreve em 1Coríntios 6.11: “Assim foram alguns de vocês”?

O que realmente significa o perdão?

Creio que é extraordinariamente importante que nós cristãos aprendamos novamente a abrangência e radicalidade do perdão divino. Pois mesmo nos nossos casamentos e nas nossas famílias só conseguiremos perdoar na mesma medida em que nós mesmos recebemos e compreendemos o perdão.

Para receber perdão de Deus pelo meu passado preciso, em primeiro lugar, de fé. Hebreus 11.6 diz:

“... quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam.”

Como era a fé de Raabe? Hebreus 11.31 relata que ela foi salva pela sua fé quando os israelitas conquistaram Jericó. Ela tinha dito aos dois espiões israelitas:

“Sei que o Senhor deu a vocês esta terra... Pois temos ouvido como o Senhor secou as águas do mar Vermelho perante vocês... Quando soubemos disso, o povo desanimou--se completamente... pois o Senhor, o seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra.” (Josué 2.9-11)

Essa fé no Deus que está acima de tudo ficou demonstrada em suas ações (cf. Tiago 2.25). A fé que realmente reconhece a Deus aceita o seu perdão com gratidão, mas também tem efeito concreto sobre todas as minhas ações. Por isso Isaías 55.7 declara:

“Que o ímpio abandone o seu caminho; e o homem mau, os seus pensamentos. Volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois ele dá de bom grado o seu perdão.”

Raabe tinha experimentado esse perdão. Ela sentiu a misericórdia de Deus ao ser aceita no povo de Deus mesmo sendo estrangeira. Esse princípio divino é realizado por Deus em cada pessoa que chega ao arrependimento pela fé e experimenta o perdão de seus pecados: tornando-se agora seu filho e, portanto, “cidadão” do povo celestial de Deus. Saber disso me enche de alegria e gratidão, o que por sua vez afeta o meu comportamento.

Você se lembra do momento em que chegou à fé? Quando teve essa certeza de que Deus perdoou os seus pecados por causa de Jesus? Que alegria você sentiu, não é? Sentiu-se impelido a contar isso para todo mundo. Seu rosto brilhava de felicidade.

Onde ficou essa alegria? Onde está o impulso de passar adiante a mensagem que lhe trouxe liberdade? Será que você se deixou intimidar por alguém que se opôs a você? Ou será que o seu entusiasmo e o seu amor pelo Senhor e Salvador esfriaram porque você percebeu que dá para continuar pecando? Você cansou?

Deixe-se encorajar

Quero tentar contagiá-lo novamente, atizar novamente a chama, ajudando-o a entender a real grandeza do perdão de Deus! Veja bem, Deus não perdoa porque você é uma pessoa legal ou porque ele ficou com pena de você. Ele não perdoa porque você prometeu melhorar. Ao perdoar, Deus não “faz vista grossa” ao pecado. Não: Deus é santo e justo. Ele precisa castigar o pecado.

Mas ele ama você, e por isso ele enviou seu Filho Jesus Cristo para a morte terrível e pavorosa na cruz. Leia mais uma vez o relato de como o Senhor Jesus morreu no Gólgota:

*“E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde. Por volta das três horas da tarde, Jesus **bradou** em alta voz: ‘Eloí, Eloí, lamá sabactâni?’, que significa ‘Meu Deus! Meus Deus! Por que me abandonaste?’... Depois de ter **bradado** novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito.”* (Mateus 27.45-51)

Você ainda se choca com isso? Quero contar algo que aconteceu em nossa família. Estávamos ao redor da mesa do jantar e tínhamos acabado de ler a história da Paixão com nossos filhos. De repente, grossas lágrimas começaram a rolar no rosto do nosso caçula. Nosso filho mais velho – que tinha acabado de completar 8 anos – perguntou: “Timo, por que você está chorando?”. Timo soluçou: “Mas que coisa terrível fizeram com o Senhor Jesus!”. O nosso mais velho fez um gesto desinteressado: “Ah, deixa pra lá, isso não é tão terrível assim! Ele vai ressuscitar de novo!”.

Muito mais que um quatrilhão de pecados!

Você já não passou por isso? Conhecemos tão bem a história, ouvimos o relato muitas vezes. E ela não nos abala mais! Quando lemos esses versículos na igreja, já estamos amortecidos, lemos em voz baixa, com devoção e moderação. Mas já chamou a sua atenção que essa é a única vez nos

evangelhos em que o texto conta que Jesus gritou? Temos consciência do que isso significa? Ele, o Filho de Deus, para quem o pecado era algo desconhecido, foi soterrado aqui pela enorme e suja montanha dos meus e dos nossos pecados!

Vamos fazer uma rápida conta: vamos supor que você peque apenas dez vezes por dia (uma palavra mal escolhida, uma reação atravessada, uma pequena mentira...). Isso somaria 3.650 pecados no ano. Considerando uma média de vida de 70 anos, isso significa que Jesus carregou 255.500 pecados apenas da sua parte. Para a atual população mundial de sete bilhões de pessoas, isso já dá 1,78 quatrilhão de pecados – e não estamos nem considerando os pecados dos séculos e milênios passados...!

Você consegue entender por que o Senhor Jesus gritou? Há alguns anos estivemos em uma conferência de igrejas, cujo tema era a morte do nosso Senhor. Senti que algo me impelia a ler o trecho acima citado de Mateus 27.45-51 em voz alta. Logo antes da frase “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”, fiz uma pequena pausa e então gritei o texto a plenos pulmões. Muitos dos presentes saíram em silêncio logo em seguida, na hora do intervalo, e até hoje, muitos anos depois, muitas pessoas nas igrejas que visito ainda se lembram desse fato e me dizem que esse grito de Jesus penetrou fundo novamente nos seus corações naquele dia.

Perdoar e esquecer?

Sim, o perdão de Deus é algo radical. Ele custou a vida do seu Senhor. Tal foi seu amor por você! E como Deus realmente entregou tudo naquele dia, ele não só lhe promete perdão completo e total, mas também que nunca mais se lembrará do passado que já foi perdoado:

“Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.” (Hebreus 8.12; cf. 10.17; Isaías 43.25; Jeremias 31.34)

Não, Deus não é esquecido. Ele promete não se lembrar mais. Por isso posso ter esta certeza: ele nunca, nunca mais usará o pecado perdoado contra mim! Isso não é tremendo? O Deus eterno e onisciente nunca mais me acusará do meu passado! “Senhor Jesus, agradeço-te por esse perdão tão completo!”

A vida subsequente de Raabe e a educação de seu filho Boaz (confira o livro de Rute) deixam claro: ela recebeu esse perdão completo de Deus – embora ainda nem soubesse do Redentor Jesus Cristo que viria um dia.

Mas como Salmom lidou com esse passado negativo de sua esposa?

Em Colossenses 3.13 Paulo escreve:

“Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.”

E como Deus nos perdoou? Não acabamos de ver que, quando ele perdoa, também promete nunca mais lembrar? O que isso representa para o nosso perdão em relação ao irmão? Conseguimos imaginar a dificuldade que Salmom, o marido de Raabe, teve para não só perdoar os pecados no passado da sua esposa, mas também não lembrar mais deles nem usar eles contra ela?!

O problema de muitos casamentos

Muitos casamentos nos nossos dias adoecem e até mesmo afundam por causa dessa dificuldade. Um não consegue lidar com o passado do outro. Sim, houve perdão, houve oração em conjunto, houve o pedido ao Senhor e um ao outro por perdão, houve um reinício... – só não dá para esquecer o que o outro fez. Ah, como a memória de repente fica boa. Guardamos em pilhas muito bem organizadas – para colocar em uma imagem – todos os tropeços (ainda que perdoados) do outro ao nosso lado, sobre a mesa de cabeceira. No momento apropriado, esses “bons argumentos” são sacados e lançados no ouvido do outro como em uma guerra de travesseiros.

Hoje em dia todo mundo conhece o micro-ondas. Esse equipamento serve muito bem para requeimar restos de comida. Algo parecido acontece na maioria das brigas, e não só no casamento. É, por assim dizer, a briga do micro-ondas: não há nada de novo, nenhuma discussão diferente, mas são servidos apenas conflitos antigos e requeimados!

Conheço um casal que acabou se separando depois de 28 anos de casamento porque a esposa não conseguia perdoar o marido – apesar de numerosos pedidos de perdão da parte dele – por uma traição na época do

noivado. O que deu errado? Por que temos tanta dificuldade em esquecer, embora digamos que perdoamos?

A condição para o perdão mútuo

Deus dá uma condição importante para o perdão entre as pessoas:

“Perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo.”
(Efésios 4.32)

Isso significa que devemos perdoar como Deus nos perdoa. E como ele faz isso? Vimos antes que o perdão de Deus não é uma questão de emoção, mas que ele, por causa de Jesus, promete: “... não me lembrarei mais dos seus pecados” (Hebreus 8.12). Portanto, perdoar como Deus perdoa em Cristo está ligado à promessa consciente e voluntária de nunca mais querer se lembrar do pecado do outro, de nunca mais desenterrá-lo nem de usá-lo contra o outro!

Não lembrar é mais do que esquecer!

Estou pronto para isso? É verdade que é mais difícil do que apenas dizer que você perdoa o outro. Isso significa que estou pronto para assumir a perda, por exemplo, da minha vontade de estar certo ou da minha honra ferida. Que dificuldade nós cristãos temos para agir assim! Quando se trata do nosso direito, somos verdadeiros fanáticos da justiça. E acabamos esquecendo a forma como Deus nos perdoa. Mais uma vez: qual foi o custo que Jesus pagou para me perdoar?! Sua vida! Ele abriu mão do seu direito de não precisar morrer para poder me perdoar!

O perdão dói, mas cura!

Será que ainda tenho plena consciência de quanta dor meu Senhor sofreu para me perdoar? Quanto sofrimento meu pecado lhe causou? Mas ele me perdoou! E Deus me promete nunca mais lembrar dos meus pecados, nunca mais me acusar deles. Será que consigo reaprender a também fazer essa promessa ao perdoar outra pessoa: “Nunca mais quero lembrar disso”?

Talvez você diga: “Mas eu quero perdoar. Eu também quero tentar nunca mais lembrar disso. Mas quero que o outro venha falar comigo, pois quero lhe mostrar com todas as letras quem estava com a razão!”.

Também isso não é perdoar! Isso é uma tentativa de justificar-se. Faz parte da natureza humana tentar explicar-se e sempre tentar dar a melhor das impressões. Principalmente quando se trata de mim e dos meus direitos. Abaixar a cabeça e não insistir em ser dono da última palavra vai totalmente contra a nossa natureza!

Quem não se defende é tolo?

Lemos a história da Paixão no nosso culto doméstico. O caçula espanta-se: “Mas, papai, Jesus não revidou?!”. Começamos a conversar. Como era diferente o comportamento do Senhor Jesus! Seu exemplo questiona nossos conceitos e ações, nossos hábitos mais arraigados. Brigas no quarto das crianças, violência na escola, perseguição no trabalho, broncas na família – consequências de um egoísmo cada vez maior. A autorrealização defendida nos anos 1970 transformou-se em autoafirmação e autodefesa: “Defenda-se!”, dizem-nos. “Cada um é seu próprio próximo!” E mesmo muitos cristãos defendem a ideia: “Quando sou agredido, é claro que posso me defender”. Inclusive no casamento.

Em um mundo onde o palco das guerras entra diariamente na nossa sala de estar, a mensagem bíblica do sofrimento silencioso do nosso Senhor parece ser um apelo inútil, que ninguém escuta. Não se defender é difícil – mas vale a pena! Inclusive no casamento.

O Senhor demonstrou aos seus discípulos na prática o que quis dizer com oferecer a outra face quando alguém ferisse a “face direita” deles (Mateus 5.39). Ao longo de seu sofrimento e morte, em nenhum momento ele protestou ou ameaçou. Nunca se defendeu contra seus torturadores! E olha que tinha à sua disposição toda a plenitude do poder divino! Que Senhor! E o que ele conseguiu com isso? A possibilidade de nos perdoar!

Será que conseguimos entender novamente o que realmente é perdão? Ele pode curar feridas profundas, tratar lesões, sarar casamentos doentes e restabelecer relacionamentos. Talvez assim fosse possível experimentar, pela primeira vez, um ambiente de comunhão realmente puro entre nós. Veríamos a alegria que o perdão libertador dá e voltaríamos a respirar profundamente.

Perguntas para reflexão:

- A morte e os gritos de Jesus ainda me atingem?
- Por que é tão difícil para mim esquecer mesmo quando digo que perdoei?

VIVENDO EM JUGO DESIGUAL?

Visitando Nabal e Abigail

1Samuel 25.1-42

“Abigail, onde foi que você arranhou esse marido?” Quando minha esposa e eu visitamos casais que querem aconselhamento e ajuda para enfrentar os problemas em seu casamento, às vezes sinto vontade de fazer essa pergunta – ou a versão correspondente para o marido: “Por que você se casou com essa mulher?”.

Talvez o problema tenha sido parecido com o casal que estava à nossa frente. Agora que os filhos tinham passado pela puberdade, havia cada vez mais problemas, não só com as “crianças”, mas mais e mais entre os cônjuges. Perguntei ao marido: “Por que você decidiu casar-se com ela?”. Minha expectativa é que ele se lembraria da época do primeiro amor, mas, para a esposa, a resposta que ele deu deve ser sido como um tapa no rosto: “Bem”, ele disse pensativo, “naquela época não havia mais nenhuma moça no grupo de jovens da nossa igreja. E meus pais também achavam que eu devia me casar com ela, afinal ela vinha de uma boa família...”.

Como será que foi a história de Nabal e Abigail?

Talvez Nabal tivesse sido um homem interessante aos olhos de Abigail, afinal ele também era de boa família. Era descendente de Calebe – aquele herói da fé que, além de Josué, fora o único a crer em Deus e a entrar na terra de Canaã com a geração seguinte. No entanto, desde aquele tempo já se haviam passado algumas décadas, e nem sempre um patriarca fiel é garantia de bom caráter nos filhos e netos. É como diz o ditado: “Deus não tem netos, apenas filhos”.

Nabal era – para ser gentil – um homem voluntarioso. Muitas jovens sentem-se atraídas pela imprevisibilidade ou então gostam do desafio de tentar mudar ou domar a personalidade do marido por meio do amor. Mas cada pessoa que se casa verá isso na sua própria vida: é impossível educar a esposa ou o marido! Educar é tarefa para pais em relação aos filhos. Depois que a criança sai de casa, só Deus ainda tem autoridade disciplinar sobre ela.

Mas Nabal subiu na vida: “... era muito rico”. Isso representa bem-estar e prosperidade. Quais teriam sido os sonhos de Abigail? Quais eram seus objetivos para o casamento? Todo mundo sabe que não dá para comprar felicidade, muito menos casar-se com ela. Só Deus pode nos presentear com essa felicidade. E ela sempre estará fundamentada no relacionamento pessoal com ele.

Conseguimos ensinar aos nossos filhos o que realmente importa na escolha do cônjuge?

O contexto da época

A história em questão acontece cerca de 1.000 anos antes do nascimento de Cristo. A morte de Samuel encerrou uma fase na história do povo. Saul tornara-se um rei teimoso, imprevisível. Além disso, havia – do ponto de vista puramente político – um grupo de oposição clandestina com cerca de 600 homens, que foi procurado e perseguido por Saul. O líder desse grupo era Davi, que Deus já tinha escolhido como salvador e futuro rei, e tinha recebido essa unção de Samuel. Ao vencer Golias, o inimigo filisteu, Davi transformara-se da noite para o dia de jovem desconhecido em queridinho do povo. Muitos tinham reconhecido ele como o futuro rei. Embora Davi e seus homens estivessem em fuga, tinham dado um jeito de proteger os rebanhos de Nabal contra saqueadores. Agora Davi ouvira que Nabal faria uma grande festa para celebrar a tosquia das ovelhas. Por isso, mandou alguns de seus homens até lá para pedir contribuição para o sustento do grupo. Mas Nabal despedira os homens de forma rude e até ofensiva.

Quem era Nabal?

Seu nome já denota seu caráter. Mais tarde, sua esposa diz a Davi que “ele é insensato, conforme o significado do seu nome” (1Samuel 25.25). Traduzido,

Nabal significa tolo, doido ou brutamontes. E parte disso se torna visível na forma como ele lida e fala com os servos de Davi. De resto, era um comerciante rico. Com influência. Suas três mil ovelhas e mil cabras faziam dele um importante fornecedor de lã e leite. Podia dar-se ao luxo não somente de ser rico, mas de também exibir essa riqueza.

Certa vez, os participantes de um retiro usaram esse texto bíblico para elaborar uma descrição do caráter de Nabal, chegando a este resultado:

Maldoso, egoísta, irritável, colérico, bruto, ingrato, avarento, ofensivo, orgulhoso, insensível, teimoso, incorrigível, obstinado, desmedido, patético; ignora o rei escolhido por Deus, paga o bem com o mal, não mostra arrependimento e é alcoólatra. Durante o estudo, comparamos seu comportamento com 2Timóteo 3.1-5 e percebemos: em cada um de nós há um pouco de Nabal.

Quem era Abigail?

O significado de seu nome é tão oposto ao de Nabal quanto sua personalidade. Abigail significa: meu pai (Deus) dá alegria. Ela é uma mulher extraordinária. Ainda que sua escolha de marido tenha sido questionável, seu comportamento e sua reação são notáveis. Eugenia Price descreve sua atitude com as seguintes palavras: “A beleza interior da mulher é, quase sempre, uma expressão de seu relacionamento com Deus!”. Os participantes daquele retiro que mencionei descreveram-na assim:

Inteligente, sábia, humilde, sensata, temente a Deus, generosa, com iniciativa, previdente, eloquente, corajosa, comunicativa, realista; ela conhece as promessas de Deus e crê nelas, está disposta a renunciar, assume os erros do marido, é boa organizadora, mais tarde abre mão do seu padrão de vida, é amada e respeitada por seus servos. Lembra a mulher de Provérbios 31 e já mostra muitas das características descritas pelo fruto do Espírito em Gálatas 5.22.

Podemos aprender muito de seu comportamento exemplar. Na verdade, a reação nessa situação de perigo teria sido fugir, mas Abigail vai ao encontro de Davi e pede misericórdia.

O jugo desigual – uma ilustração para um casamento imprestável

Qualquer pessoa que entenda um pouco de agricultura sabe o que é um jugo desigual. O jugo é um equipamento usado para atrelar uma parrelha de animais a uma carroça ou arado. Nenhum fazendeiro colocará uma mula e um cavalo debaixo do mesmo jugo, ou um burro com um boi: eles não sabem trabalhar juntos, e por isso tais parrelhas são inúteis. Andam a passo diferente, têm força diferente e hábitos diferentes. A Bíblia usa essa imagem para demonstrar que um cristão não tem como construir comunhão no casamento com um não cristão. Em 2Coríntios 6.14-16, o apóstolo Paulo adverte contra esse tipo de união. Por quê? Porque um cristão convicto tem bases, objetivos e hábitos de vida totalmente diferentes de um não cristão. Por isso, aconselha-se enfaticamente ao cristão que só escolha como cônjuge outro cristão convicto. Do contrário, como definir prioridades para a vida? Como educar filhos se houver critérios de valor e educação diferentes? Como cultivar o casamento sem orar juntos e sem ter comunhão espiritual?

E quando o jugo desigual já está consolidado?

É claro que acontece com frequência que um dos cônjuges chega à fé viva em Deus enquanto o outro continua – e quer continuar – vivendo sem Deus. O que fazer então? Em nossas igrejas há muitos casamentos passando por esse tipo de dificuldade. Um chegou à fé e o outro se fecha totalmente. Frequentemente o não cristão fica com ciúmes dos irmãos e da igreja, pois pensa que agora o outro não terá mais tempo para ele. É preciso muita sabedoria para agir de forma correta. Minha esposa e eu já conduzimos muitos aconselhamentos sobre isso. Quantas orações precisaram ser feitas! Por um lado, o novo convertido precisa de discipulado, de ajuda para crescer espiritualmente; por outro lado, o cônjuge não pode ser negligenciado. Nesses casos, a igreja precisa ajudar. Frequentemente é mais aconselhável não insistir na frequência às reuniões da igreja e apoiar o crescimento espiritual por meio de amizades e relacionamentos pessoais.

Como ganhar o outro?

Outra fonte de perigo nesses casamentos é quando aquele que se converteu não se cansa de insistir com o outro que ele também precisa seguir esse caminho. Mas o que muitas vezes se consegue desse jeito é o contrário: o outro se fecha totalmente para essa possibilidade.

Falei sobre esse tema em um retiro de famílias. Uma jovem mãe, cujo marido não era cristão (ela tinha ido ao retiro sem ele), perguntou se então também deveria suspender a oração à mesa e a leitura de histórias bíblicas para as crianças. Recomendei que ela escolhesse outro momento para orar e ler com as crianças, para que o marido não fosse confrontado todas as vezes com o fato de ainda não ter se convertido. Além disso, ao orar e ler a Bíblia com as crianças à mesa, ela estaria assumindo uma tarefa que na verdade era do pai. Ela não concordou nem um pouco com tudo isso, fez as malas e foi embora mais cedo. Dois anos depois, apareceu novamente e contou: “Sabe daquela vez fui embora furiosa porque não concordava com seu conselho? Eu disse a mim mesma: ‘Vou mostrar para ele que isso não é verdade’. No almoço seguinte em casa, fiz questão de não orar e comecei a comer. Meu marido olhou espantado para mim e perguntou: ‘Você não vai orar?’ – ‘Não!’, respondi. – ‘Quer que eu ore?’ – ‘Se você quiser.’ Aí ele fez uma oração (embora ainda não fosse convertido). Na refeição seguinte, a mesma coisa: ‘Você não vai orar?’ – ‘Não!’ – ‘Quer que eu ore?’ – ‘Se você quiser.’ O que dizer? Uma semana depois, meu marido se converteu...”. É claro que ninguém garante que o cônjuge vá se converter, mas a Palavra de Deus tem uma promessa que precisamos – por mais difícil que seja – levar em consideração. Pedro descreve essa situação em sua primeira carta:

“Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês.” (1Pedro 3.1-2)



Os âmbitos de proteção
(guarda-chuvas) instituídos
por Deus de acordo com
1Coríntios 11.3

A submissão consciente e voluntária da esposa ao seu marido é um tema difícil, especialmente na atual era da realização pessoal. Seria uma atitude pouco compreendida. Já falei sobre isso no capítulo 5, mas Deus sabe o que é bom para os nossos casamentos. Ele quer o nosso bem. Por isso, em Efésios 5.22-33 ele manda dizer às mulheres que elas devem se submeter ao marido; mas aos maridos ele ordena que amem sua esposa. Se cada um fizer sua parte, o casamento será harmonioso e feliz. E isso não vale apenas para o casamento em que ambos são convertidos. Também um homem não convertido terá mais facilidade para amar sua esposa se ela estiver disposta a

lhe dar atenção e se submeter a ele. E uma mulher terá mais facilidade para se submeter se ela souber que é amada pelo marido. É um constante jogo de trocas. No entanto, não posso esperar para começar a fazer a minha parte da “tarefa” que Deus me dá até que o outro tenha feito a dele. Assim nunca haverá harmonia.

Nesse ponto há sempre muitos fracassos e decepções. Quero encorajar o cônjuge convertido a reconhecer suas falhas constantemente ao cônjuge não crente, esforçando-se sempre para tratá-lo com sabedoria.

E o que acontece se o outro ainda assim quiser se separar?

Paulo fala sobre isso em 1Coríntios 7, ao dizer:

“Se um irmão tem mulher descrente e ela se dispõe a viver com ele, não se divorcie dela. E, se uma mulher tem marido descrente e ele se dispõe a viver com ela, não se divorcie dele... Todavia, se o descrente separar-se, que se separe. Em tais casos, o irmão ou a irmã não fica debaixo de servidão; Deus nos chamou para vivermos em paz.” (v. 12-15)

10 orientações para o cristão em jugo desigual:

1. **Submeta-se (como esposa)** , mesmo que seja difícil. Assuma sua posição. A Bíblia dá esse conselho de Efésios 5.22-23 para qualquer tipo de casamento.
2. **Não assumo o papel do outro** no casamento! Isto é, não assumo a responsabilidade que pertence ao outro. (Há um risco especial nesse sentido para cônjuges de alcoólatras, que estão sempre correndo o perigo de decidir pelo outro algo que ele mesmo precisa decidir.)
3. **Mantenha uma vida regular de oração.** Não ore apenas pela sua situação, mas também por outras pessoas. Olhe para além do seu “umbigo”.
4. **Tome a iniciativa de crescer espiritualmente.** Isso significa estudo bíblico, devocional pessoal, conversas com outros cristãos.
5. **Ganhe o outro sem palavras.** Não fale – viva! Leia sempre 1Pedro 3.1-2. Seja um exemplo, viva de forma pura.
6. **Não tente educar o outro.** Também não se recuse sexualmente ao outro (leia 1Coríntios 7.3-5)!
7. **Não seja arrogante com o outro.** Não fique enfatizando as

- diferenças, nem diga ao outro quem ele deveria tomar como exemplo.
8. **Esforce-se sempre para amar o outro.** Vocês devem ficar juntos como um casal. Lembre-se da atitude de Jesus (Filipenses 2.3).
 9. **Mas também esteja sempre pronto a prestar contas de sua fé** quando alguém lhe perguntar (1Pedro 3.15-16). No entanto, faça isso sempre com mansidão e paciência.
 10. **Não alimente falsas esperanças.** O casamento não ficará automaticamente curado ou melhor quando o outro se converte, mas sua família é santificada por meio de você (1Coríntios 7.12-16; veja o exemplo de Timóteo em sua casa).

O jugo desigual também existe em casamentos em que ambos são convertidos!

É bem possível que os dois cônjuges declarem que pertencem a Jesus e que receberam dele o perdão de seus pecados, mas que o matrimônio ainda assim pareça ser um jugo desigual. Vi isso acontecendo em muitos casamentos também nas nossas igrejas! Qual será a causa?

- Quando os dois têm objetivos de vida diferentes. Um quer servir ao Senhor, o outro tem prioridades humanas para sua vida.
- Quando ambos têm maturidade espiritual diferente e não cultivam a comunhão espiritual um com o outro.
- Quando um se tornou dependente de algum vício e não quer abrir mão dele (álcool, drogas, pornografia etc.).
- Quando a ligação com a mãe ou com os filhos é mais forte do que com o cônjuge.
- Quando o engajamento de um na igreja prejudica a família e o cônjuge, sem que o outro consiga apoiar isso. Talvez de forma especial porque na igreja se encena uma coisa enquanto o comportamento em casa é bem diferente.

Conheci uma esposa que se queixava amargamente do marido, que na igreja se apresentava como uma pessoa importante e muito espiritual, enquanto aterrorizava a mulher e os filhos em casa, chegando até mesmo a abusos físicos, com a justificativa de que, como marido, recebera autoridade

de Deus e esperava obediência cega de seus familiares. Em casos assim, os demais líderes da igreja devem interferir, confrontar e, se não houver arrependimento e mudança, exercer disciplina. Afinal, em uma situação assim há um flagrante desrespeito aos critérios da Palavra de Deus, levando a uma compreensão totalmente errada do casamento.

Como superar o jugo desigual entre cristãos?

Os textos bíblicos a seguir podem nos ajudar a superar esse tipo de situação.

1) João 3.30:

“É necessário que ele cresça e que eu diminua.”

Isso significa que o Senhor Jesus deve ocupar o primeiro lugar em nossa vida. O comportamento errado e não espiritual no casamento surge quando eu quero me realizar, quando vivo de acordo com minhas próprias opiniões e conceitos, e não de acordo com aquilo que o Senhor Jesus deseja.

Portanto, é preciso que haja crescimento espiritual: leia a Palavra de Deus todos os dias, ore diariamente e vá regularmente às reuniões na igreja.

Faça seus hábitos carnais morrerem de fome! Conscientize-se de seus maus hábitos e mude seu comportamento de forma proposital, perguntando: “O que o Senhor Jesus faria agora?”.

2) Romanos 15.5-7:

“O Deus que concede perseverança e ânimo dê a vocês um espírito de unidade, segundo Cristo Jesus, para que com um só coração e uma só voz vocês glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus.”

Falei disso já no capítulo 9: a base para um casamento bom, espiritual e harmonioso é a oração conjunta dos cônjuges, a leitura conjunta da Bíblia, o diálogo sobre o que se leu e ouviu na igreja. Isso promove a unidade e a compreensão mútua; um sabe o que o outro está passando, ambos podem interceder pelo outro e orar com ele; ao mesmo tempo, os dois ficam livres para ajudar outras pessoas! Isso também ajuda a aceitar e amar o outro.

3) Romanos 12.3:

“Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário,

tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu.”

No casamento, esse princípio nos ajuda a ir ao encontro do outro e adaptar-nos à sua posição espiritual, sem nos tornarmos arrogantes nem enfatizar as diferenças.

4) Filipenses 2.1-5:

“Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a vocês mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus.”

Será que ainda é preciso dar alguma explicação sobre esse texto? Ele deveria estar exposto em grandes letras não só em todas as igrejas, mas também servir de lema de honra em cada casamento e família. Que tal colocá-lo ao lado do espelho no banheiro, para lembrarmos dele todas as manhãs, antes de começar o dia, esforçando-nos assim para agir dessa forma?

Perguntas para reflexão:

- Estou vivendo em jugo desigual por minha própria culpa? Em quais aspectos preciso me arrepender e mudar?
- Por que tenho tanta dificuldade para levar uma vida cristã exemplar em silêncio?
- Como posso contribuir para superar as dificuldades no nosso casamento?

QUANDO O AMOR NÃO DURA

Visitando Davi e Mical

1Samuel 18.20–19.17; 25.44;

2Samuel 3.13; 6.16-23

Finalmente encontramos uma história em que o amor aparece logo no começo. Seria de imaginar que um casamento assim fosse como o céu na terra. Antes um jovem desconhecido, de repente Davi estava na boca do povo. Quem teria imaginado que ele poderia vencer o pavoroso gigante filisteu Golias? Na verdade, o rei Saul tinha lhe prometido a filha mais velha em casamento, mas depois mudou de ideia. Quando descobriu que Mical, a mais nova, estava encantada por Davi, concordou que ela se casasse com o jovem. Que maravilha poder casar com um herói assim! O galã de todas as moças de Israel! E ela é que se casaria com ele! Mical estava no sétimo céu. Como se não bastasse, Davi ainda era bem bonitão com seu cabelo ruivo e pele bronzeada por causa do trabalho como pastor dos rebanhos do pai, sem falar que era forte e inteligente. E artista – cantava e escrevia poesias. Já tinha composto vários cânticos. Tocava harpa muito bem, de forma que até conseguia acalmar o colérico rei, seu pai.

O amor é base para o casamento?

Quando se pergunta aos jovens de hoje porque decidiram se casar, em geral eles respondem: “Ué, porque nós nos amamos! É óbvio!”. O amor não é a base e o pré-requisito para um casamento bom e duradouro?

Se eu disser agora que o amor não é um alicerce suficientemente resistente para o casamento, com certeza muitos não entenderão. Vou tentar explicar o

que quero dizer:

Por que o casamento de Mical e Davi não durou? (Desconsideremos aqui as dificuldades causadas pela arbitrariedade de Saul: a Bíblia conta que ele deu Mical a outro homem quando Davi teve que fugir do rei.) Na verdade, mais tarde, quando Davi – já coroado rei – mandou buscá-la de volta para si, vemos que ela o desprezou (2Samuel 6.16-20). Por que seu amor não durou?

Por que hoje em dia tantos casamentos acabam, ou resistem apenas no papel mas não nos corações? Quando perguntamos a essas pessoas, a resposta muitas vezes é: “Porque não nos amamos mais!”.

O amor é um sentimento inconstante

O amor é uma questão emocional, que sofre influência variável de uma série de fatores. Por natureza, o amor é mais forte na primavera do que no outono... Qual é a intensidade do amor quando a esposa bateu o carro no muro? Onde fica o amor quando vêm os golpes do destino? O amor desaparece rapidamente quando o outro nos decepciona. O amor tem relação com nossa pressão sanguínea, com o tempo, depende do amor que recebemos e da nossa autoestima. É associado a “borboletas no estômago”, a “som de violinos”, óculos cor-de-rosa, flores, música romântica e luz de velas. O amor é uma questão de emoção. É inconstante. Uma montanha-russa. Mas sentimentos inconstantes não podem servir de base para algo permanente, que deve durar a vida toda, como o casamento de acordo com o plano de Deus.

Qual é a base de um casamento duradouro?

No capítulo 3 vimos, pela história de Adão e Eva, que a base do casamento deve ser a consciência e a certeza de que “Deus nos escolheu um para o outro e nos uniu”. Esse princípio resiste e dura porque está fundamentado em Deus, e não nas nossas emoções.

Mas, e o amor? É claro que Deus nos dá sentimentos. Seria horrível viver um casamento apenas no nível racional. O amor é, por assim dizer, a “cereja do bolo” que coroa o casamento. E não há nada mais bonito que ver um casal de idosos que continua apaixonado. O amor só consegue realmente florescer e dar frutos se estiver fundamentado na certeza da unidade em Deus. E é isso que Deus deseja para nós.

É trágico ver como o casamento de Davi e Mical, que começou com tanta paixão, quebra logo depois. Por quê? A Palavra de Deus nos dá – penso eu – várias indicações para possíveis motivos já no começo da relação deles:

Lemos a respeito do amor de Mical por Davi. No entanto, parece-me que ela confundiu amor com paixão. Ele causou grande impressão nela com seus atos, mas será que isso era amor?

Infelizmente não lemos nada a respeito do amor de Davi por Mical. Inicialmente, ele tinha sido enganado por Saul – mais ou menos como Labão agiu com Jacó. Aparentemente, mais tarde ele até passou a sentir algo por ela, uma vez que mandou chamá-la de volta quando se tornou rei, mas não há nenhuma referência ao seu amor por ela.

Davi e Mical não têm a mesma base espiritual. Quando Davi é obrigado a fugir de Saul, Mical engana os perseguidores colocando seu ídolo doméstico na cama do marido. É realmente espantoso que ela tenha guardado um objeto assim depois de seu casamento. Para mim, fica claro que os dois não tinham nada em comum na área espiritual. Mical também não entende o entusiasmo de Davi por Deus, que o leva a dançar em sua presença. Ela sente vergonha dele e o despreza em seu íntimo. Ela não consegue identificar-se com os sentimentos de seu marido, o que significa que ela não o conhecia de verdade.

Vemos aqui as agravantes que forçosamente levam ao fracasso do casamento. Isso acontece em muitos casamentos. O casal pensa que se ama, mas na verdade isso não passa de desejo pelo corpo do outro ou de um encantamento com algum sonho cor-de-rosa. É um romance – mas não um amor que busca a felicidade do outro. Vimos no capítulo 3 que o objetivo do casamento é tornar-se um em espírito, alma e corpo, e não somente um enlevo romântico que se dissipa na primeira decepção. Muitas vezes o amor é confundido com o desejo de ter e possuir – e quando se consegue isso, o amor acaba. Você se lembra do que a Bíblia conta sobre Amnom e seu amor por sua meia-irmã Tamar (2Samuel 13)? No momento em que Amnom, transtornado por sua paixão, violenta a irmã e sacia seu desejo, ele passa a odiá-la e a abandona. Alguém certa vez disse: “Eu me amo e por isso preciso de você!”. Em muitos e muitos casos, o que se pensa ser amor é, na verdade, egoísmo e amor próprio. Isso não tem como acabar bem, especialmente se os

dois desejam o outro apenas por amor a si mesmos. Na verdade, o amor é algo que se dá ao outro e não algo que quero satisfazer em mim mesmo. Se isso não for observado, é certo que haverá decepção.

Muitos casamentos – inclusive entre cristãos – acabam porque os cônjuges não entenderam o que é amor de verdade. Quero repetir: o amor só desabrocha e se desenvolve se a base for firme – fidelidade a Deus e ao parceiro; além disso, é preciso ter certeza de que Deus destinou ambos para ficarem juntos e conduziu o caminho de um em direção ao outro. Casamentos assim se tornam frutíferos também para outras pessoas. Não se concentram em si mesmos, não giram em torno do próprio umbigo, mas têm tarefas e objetivos em comum.

E se restar apenas um monte de cacos?

Felizmente, é possível recomeçar – desde que isso seja realmente desejado. Vamos nos ajoelhar juntos na presença de Deus, reconhecendo a ele e um ao outro todas as nossas culpas, em profundo arrependimento. Deus é rico em perdão e pode dar a graça de um recomeço. A confiança mútua precisa crescer. Não espere até que o outro mude. Comece você. O amor é sempre um adiantamento de confiança, é sempre querer o bem do outro de forma altruísta. O Senhor Jesus deu o exemplo: ele nos amou de forma incondicional, e nos ama assim até hoje.

Perguntas para reflexão:

- Qual é o fundamento do nosso casamento?
- Amo meu cônjuge de forma incondicional?

UMA CATÁSTROFE E SUA CURA

Visitando Davi e Bate-Seba

2Samuel 11.1-17,26-27;
1Reis 15.5; 1Crônicas 20.1

Nunca deixo de me espantar com o quão realista é a Bíblia, e como ela fala sem qualquer disfarce até mesmo sobre os lados mais escuros dos heróis da fé. Davi, o homem segundo o coração de Deus, tomando desvios! Também me admira a forma honesta como Davi mais tarde fala sobre seus próprios pecados nos salmos 51 e 32. Ele expõe sua vida para que outros possam aprender a partir dela e para que admirem não a ele, o rei e comandante, mas a Deus, que é e permanece fiel e dá a vitória não só sobre os inimigos externos, mas também sobre meu próprio eu.

O ponto sem retorno

Em férias com nossos filhos, fomos visitar amigos cristãos nas proximidades da cidade de Schaffhausen, na Suíça. Era um dia lindo de verão, e nossos anfitriões sugeriram um passeio de bote inflável pelo rio Reno. As crianças ficaram empolgadíssimas, e assim lá fomos nós, carregando os botes rio acima. Em um ponto mais raso, colocamos os botes na água e entramos, em cada bote um adulto. Começava a nossa aventura.

Eu estava um pouco desconfortável, pois não tinha ideia de como terminaria o passeio. Na ida, tinha reparado que entramos na água somente um quilômetro e meio acima de uma famosa queda d'água do rio, e fiquei pensando se perceberíamos a tempo o momento certo de voltar para a margem. É claro que me esforcei para não deixar que as crianças

percebessem meu desassossego. Além disso, pensei, nosso anfitrião com certeza conhece esse trajeto do rio.

Com a correnteza, a viagem pelo rio estava indo bem rápida, e as crianças se divertiram muito. Mas de repente a água se acalmou, quase como em um lago. Nesse ponto nosso amigo chamou nossa atenção, dizendo que era hora de voltar para a margem. Em terra firme, perguntei-lhe se não tinha sido perigoso remar nesse ponto acima da cachoeira, e se não aconteciam acidentes ali. Ele deu uma risadinha marota e explicou: “Sabem, quando o rio se acalma e a gente pensa que não há perigo algum, esse é o momento de sair da água, pois logo depois vem o trecho em que a sucção da cachoeira torna qualquer retorno impossível. É o *‘point of no return’*, o ponto em que se torna impossível escapar da queda na cachoeira”. Então ele viu nosso susto e sorriu: “Aqui em Schaffhausen não há o que temer. Logo acima da queda d’água há uma enorme rede no rio para que ninguém seja arrastado pela água. Além disso, há muitas placas de sinalização para os barcos no ponto em que nós deixamos o rio”. Voltamos para casa pensativos.

Não é assim que acontece com o pecado que nos derruba? Nas tentações muitas vezes também há esse ponto em que não há mais “volta”. Frequentemente ignoramos as advertências interiores que Deus nos manda por meio da consciência. Foi o que também aconteceu com Davi. Ele deveria ter notado os sinais de alerta da parte de Deus que estavam anunciando a catástrofe. Como isso foi acontecer?

Era primavera (começo do ano), e Davi aproveitou o belo dia para descansar. Os últimos anos tinham sido cansativos, mas agora ele se deu o direito de buscar um pouco de sossego. O comandante foi para a guerra contra os amonitas e estava sitiando Rabá, a capital inimiga. Davi confiava totalmente em seu exército. Quantas vezes já tinham ido juntos nas campanhas. Quantas vitórias tinham conseguido! Ele sorri. Sim, Deus deu paz a ele e ao seu povo diante dos inimigos.

Dessa vez ele ficou em casa, no palácio. Joabe daria conta sozinho do ataque a Rabá. Perdido em pensamentos, Davi levanta da cama. Tinha se deitado durante a hora de maior calor, mas agora que estava mais fresco ele sai para o jardim no telhado do palácio. O sol está se pondo e lança longas sombras sobre a paisagem. A seus pés, a capital brilha à luz do poente. Seus

olhos percorrem a vizinhança. De repente, um susto. Ele esfrega os olhos. Estaria sonhando? Não está, não: tem uma mulher muito linda tomando banho no terreno ao lado. Furtivamente, ele se esconde atrás de uma coluna e se delicia com o que vê. Quem seria ela? Será que ela pensava que ele, o rei, tinha ido para a guerra com o exército, e que por isso se sentia à vontade para ficar ao ar livre, sem se sentir observada?

Os olhos de Davi devoram a cena. Seus pensamentos começam a vagar. Como rei, ele pode fazer qualquer coisa. É verdade que ele é casado, até com várias mulheres, mas agora não é hora de usar a lógica. Suas emoções surtam, e os pensamentos se atropelam. Ele sente despertar um desejo inominável. “Não seja tolo!”, diz a si mesmo. “As pessoas o respeitam. Você não pode cometer erros.” Mas os olhos continuam alimentando ideias e sensações. Quando o desejo aumenta, a razão se descontrola. De repente, não somos mais governados pela cabeça, mas pelo ventre: o primeiro sinal de alerta!

Mas Davi ignora a advertência de sua consciência. Como quem não quer nada, pergunta a um servo a respeito da bela vizinha. O nome dela seria Bate-Seba, filha de Eliã e neta de Aitofel, o extraordinário conselheiro de Davi. Está casada com o hitita Urias, que foi para a guerra com Joabe. “Cuidado, Davi!”, pensa ele. “Isso pode ficar perigoso! Se alguém descobre...” O próximo sinal começa a piscar com força!

E Davi ultrapassa o próximo limite. Manda trazerem Bate-Seba para o palácio. E aí acontece o que seria de se esperar: eles não ficam na xícara de chá e na conversa interessante. Davi não enfrenta nenhuma dificuldade com Bate-Seba. Talvez ela se sinta lisonjeada pelo fato de o poderoso e vitorioso rei se interessar por ela. E de repente não há mais volta. Os dados estão lançados. Essa noite muda a vida de Davi para sempre. O encontro tem consequências: Bate-Seba engravida. Nada mais é como antes. O que ele tinha feito?! Como se deixara levar de tal forma? Como pudera deixar seus sentimentos dominarem sua razão?! E agora?

E mais uma vez os pensamentos voam. Era preciso fazer algo para esconder o que aconteceu. Com certeza haveria algum jeito de resolver isso. E então ele tem uma ideia brilhante: vou mandar vir o marido dela e lhe dar a oportunidade de ficar com ela. Aí ninguém terá como saber o que fiz.

Um pecado raramente vem sozinho. Em vez de confessar o pecado, vem a mentira seguinte, o próximo engano. E quando Davi percebe que seu plano não funcionará, que Urias não aceita o privilégio de ficar com a esposa, Davi planeja e manda executar o seu assassinato.

Não, nunca traí minha esposa!

Pode ser que você nunca tenha agido como Davi e que também tomará todas as providências para nunca agir! Mas o risco não é igual para todos nós? No sermão do monte, o Senhor Jesus diz com todas as letras:

“Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.” (Mateus 5.28)

Portanto, o pecado não começa só no ato, mas muito antes, em nossos pensamentos e no nosso coração! Vamos analisar a situação de Davi para ver onde ele errou e onde nós mesmos corremos o risco de tropeçar e cair.

1. “Mente vazia, oficina do Diabo”, diz o ditado, e a história de Davi é uma boa ilustração para isso. Corro risco especial quando estou entediado ou quando fico frustrado com alguma coisa, isto é, quando me sinto cansado ou resignado sou mais vulnerável às tentações. Falta-me então a força espiritual para lutar contra o pecado. Nos dois casos, os pensamentos começam a ir mais rápido que meu corpo. É nesses momentos que preciso tomar cuidado e me avaliar de forma crítica. Para não cair nesses momentos, é preciso manter contato íntimo com o Senhor Jesus. Somos responsáveis pelos nossos pensamentos; não temos o direito de pensar o que quisermos.

2. “Davi veio, viu e caiu!” Justamente os homens correm um risco especial, pois para eles a tentação sexual passa pelos olhos. Não importa se são as revistas na banca de jornais ou no posto de gasolina. Ou se são aqueles programas no computador ou na internet, os vídeos eróticos ou mesmo os canais adultos da TV a cabo. Nessas horas, a única saída é fechar os olhos de forma consciente e desligar. O desejo dos olhos foi a porta de entrada do pecado já desde o começo da criação (Gênesis 3.6; 1João 2.16), e o sábio Salomão definiu isso da seguinte forma: “Os olhos nunca se saciam de ver, nem os ouvidos de ouvir” (Eclesiastes 1.8). As mulheres frequentemente correm o risco de cair em pecado por causa daquilo que ouvem. Uma voz suave à luz de velas – e todas as defesas derretem.

3. Diz um ditado que “quem brinca com fogo acaba se queimando”. Tiago escreve:

“Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ser consumado, gera a morte.” (Tiago 1.15)

Esse é o ponto sem retorno tanto na história de Davi como nas nossas tentações. Se não quisermos cair, é necessário prestar muita atenção aos sinais de alerta 1 e 2 e “puxar o freio de mão”, isto é, mudar o comportamento de forma bem consciente!

Onde corremos risco?

O Diabo conhece muito bem os nossos pontos fracos. Eles podem variar de pessoa para pessoa, mas dentro do casamento o risco aumenta na medida em que marido e a esposa se distanciam emocionalmente um do outro e deixam de ter comunhão espiritual. Quando um se sente abandonado ou incompreendido, o pecado tem muito mais facilidade para encontrar uma brecha.

O que impede o pecado na nossa vida e no nosso casamento?

Ao jovem Timóteo, Paulo diz com toda clareza: “Fuja dos desejos malignos da juventude” (2Timóteo 2.22), e em Romanos 13.14 ele acrescenta: “... e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne”. Isso significa que é preciso levar uma vida conscientemente disciplinada, para não permitir nem mesmo aos nossos pensamentos irem além do permitido por Deus. Jó chega a dizer: “Fiz acordo com os meus olhos de não olhar com cobiça para as moças” (Jó 31.1). Em tudo isso sabemos que por nossas próprias forças nunca conseguimos resistir ao pecado. Precisamos sempre da ajuda do nosso Senhor, e podemos sempre pedir o seu auxílio.

No fim, Davi conseguiu encontrar o caminho de volta. Ele arrependeu-se e confessou seu pecado a Deus e aos homens. Assim, recebeu perdão pela graça de Deus. Os salmos 32 e 51 são confissões impressionantes desse rei caído. Ele pede por um novo espírito da parte de Deus, pois percebeu que o pecado começara já nos seus pensamentos. Vamos pedir também nós que o Senhor Jesus renove o nosso pensar.

Perguntas para reflexão:

- Onde estão os pontos de perigo no meu casamento?
- Como posso me proteger contra os pensamentos pecaminosos?

AMOR ANTIGO NÃO ENFERRUJA

Visitando Zacarias e Isabel

Lucas 1.5-25,36-80

Para começar, uma pergunta: você conhece algum casal idoso entre seus parentes ou na sua vizinhança que continua apaixonado? Há alguns dias, eu estava participando de um projeto missionário no calçadão de pedestres da nossa cidade e fiquei observando as pessoas que passavam por mim. Hoje em dia é raro observar casais que andam de mãos dadas – e ainda por cima com um sorriso no rosto!

Antigamente, dizia-se que os cônjuges começavam a ficar parecidos um com o outro à medida que o tempo passava, não só no comportamento, mas até na aparência. Hoje tenho a impressão de que os idosos ficam cada vez mais parecidos com seus cachorros, porque aparentemente dão mais atenção aos bichos do que ao seu próprio marido ou esposa...

Onde estão os casais permanentemente apaixonados do nosso tempo?

Frequentemente, o passar dos anos transforma o relacionamento conjugal em uma instituição funcional. Cada um conhece as tarefas e deveres que precisa cumprir para que tudo “funcione” corretamente, mas não há mais convivência de verdade. Falta assunto para conversar. Toda noite é a mesma cena: os dois não olham mais um para o outro, mas ambos na mesma direção, isto é, na direção daquele “altar doméstico” de brilho azulado. Ou talvez nem mesmo isso, porque cada um tem seu próprio aparelho ou computador no qual pode navegar à vontade.

Será que essas estruturas engessadas ainda têm chance de mudar? Como seria possível conviver bem na velhice, mesmo que não haja mais filhos em

casa nem compromissos profissionais a determinar o andamento do dia?

O segredo simples do casamento feliz

Você conhece o casal Rabugice? Eles são idênticos. Olhos apertados, contrações nervosas nos cantos da boca e rugas profundas na testa. Atualmente estão instalando isolamento acústico no apartamento deles, por causa do barulho de suas brigas diárias. Na verdade, essa obra nem faz sentido, porque já deram entrada na papelada do divórcio.

No apartamento ao lado mora o casal Cinismo. Eles não brigam tanto, mas ambos têm língua afiadíssima e dois olhos penetrantes, além de frequentemente apresentarem manchas vermelhas no pescoço. A conversa ali é hábil e inteligente, mas os visitantes nunca aguentam ficar muito tempo. Na verdade, nem eles mesmos, pois ambos trabalham fora e viajam muito. Separadamente, é claro.

Como é possível então que o casal Mansidão, que até já comemorou as bodas de ouro, parece ainda viver em plena lua de mel? E olha que a vida deles não é fácil. Sem grande abundância de bens materiais, eles passaram a vida lutando contra diversas doenças. Mas um ajuda o outro e, quando saem de casa no domingo de manhã para caminhar de mãos dadas até a igreja, os vizinhos os acompanham com um olhar um tanto saudoso. Quando alguém pergunta discretamente pela receita para esse casamento feliz, o casal, um pouco envergonhado, mostra o quarto. Ali está o segredo de sua felicidade: um quadro por cima da cama com um versículo bíblico:

“Um olhar animador dá alegria ao coração, e as boas notícias revigoram os ossos.” (Provérbios 15.30)

Assim eles começam o dia olhando juntos para o seu Deus e piscando um para o outro com carinho; à noite, encerram o dia com gratidão um ao outro e a Deus. Relativamente simples – certo?

A Bíblia também fala de um casal assim

O evangelista Lucas começa seu relato com um casal impressionante: Zacarias e Isabel. Eles não eram mais tão jovens e viviam numa época turbulenta e difícil. “No tempo de Herodes, rei da Judeia”, diz Lucas ao começar a contar a história deles, e qualquer um que conheça um pouco de

história ou dos escritos do historiador Josefo sabe que esse governante exercia seu reinado como um braço do império romano. Mas Zacarias tinha prestado seu serviço como sacerdote de forma fiel ano após ano. Ele era da tribo de Levi e integrava o grupo sacerdotal de Abias. Estava acostumado às regras e às leis que tinham sido determinadas há séculos, desde Moisés e Neemias. Conhecia sua Bíblia. Muitas vezes tinha lido e estudado as palavras de Deus na lei e nos profetas.

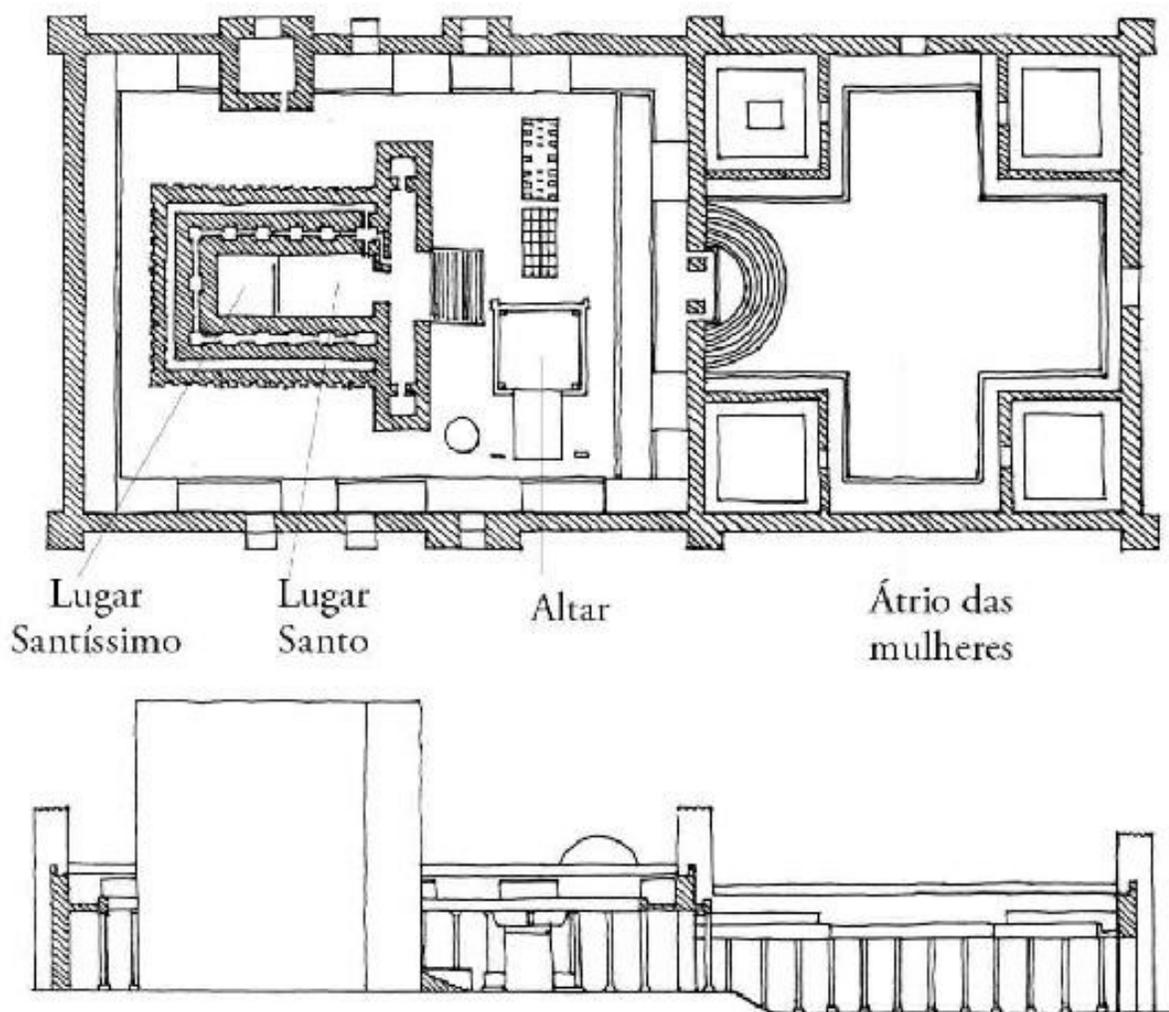
Zacarias refletiu: quanto tempo já se passara desde que Deus falara ao povo pela última vez? Ele estava em silêncio há 400 anos, desde o profeta Malaquias. Será que não chegaria logo o tempo sobre o qual Daniel tinha falado? O Messias, o futuro rei de Israel, viria. Zacarias conhecia bem demais as palavras dessa promessa. Muitas vezes tinha lido e refletido sobre elas junto com sua esposa. Sua esposa também era da tribo de Levi. Mas o Messias futuro viria da tribo de Judá. Como poderiam reconhecê-lo quando ele viesse? E antes disso ainda viria um mensageiro para anunciar sua chegada. As palavras finais da sua Bíblia diziam:

“Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e temível dia do SENHOR .” (Malaquias 4.5)

Sim, era isso que eles esperavam, era por isso que oravam. Durante todos aqueles anos também tinham pedido por um filho, que tinha sido negado a eles.

O templo onde Zacarias fazia seu ministério era um prédio imponente. Herodes, o Grande tinha construído um santuário totalmente novo. Não economizara em nada. Só as enormes pedras usadas para formar a base de toda a área do templo já eram impressionantes, sem falar nas muitas colunas em toda volta, no grande pátio dos gentios, no átrio das mulheres, no grande altar, na escadaria aberta e no pórtico de entrada. Qualquer pessoa se sentia minúscula ali. Ainda que Herodes tenha feito essa construção apenas para demonstrar o seu próprio poder, o templo refletia um pouco da grandeza e da majestade de Deus.

Planta do templo de Herodes na época de Zacarias



Zacarias entrou no santuário, isto é, na parte da frente do grande salão interno do templo. Lá fora, no pátio, o povo esperava até que ele terminasse seu serviço. Então saíria e proferiria a bênção sacerdotal – essa era a lei. Aos poucos, seus olhos foram se acostumando à penumbra do interior e à luz discreta que vinha do candelabro de sete braços à esquerda. À direita estava a mesa com os pães da Presença, que eram trocados toda semana. Zacarias deu um passo em direção ao altar do incenso, todo de ouro, que ficava à frente da gigantesca tapeçaria que separava o santuário do Lugar Santíssimo.

Zacarias era tomado por uma sensação diferente sempre que se aproximava do altar do incenso. Tinha consciência de estar diretamente na presença de Deus – com apenas uma cortina entre eles. Só uma vez por ano, no Yom Kippur, o grande dia da reconciliação, o sumo sacerdote poderia entrar ali, quando fazia expiação pelos pecados do povo com o sangue do animal sacrificado.

Perdido em pensamentos, ele estava para colocar o incenso sobre o altar quando percebeu um movimento na cortina. Assustado, levantou os olhos. Era impossível que mais alguém além dele estivesse ali! Zacarias não conseguiu acreditar no que estava vendo: ali, logo à direita do altar, estava uma pessoa, alguém que ele nunca tinha visto! E, ainda assim, ele soube imediatamente de quem se tratava. Começou a tremer. Estaria sonhando? E então a tal pessoa iluminada falou com ele:

“Não tenha medo, Zacarias; sua oração foi ouvida. Isabel, sua mulher, dará a você um filho, e você lhe dará o nome de João.” (Lucas 1.13)

Você consegue imaginar o susto de Zacarias? Aquele homem que falava com ele o conhecia, sabia a respeito dos anseios e desejos que ele e sua esposa tinham carregado no coração durante tantos anos – e responde a eles. Você acredita em Deus, fala da sua presença, ora a ele e ouve a sua Palavra – mas então você o experimenta ali, de forma palpável! Não, isso não era um sonho, era a realidade!

E Deus anuncia a Zacarias a vinda do precursor do Messias. O velho sacerdote podia esperar muitas coisas, inclusive a vinda do Messias, mas que ele viesse afetar a sua vida de forma tão concreta? Ele duvida, não conseguindo acreditar.

Posso condená-lo? Até que ponto eu conto com palavras e ações concretas de Deus na minha vida? Quantas vezes tenho dúvidas, embora eu diga que acredite...

Podemos imaginar o que aconteceu quando Zacarias voltou para casa? Sua esposa, Isabel, deve ter percebido imediatamente que algo excepcional tinha acontecido. Os olhos do marido, seu rosto – como se ele tivesse visto o próprio Deus. Ele estava sem palavras, totalmente emudecido. Abriu a boca para contar o que tinha vivido, mas não conseguiu dizer nem uma palavra.

Isabel deu-lhe uma lousa. Ela tornou-se um importante meio de comunicação para eles nos nove meses seguintes. Ele escrevia, ela lia. Ela perguntava, ele anotava...

Contou do encontro com o anjo de Deus e o que ele tinha dito. Ela ali, ao lado dele, lia palavra após palavra, muito admirada. Olhou para ele – e ele fez que sim com a cabeça. Lágrimas rolam pelo rosto deles. Deus não tinha somente ouvido suas orações, mas estava cumprindo aquelas profecias antigas que eles tinham lido juntos tantas vezes. Eles oraram, agradeceram a Deus: ele por escrito, ela com a boca.

E mais uma vez leram as antigas Escrituras, viajando pelo Antigo Testamento, lendo, lendo e estudando as promessas na Palavra de Deus. O que ele dissera há tanto tempo sobre o Messias e sobre o mensageiro que iria adiante dele?

Quando sua sobrinha Maria veio visitá-la seis meses depois, Isabel tem certeza imediata de que ali está a continuação do cumprimento das escrituras:

“Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz! Mas por que sou tão agraciada, ao ponto de me visitar a mãe do meu Senhor? Logo que a sua saudação chegou aos meus ouvidos, o bebê que está em meu ventre agitou-se de alegria. Feliz é aquela que creu que se cumprirá aquilo que o Senhor lhe disse!” (Lucas 1.42-45)

As palavras de Maria em seu louvor a Deus, e também as de Zacarias ao cantar quando recupera sua voz durante a nomeação de seu filho, são resultado do seu conhecimento da Bíblia: é uma citação bíblica atrás da outra, alinhadas como pérolas em um colar!

Gostaria muito de poder ter observado esses dois velhinhos, curvados sobre as Escrituras, pesquisando os pensamentos de Deus e orando. Essa é a base da harmonia e do amor no casamento. Quando estudamos a Bíblia juntos e estamos ligados ao nosso Senhor pela oração, crescemos juntos em unidade no casamento (*veja também o cap.21*) .

Perguntas para reflexão:

- O que nos impede de ler a Bíblia e orar juntos?
- O que me deixa sem palavras em relação à minha fé?

COMO O SENHOR JESUS VOLTA A SER O CENTRO

Visitando o casamento em Caná

João 2.1-11

Essa história relatada no evangelho de João é bonita e também singular. Imagine que você esteja se casando. Vieram todos os seus parentes, amigos e colegas – e de repente você percebe que falta bebida. As lojas estão fechadas e você não tem nenhuma ideia de onde conseguir qualquer bebida que seja. Que vergonha!

O que tinha acontecido?

O Senhor Jesus, sua mãe e seus discípulos eram convidados na festa de casamento em Caná, uma pequena vila no planalto da Galileia, a aproximadamente 50 quilômetros de Cafarnaum. Provavelmente eram parentes ou então amigos do casal, sobre o qual não há mais detalhes.

Para os discípulos, no entanto, essa participação de Jesus na festa transformou-se em uma experiência inesquecível. O que aconteceu ali fortaleceu muito (João 2.11) a confiança deles nesse Jesus de Nazaré, que morava há algum tempo em Cafarnaum (Mateus 4.13).

O que aconteceu nessa ocasião? Se perguntássemos aos servos da casa, esses provavelmente teriam primeiro expressado seu espanto e admiração. Nunca tinham visto nada igual. É claro que de alguma forma tinham percebido que estava acabando o estoque de vinho da festa, que, de acordo com os costumes orientais, durava vários dias. Mas, como não eram responsáveis pela organização, na verdade não precisariam se preocupar com isso. Exceto, talvez, pelo fato de que – caso a situação degenerasse em escândalo – a reputação de seu empregador estaria significativamente

prejudicada. Todos ririam dele, mas o que isso importava para eles? Que o mestre de cerimônias ou o próprio noivo se virassem. No entanto, aparentemente nenhum dos dois tinha reparado nisso. Fosse como fosse, se ninguém fizesse algo logo, com certeza a festa acabaria antes da hora e de forma embaraçosa. Curiosos para ver o que aconteceria, ficaram aguardando do lado de fora, ao lado dos potes usados para a purificação cerimonial.

De repente, viram a tal de Maria conversar agitadoamente com seu filho. Mas esse não perdeu a calma. Então Maria veio até eles e disse-lhes que ficassem a postos para quando seu filho tivesse instruções a passar. Que estranho – o que eles tinham que ver com esse jovem, que viera ao casamento com alguns amigos? Ele era apenas um figurante naquela celebração, não tinha feito nada para se destacar. Ele não era carpinteiro? Em termos de conhecimento de vinhos, certamente não poderiam esperar nada dele.

No entanto, pouco tempo depois ele realmente foi falar com os servos e pediu que eles enchessem os potes com água. Relutantes, obedeceram. A ordem era incompreensível. Na verdade, nem mesmo mais tarde conseguiram explicar porque tinham atendido ao seu pedido, carregando balde após balde de água até encher aqueles seis potes enormes. Totalizavam uns 600 litros de água. Estavam todos com as costas moídas. Qual era o objetivo disso tudo? Quando terminaram, olharam com um semblante questionador para aquele rapaz. Ele só fez um gesto positivo com a cabeça e falou: “Agora, levem um pouco ao encarregado da festa”. Será que ele estava brincando? Como eles se atreveriam a levar água para o organizador provar? Que brincadeira de mau gosto. Sem saber o que fazer, um olhou para o outro e depois de volta para Jesus. Mas ele não passava a impressão de que queria “tirar uma onda” com eles. Muito pelo contrário. Hesitante, um dos servos encheu um copo e levou-o ao nariz. Arregalou os olhos ao olhar para Jesus – e este apenas o encorajou com a cabeça. Cheirou mais uma vez, olhou para dentro do copo e, sacudindo a cabeça, levou-o ao encarregado da festa.

Este, por sua vez, foi então até o noivo e questionou-o porque tinha guardado o melhor vinho para o fim da festa. Mas o noivo também não tinha explicação para isso. Aos poucos, a notícia se espalhou, as pessoas começaram a cochichar – e de repente o Senhor Jesus estava no centro das atenções. Seus discípulos estavam boquiabertos.

Como o Senhor Jesus pode se tornar o centro do nosso casamento?

Em muitos casamentos, a situação é como nesse casamento em Caná. Em muitos relacionamentos – inclusive cristãos – o Senhor Jesus não passa de um figurante. As pessoas dizem-se cristãs, mas o Senhor Jesus serve apenas como decoração. Sua responsabilidade resume-se ao domingo de manhã ou ao momento de ler a meditação bíblica do dia. Ou quando aparecem circunstâncias especiais: doença, desemprego ou algo parecido. Mas na vida diária? Alguém certa vez definiu, de forma muito precisa: “O que não é vermelho é avermelhado – e quem não é cristão é cristianizado”.

O que transforma um casamento em um matrimônio cristão?

Um casamento não é cristão por causa da Bíblia na prateleira, da cerimônia na igreja ou da ida dominical ao culto. O Senhor deve (novamente) ser o centro nos nossos casamentos! Talvez o acontecimento em Caná sirva para nos mostrar isso.

Maria deu o empurrão decisivo aos servos: “Façam tudo o que ele mandar”. Esse é o lema de um casamento centrado em Jesus Cristo. No momento em que os servos prestaram atenção a Jesus, ele se tornou o foco de sua atenção. No momento em que nós cônjuges obedecermos a essa ordem, o Senhor Jesus se torna o centro. Em palavras simples: a sigla OQJF? – O Que Jesus Faria?, que muitas pessoas usam em pulseiras moderninhas, recolocaria nossos casamentos na trilha certa.

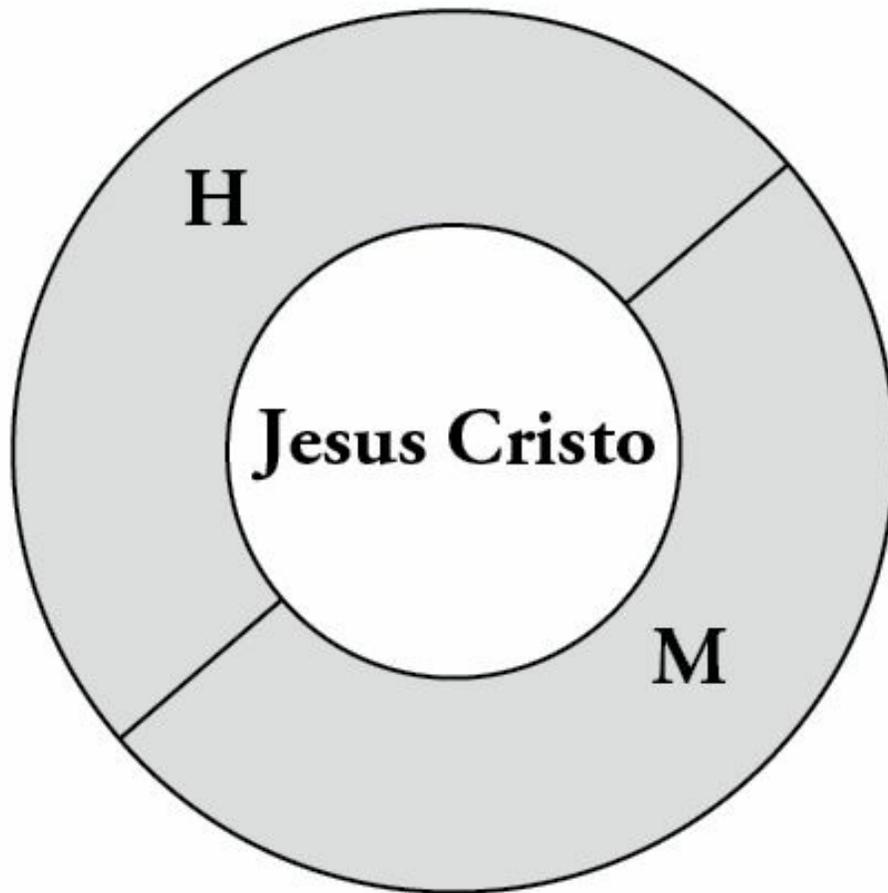
O livro de Eclesiastes diz a mesma coisa com outras palavras:

“Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade.” (4.12)

O pré-requisito é: que eu (ou nós) encaremos os defeitos no nosso casamento como um grande problema. Diante disso, não vá até o outro para queixar-se dessas falhas, mas ajoelhe-se e peça que o Senhor produza as mudanças. Naturalmente o ideal é que ambos se ajoelhem juntos, confessem suas falhas ao Senhor, arrependam-se de todos os pecados e teimosias e incluam o Senhor Jesus de forma consciente em seu casamento. Leiam a

Bíblia juntos, busquem-no em oração e ouçam o que ele tem a dizer. O salmista diz:

“A ti levanto os meus olhos, a ti, que ocupas o teu trono nos céus. Assim como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor e como os olhos das servas estão atentos à mão de sua senhora, também os nossos olhos estão atentos ao Senhor, ao nosso Deus.” (Salmo 123.1-2)



O Senhor Jesus é o centro do nosso casamento?

Pergunta para reflexão:

- Como o Senhor Jesus pode ser (novamente) o centro no nosso casamento?

QUANDO UM CASAL ENTRA EM ACORDO

Visitando Áquila e Priscila

Atos 18.1-4,18-19,24-28; Romanos 16.3-5;
1Coríntios 16.19-20; 2Timóteo 4.19-22

Como admiro esse casal! Eles ilustram o que Deus pode fazer de um casamento quando ambos entram em acordo. É claro que a Bíblia também tem exemplos de unidade negativa. Basta lembrar de Ananias e Safira em Atos 5.1-11. A união entre eles levou-os ao engano e à hipocrisia.

Áquila e Priscila, por sua vez, colocam-se juntos à disposição de Deus, engajam-se na causa do Senhor e dedicam-se de forma exemplar aos seus irmãos na fé. Vamos acompanhá-los em um trechinho de sua vida, que tem alguns momentos registrados no Novo Testamento:

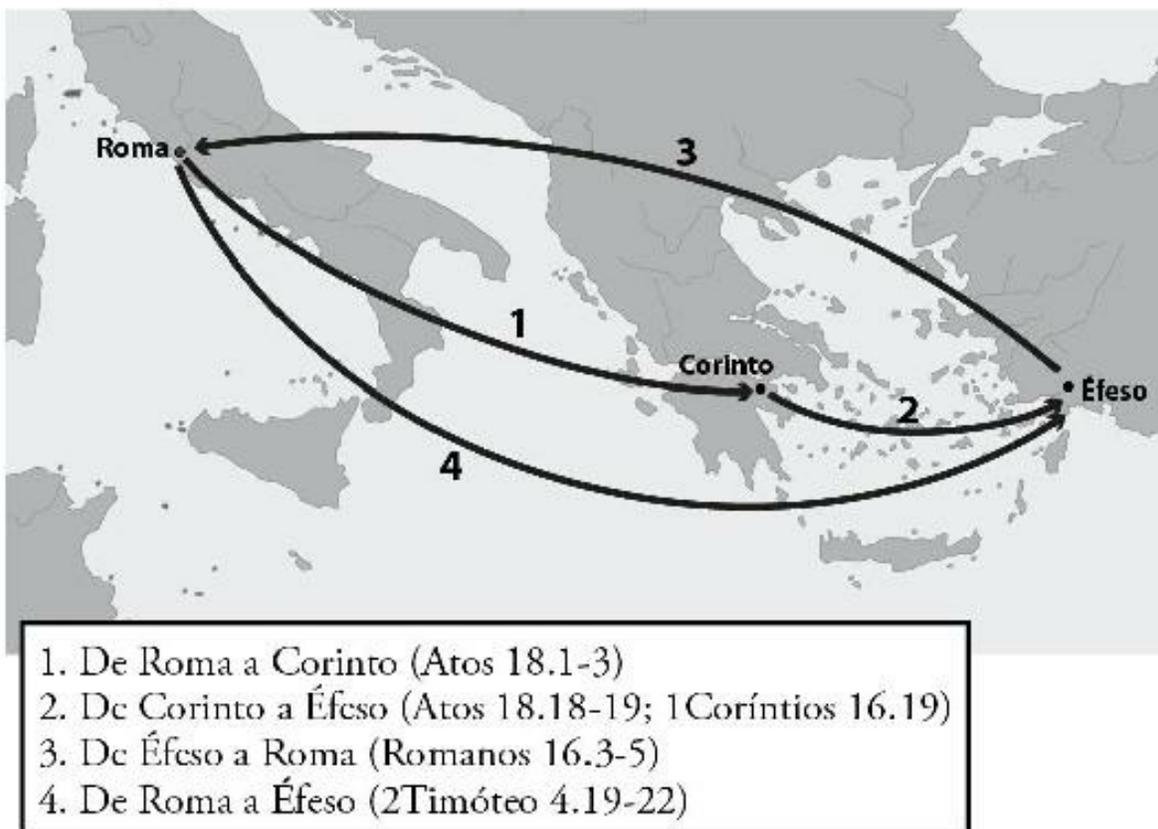
Aparentemente, Áquila e Priscila chegaram à fé em Jesus Cristo em Roma. Desde muito cedo havia ali uma igreja, provavelmente fundada por judeus que tinham encontrado a salvação em Jesus durante o Pentecostes, em Jerusalém, e depois tinham levado a mensagem à capital do mundo junto ao rio Tibre.

Quando o imperador romano Cláudio expulsou todos os judeus de Roma no ano 49 d.C., este casal, que também era judeu, foi obrigado a abandonar a cidade rapidamente. Já nesse momento sou obrigado a me perguntar: será que eu estaria disposto a ceder em favor da minha fé? Áquila e Priscila deixaram sua casa, a vida que tinham e seus amigos. Eu penso nos meus bisavôs, que em 1850 foram forçados a abandonar seu lar em nome da sua fé, pois sua sapataria e loja estavam sendo boicotadas pela população. Em muitos países, cristãos são perseguidos, torturados, ameaçados e mortos até hoje!

Trabalho conjunto

Como Áquila e Priscila eram fabricantes de tendas autônomos, procuravam uma cidade onde poderiam continuar seu ofício e onde havia a demanda necessária para ele. Encontraram um lugar adequado em Corinto. Quando vemos as escavações arqueológicas dessa metrópole antiga, podemos imaginá-los muito bem exercendo sua profissão em uma das oficinas abertas junto à praça pública da cidade. Pelo relato bíblico, eles aparentemente não tinham filhos; assim, Priscila ajudava na oficina e na venda. Esse trabalho conjunto uniu-os ainda mais como casal. A Bíblia sempre os menciona juntos, o que demonstra com clareza a sua unidade e comunhão. Lembro-me dos meus primeiros 15 anos como autônomo: eu era ilustrador e tinha meu estúdio em casa, de forma que estava sempre junto da minha família. Certa vez, um amigo me perguntou, bem sério, como eu aguentava isso; ele estava feliz por não ser obrigado a passar o dia inteiro com a esposa. Acho que fiz uma cara tão espantada que ele mudou de assunto bem rápido. Sempre encarei como um privilégio quando cônjuges podem passar todo o tempo juntos. Assim, participa-se da vida um do outro, há um diálogo constante e sempre dá para encaixar um momento para orar juntos sobre as questões do dia a dia.

As viagens de Áquila e Priscila



Vida compartilhada

Parece-me que Áquila e Priscila tinham bastante trabalho e que faziam as tendas apenas por encomenda, sem manter estoque. Receberam então o apóstolo Paulo, quando este, vindo da Macedônia por Atenas, chegou a Corinto para esperar seus colaboradores Timóteo e Silas. Como Paulo também tinha aprendido o ofício de fabricar tendas, antes de estudar teologia com o rabino Gamaliel, ele aceitou o emprego na oficina de Áquila, ainda mais que a oferta aparentemente incluía alimentação e hospedagem. Fico imaginando as conversas interessantíssimas sobre a fé e as Escrituras que devem ter acontecido naquela oficina junto à praça, tanto entre eles quanto com clientes e pessoas que passavam por ali. Nessa cidade, Paulo escreveu a

primeira carta aos Tessalonicenses. E assim é fácil entender o que ele escreve ali no capítulo 2.8:

“... decidimos dar a vocês não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida.”

Ele experimentou essa vida compartilhada na casa de Áquila e Priscila. Eles dividiram sua vida não apenas com Paulo, mas em seguida também com Silas e Timóteo. Abriam sua casa e suas vidas para outras pessoas. Permitiram que outros vissem sua vida por dentro e compartilharam-na com eles.

Que bênção é abrir a casa e a vida para outras pessoas! Falando de Lídia, de Filipos, o pastor Wilhelm Busch certa vez disse: “O degrau de entrada na casa dela era baixo”. Quero encorajá-lo a manter uma casa aberta – especialmente nessa época, em que as pessoas se refugiam entre suas quatro paredes, seguindo o lema “Minha Casa é o meu Castelo”, fechando os olhos e o coração ao próximo e, conseqüentemente, isolando-se em sua solidão.

Friedel Pfeiffer, presidente de uma ONG dedicada a atender pessoas em situação de vulnerabilidade social, certa vez fez uma declaração provocadora: “Leve um descrente para morar com sua família e viva para ele o seu cristianismo: em quatro semanas, ele terá se convertido ou deixado a sua casa. Ninguém aguentaria mais tempo”. Você percebe como é desafiador incluir outras pessoas em nossa vida? Não dá mais para fingir ser cristão, pois a realidade do nosso casamento se tornará imediatamente óbvia. Esse tipo de vida é transparente – todos podem ver seu interior. Você acha isso desgastante? Não, de forma nenhuma: na verdade, é libertador poder levar uma vida honesta e aberta com outras pessoas. Experimente. Nossa família passou por isso, principalmente quando trouxemos para dentro de casa, durante sete anos, uma moça de 20 anos que estava amarrada a drogas, vícios e outras dependências e vivia na rua. É verdade: muitas das nossas posturas acabam sendo questionadas, mas isso é saudável, e não nos arrependemos de ter feito isso.

Colaboração em favor do evangelho

Junto com o apóstolo e seus cooperadores, Áquila e Priscila anunciaram o evangelho em Corinto, o que levou ao surgimento de uma grande igreja nessa

cidade portuária tão perversa. No começo, Paulo trabalhava com eles; depois, eles trabalharam com Paulo. Aparentemente, sua atividade deslocou-se da fabricação de tendas para o anúncio do evangelho. Por causa do apóstolo, eles acabam até mesmo correndo perigo de vida (Romanos 16.3-5) e dispõem-se a acompanhá-lo quando ele sai de Corinto.

Viajando em favor do evangelho

O próximo local de trabalho é Éfeso (Atos 18.18-28). Por amor a Deus, eles se mudam! E aqui ocorre-me um segundo questionamento: eu estaria disposto a mudar de residência em nome da causa do Senhor? Em geral só estamos dispostos a fazer isso se for por exigência da profissão. Mas por causa da igreja ou do evangelho? Tornamo-nos cristãos sedentários, ou ainda aceitamos ser mudados de lugar? Será que deveríamos voltar a pensar sobre isso, como casal? Ainda há muitas áreas inexploradas, do ponto de vista eclesial, no nosso país. Onde o Senhor Jesus nos quer?

Anfitriões da igreja

Em Éfeso, a primeira tarefa que os dois assumem é cuidar de Apolo, para explicar-lhe melhor o caminho da fé. Eles ensinam um professor! Em nenhum lugar se diz que eles tenham tido o dom de evangelizar ou ensinar. Não há relatos de que tenham falado em público. Mas eles exercitam sua fé em conversas pessoais. Em Éfeso também se forma uma grande igreja, e mais uma vez eles abrem sua casa para as reuniões dela. Mais tarde, reencontramos os dois em Roma, e também lá a igreja se reúne na casa deles (Romanos 16.3-5). Quando o apóstolo escreve sua última carta, Áquila e Priscila estão morando novamente em Éfeso. Mais uma vez tornaram-se “anfitriões” da igreja. Onde quer que estivessem, sua casa torna-se o ponto de cristalização do evangelho: surgem igrejas, igrejas encontram um lar.

Precisamos de casais assim na igreja!

Quero aprender algumas coisas com Áquila e Priscila:

- Como cônjuges, são unidos e fazem tudo em conjunto.
- Deixam-se usar por Deus. Não se destacam, como os apóstolos, pastores e mestres, mas são irmãos confiáveis do “segundo escalão”.

- Seu exemplo nos encoraja como casais a colocar os pés na estrada pela obra de Deus.
- Abrem sua vida para outras pessoas e compartilham sua fé com eles.
- São hospitaleiros e abrigam a igreja.
- Servem aos irmãos e dedicam-se incondicionalmente a eles.

Perguntas para reflexão:

- Estamos dispostos a mudar de casa pelo evangelho?
- Como podemos abrir nossa vida para outras pessoas?
- Que dons o Senhor nos deu para usar na sua causa?

CASAMENTO SOB TENSÃO

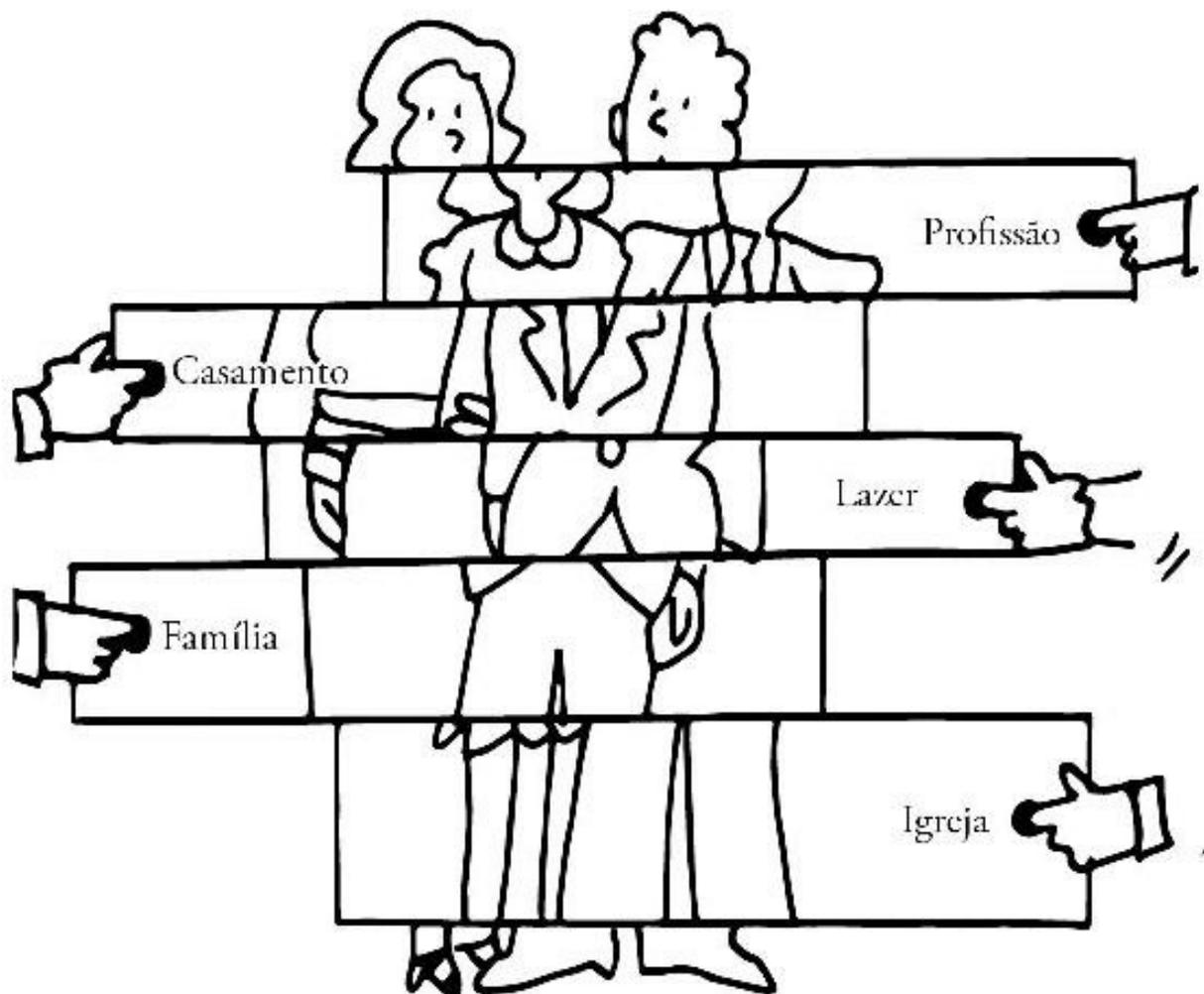
Profissão, família e igreja

Colossenses 3.17

Quem é que não sonha, de vez em quando, em parar o relógio para ganhar tempo? Talvez como no dia em que Josué falou estas famosas palavras:

“Sol, pare sobre Gibeom! E você, ó lua, sobre o vale de Aijalom!” (Josué 10.12)

Quantas vezes minha esposa e meus filhos precisam abrir mão da minha companhia! Quantas vezes os assuntos da igreja ficam em segundo plano! Aumento de trabalho e responsabilidade, novos rumos profissionais ou uma pós-graduação são capazes de furar qualquer cronograma!



Filemom, como você conseguiu?

Para ser sincero, eu teria gostado muito de conversar com Filemom. Queria poder perguntar a ele como conseguia conciliar essas três áreas – profissão, família e igreja. Afinal, a carta do apóstolo Paulo nos oferece um vislumbre de vários aspectos de sua vida: ele é casado, é empregador, é anfitrião da igreja em Colossos e pastor, talvez até mesmo um dos anciãos dessa igreja. Aparentemente, sua casa estava sempre aberta para receber irmãos em viagem, como Paulo, e ele servia os irmãos em torno de si de forma carinhosa (Filemom 7).

Também queria perguntar a Pedro como era viajar com o Senhor Jesus, deixando a esposa e a sogra sozinhas em Cafarnaum.

Também tenho várias perguntas para Áquila e Priscila, sobre como faziam para unir sua profissão de artesãos com o trabalho tão atuante na igreja, tendo sempre uma casa aberta para os irmãos em Corinto, em Éfeso e em Roma e até mesmo arriscando a vida por Paulo (Romano 16.4-5; cf. o cap. 19: “Quando um Casal Entra em Acordo”).

Obviamente, não vem de hoje esse problema da tensão entre áreas da vida como família, igreja e profissão. Algumas pessoas talvez ainda acrescentem a isso algum *hobby* exigente... Como, porém, encontrar equilíbrio interior e paz, sem precisar carregar um peso constante na consciência em relação às outras duas áreas quando estamos nos dedicando à terceira?

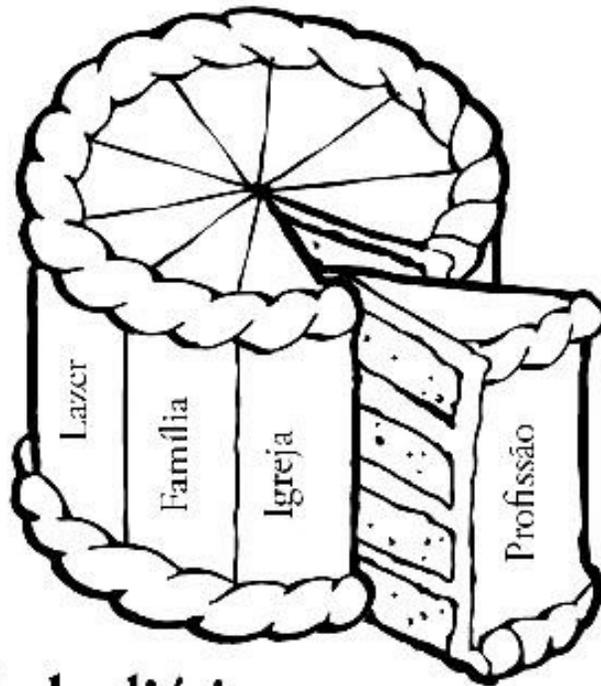
Família contra profissão e igreja?

Profissão contra igreja e família?

Igreja contra família e profissão?

Apenas uma questão de tempo?

Algumas pessoas pensam que tudo isso é apenas uma questão de gestão pessoal, isto é, de planejar bem o tempo. No entanto, esses sistemas de planejamento só funcionam com tarefas que podem ser calculadas ou delegadas, mas não quando precisamos aconselhar alguém ou quando somos atropelados por aquela infinidade de eventos incalculáveis e imprevisíveis do dia a dia.



O bolo diário. Como divido meu tempo?

Sim, vivemos em um campo de tensão!

Para começar: dividir a vida é normal. É claro que cada um parte de sua própria situação: a vida de um solteiro é diferente da vida de um pai de família, um trabalhador autônomo vive de forma diferente de um bancário, uma enfermeira tem rotina diferente de uma dona de casa. E a vida terá configuração diferente dependendo do que eu coloco em primeiro lugar: minha profissão, minha família ou minha igreja.

Mas reparei que a Bíblia estabelece uma prioridade bem diferente, que diminui consideravelmente essa aparente concorrência entre as diferentes áreas da vida:

Todas as áreas pertencem ao SENHOR!

“Tudo o que fizerem, seja em palavra seja em ação, façam--no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai.” (Colossenses 3.17)

O trecho de Colossenses 3.17–4.1 nos mostra um estilo de vida que elimina a tensão: façam tudo “em nome do Senhor”! Essa ideia aparece sete vezes nesses versos. Esse estilo de vida é ordenado igualmente a mulheres, homens, pais, filhos, empregadores e empregados: tudo gira em torno de Cristo!

Na prática, isso significa: realize suas tarefas em dependência do Senhor Jesus, como se ele tivesse acabado de lhe dar esse encargo. Não importa se é tirar o pó, lavar fraldas, arquivar documentos, redigir propostas, fazer lição de casa, dirigir, visitar clientes, cuidar de doentes, organizar a reunião de adolescentes, fazer visitas ou as compras da semana, trabalhar na fábrica, pregar a Palavra, sair em férias: quando o Senhor Jesus é meu “chefe”, farei tudo isso com outra postura. Quando tudo o que digo e faço é realizado “para o Senhor”, tudo recebe outra prioridade, e começo a ver e avaliar o valor de cada atividade a partir da perspectiva dele.

Além disso, assim também fica claro que minha fidelidade à família e na profissão são pré-requisitos para o trabalho na igreja (cf. 1Timóteo 3.1-13 e Tito 1.6-9). A cooperação na igreja pressupõe uma boa liderança na família e um bom testemunho diante das pessoas à minha volta.

Por outro lado, também percebo que o objetivo e o sentido da minha vida aqui na terra não podem ser o meu sucesso profissional ou uma família “perfeita”, mas: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês” (Mateus 6.33). Mas para isso é preciso concordância na família. E essa se obtém com a oração de uns pelos outros, uns com os outros e de todos em favor do próximo.

Recursos para viver de forma bíblica ^(nota 4)

1. Tenham um objetivo de vida. Isso significa que é preciso escolher as prioridades corretas ainda antes do casamento, para que depois seja possível continuar agindo assim.

- Abram mão de uma carreira brilhante em favor da igreja e da causa do Senhor!
- Evitem, na medida do possível, profissões que prejudiquem a família e a igreja.
- Tentem morar o mais próximo possível da igreja.

- Esforcem-se para viver de forma disciplinada e para o Senhor.

2. Escolham juntos as prioridades certas para a vida. O que importa de fato? Só é possível trabalhar para o Senhor na medida em que um consegue dar seu apoio ao outro.

- Mulheres, apoiem seus maridos no trabalho na igreja.
- Homens, ajudem suas mulheres e não deixem a educação dos filhos só por conta delas.

3. Tomem cuidado com compromissos financeiros. Dívidas excessivas são uma grande ameaça à paz de espírito, e afetam tanto a família quanto a cooperação na igreja.

4. Aproveitem o tempo “livre” para o casamento e a família.

- Nada de *hobbys* que afastem da família.
- Organizem-se para ter pelo menos uma refeição conjunta por dia, para ter oportunidade de conversar, ter o culto familiar e orar.

5. Seguir a Jesus sempre exige sacrifício para toda a família.

- Nossa vida é um sacrifício a Deus (Romanos 12.1-3)?
- O que espero da vida? Como cristão, eu vivo para quê?

6. Reflitam sobre o que pode ser delegado. Não é preciso fazer tudo sozinho!

- Como é possível aliviar a minha carga / a carga de outros (por exemplo, chamar uma babá para que se tenha tempo de preparar a lição do culto infantil)?

7. Orem juntos por sabedoria para planejar “corretamente”.

Perguntas para reflexão:

- Como posso resolver a tensão no casamento?

- Quais são os ladrões do meu tempo?
- Que prioridades devemos escolher para nossa vida?

CASAMENTO CRISTÃO – LUGAR DE CRESCIMENTO?

Como podemos crescer
juntos na fé?

Pedro acha Eva uma gracinha. Pequena, delicada, parece uma boneca. E ela o idolatra, pois ele é seu urso. A lua de mel é só chamego. Os primeiros anos do casamento também são um mundo cor-de-rosa. Os dois estão no sétimo céu. Ele avança na profissão, faz pós, treinamentos, sobe na carreira. Há muito tempo ele trocou a roupa meio esfarrapada por ternos risca de giz. Celular, computador, maleta e carro esportivo de classe. Eva cuida da casa e continua sendo aquela mulher meio infantil, porque acha que é assim que ele gosta dela, pois foi assim que se conheceram. Mas ele começa a ficar descontente. Tem vergonha dela quando ela vai buscá-lo no escritório e quer só ficar namorando. Ela o entedia, porque não dá mais para conversar sobre assuntos do trabalho com ela. Já sua secretária é muito mais atualizada e o entende bem... O casamento com Eva vai se diluindo... e termina.

Sônia já leu uma quantidade enorme de livros, fez vestibular e estuda história da arte e filosofia. Tomás é um simples operário e tem dificuldade para ganhar o suficiente para sustentar a família. Ela tem muitas amigas e muitas atividades durante seu tempo livre. Ele fica morto de cansaço depois de um dia de trabalho e precisa descansar. Não se sente à altura dela. Ela não o leva a sério. Agora eles se limitam a viver vidas paralelas e praticamente não se falam mais, exceto para criticar um ao outro.

Ellen e Patrick conheceram-se na igreja. Ambos participavam ativamente e ajudavam em pequenos grupos, no coro e no trabalho com as crianças. Mas então o trabalho começou a exigir cada vez mais dele, e ele teve de deixar os trabalhos na igreja para participar de vários cursos e seminários relacionados à profissão. Ela continua engajada na igreja. Vivem em planos diferentes.

Ambos estão insatisfeitos porque o outro não participa mais da sua vida – afastaram-se intimamente.

Petra converteu-se há alguns anos e logo envolveu-se na igreja. Bernardo levou mais tempo para se convencer, e só se decidiu por Jesus três anos depois. Ele vai regularmente à igreja, mas percebe que Petra está muito mais avançada na fé do que ele. Ela cresce na fé e conhece a Bíblia muito melhor do que ele. Ele percebe que ela o deixou para trás em termos intelectuais e espirituais. Como não consegue acompanhá-la, recolhe-se resignado à sua amargura. Quando ela tenta falar com ele sobre isso, ele reage com ironia mordaz. Praticamente perdeu a vontade de ir à igreja.

O que está errado aqui?

Qual é o motivo para que tantos casamentos fracassem? Talvez até não haja separação – “O que o pessoal da igreja vai dizer?” –, mas vive-se um ao lado do outro, cada um em seu próprio mundo.

Com certeza não foi assim que Deus imaginou o casamento! Mas como mudar isso? Nesse livro lemos a respeito de uma série de casais na Bíblia com problemas parecidos.

Em alguns casos, a causa está em diferenças de educação e origem, em diferenças de caráter e hábitos. Mas o aspecto mais sério na maioria dos casamentos é a falta de crescimento espiritual conjunto! Quando minha esposa e eu aconselhamos casais e ouvimos a sua história, constatamos com frequência que eles não mantêm uma vida espiritual conjunta. Vivem um ao lado do outro, como em um relacionamento simbiótico ou uma cooperativa de trabalho, funcionando de forma mais ou menos produtiva. Mas um casamento é mais do que uma máquina em perfeito funcionamento. Casamento é unidade de espírito, alma e corpo. Não basta que haja compatibilidade física. Se não dispusermos de harmonia espiritual, intelectual e emocional, até o aspecto físico vai falhar.

Como mudar isso de forma permanente?

Já durante seu noivado, Tina e Ralf começaram a se encontrar todas as manhãs, uma hora antes do trabalho, para ler a Bíblia e orar juntos, pois tinham percebido que em alguns pontos de sua fé faltava um denominador

comum. Só se casaram quando o estudo bíblico os ajudou a encontrar a união necessária. E continuaram cultivando o hábito de fazer seu culto doméstico todos os dias de manhã, com leitura da Palavra e oração.

Como minha esposa e eu tínhamos origens espirituais diferentes, queríamos fazer como Tina e Ralf. Mas vivíamos a 650 quilômetros de distância um do outro, e o custo das ligações telefônicas era alto demais para nossos orçamentos estudantis (ainda não havia e-mail naquela época). Portanto, o serviço postal enriqueceu à custa das nossas cartas. Isso nos ajudou a não só entrar em acordo sobre nossos pontos de vista espirituais, mas também a conhecer melhor um ao outro de todas as formas possíveis.

Por isso, quero listar aqui **7 teses** que levam a um crescimento espiritual e intelectual conjunto:

Tese Orar um com o outro ajuda a conversar um com o outro. A maior
1 parte dos problemas de comunicação no casamento pode ser resolvida quando os cônjuges oram juntos.

Tese À medida que crescemos juntos espiritualmente, também
2 cresceremos juntos mentalmente (intelecto) . Quando oramos e falamos um com o outro, aprendemos a nos entender. Assim se revelam questionamentos e angústias, sentimentos e compreensão. Abrimo-nos um para o outro.

Tese Conversar um com o outro ajuda a encontrar objetivos comuns.
3 Como cônjuges, precisamos compartilhar nossos pensamentos para chegar a objetivos conjuntos para família, profissão e vida.

Tese Orar e conversar com o outro ajuda a resolver problemas juntos.
4 Vamos conversar sobre situações e problemas do trabalho, da família, da igreja, da sociedade e do dia a dia.

Tese Ler juntos traz crescimento espiritual e intelectual. Conversar
5 sobre trechos bíblicos, livros, mensagens ou notícias nos ajuda a crescer em conjunto.

Tese Orar, ler e conversar um com o outro ajuda a agirmos juntos.
6 Aprendemos a nos conhecer melhor, sabemos como o outro pensa e descobrimos como falar “a *mesma* língua”.

Tese Orar, ler, conversar e agir juntos nos faz crescer como “uma só carne”, promovendo a felicidade, o aconchego, a união no casamento e, assim, serve à glória de Deus.

Uma imagem bíblica

Em Mateus 13, o Senhor Jesus conta a parábola dos quatro tipos de terreno, para mostrar como o crescimento acontece e o que pode impedi-lo. Esse exemplo não pode ser aplicado somente ao nosso crescimento espiritual pessoal, mas também ao crescimento conjunto no casamento e na família.

O objetivo do crescimento é o fruto

Queremos levantar mais uma pergunta no fim desse livro: “Como o Senhor Jesus sai ganhando com o nosso casamento?” e “Como a igreja sai ganhando com o nosso casamento?”.

Nosso casamento não existe só para nós mesmos. Ele não é uma finalidade em si mesmo. Tanto a vida pessoal como o casamento só farão realmente sentido se forem úteis a outras pessoas e, assim, também para Deus.

Muitos casamentos lembram a floração das cerejeiras no Japão. O que há de tão especial nesse espetáculo primaveril conhecido no mundo inteiro? Quando visitei o Japão há alguns anos, reparei em algo relacionado a essas flores: não existe um livro de fotos, um filme sobre esse país que não mostre imagens maravilhosas das cerejeiras cobertas de flores! Uma foto do monte Fuji: cerejeiras em flor no primeiro plano; japonesas de quimono: cerejeiras em flor no fundo; lutadores de sumô, templos xintoístas, o expresso Shinkansen, selos japoneses: por toda parte, as flores da cerejeira aparecem como decoração! Seria de imaginar que o Japão também fosse a terra da geleia de cereja e das tortas de cereja! Mas nada poderia estar mais longe da verdade! Lá não há cerejas – apesar da abundância de cerejeiras e suas flores.

E não é isso que acontece também em muitos casamentos cristãos? Um casamento radiante, uma lua de mel esfuziante, uma casa fantástica – mas nenhum fruto para Deus! Casamento como finalidade em si mesmo? Um elemento decorativo, uma ilustração perfeita do que é um “lar, doce lar”?

Meu casamento só dará fruto se vivermos em comunhão estreita com nosso Senhor. A carta aos Gálatas mostra o resultado de uma vida vivida no

Espírito do Senhor:

“...amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.” (Gálatas 5.22)

É preciso viver cada vez mais de forma totalmente entregue e submissa ao nosso Senhor. Com isso, nossos casamentos não serão apenas flores, mas também trarão frutos para Deus. E assim nossas igrejas não serão apenas bonitas, mas também frutíferas para o nosso Senhor.

Relembrando:

1. **Crescimento saudável requer** boa terra (cf. Mateus 13.4-9,18-23).
2. **Crescimento saudável requer raízes bem formadas** (cf. Colossenses 2.6-7; 2 Tessalonicenses 2.17; 1 Pedro 5.10).
3. **Crescimento saudável precisa de cuidado** (cf. 1 Coríntios 3.6). Alimento espiritual regular (Palavra de Deus) e comunhão com outros cristãos na igreja promovem e protegem o crescimento espiritual.
4. **Crescimento saudável traz frutos para Deus** (cf. Gálatas 5.22ss).

Perguntas para reflexão:

- Como meu casamento pode dar frutos para Deus?
- Como posso promover crescimento espiritual no meu casamento?

NOSSOS VOTOS DE CASAMENTO

Para reflexão conjunta e pessoal

Juntos:

- Queremos nos conscientizar de que Deus nos deu de presente um ao outro.
- Por isso, queremos viver um para o outro na alegria e na tristeza.
- Queremos ajudar um ao outro a conhecer e amar cada vez mais o Senhor Jesus.
- Queremos servir e viver para ele com fidelidade e entrega.
- Queremos viver a partir do perdão mútuo e de Deus.
- Queremos ser pais bons e responsáveis para nossos filhos, amá-los, protegê-los e educá-los na disciplina e no temor do Senhor.
- Queremos ser exemplo e orientação para a salvação deles.
- Não queremos viver para nós mesmos, mas para outros.
- Queremos abrir nossa casa, nosso coração e nosso bolso para a causa do Senhor e para as necessidades alheias.
- Queremos cooperar ativamente na igreja e servir ao Senhor.
- Queremos levar uma vida de bom testemunho e ganhar pessoas para Jesus.

Meus votos como marido

Prometo

- viver minha vida em submissão ao Senhor;
- estudar a Bíblia diariamente e viver de acordo com ela;
- buscar a vontade de Deus para mim e para as pessoas que ele me confiou, e obedecer à sua orientação;
- aceitar a correção e transformação pela Palavra de Deus;
- levar uma vida transparente, exemplar e missionária como pai e marido.

Prometo

- liderar e proteger a você, minha esposa;
- ler a Palavra de Deus e orar com você;
- empenhar-me em buscar o crescimento espiritual conjunto, dando glória e produzindo fruto para ele;
- encorajá-la a desenvolver e usar seus dons espirituais;
- ser um marido atencioso para você e um pai abnegado para nossos filhos;
- indicar e mostrar-lhes o caminho para o Senhor Jesus com a minha vida.

Prometo

- amá-la de todo coração;
- orar diariamente por você;
- sempre valorizar você e o seu trabalho e esforço abnegados;
- colocar as suas necessidades interiores e exteriores acima das minhas e não ser egoísta;
- não me recusar a você e fazê-la – também fisicamente – feliz.

Prometo

- sempre perdoá-la com alegria e **nunca** mais lembrar do que foi perdoado e **nunca** mais usar isso contra você;
- ser fiel e reservar para você o lugar mais íntimo da minha vida, até que a morte nos separe.

Para tudo isso peço a bênção e a força do nosso Senhor.

-

Meus votos como esposa

Prometo

- viver minha vida com você de forma submissa ao Senhor;
- ser submissa a você por causa do Senhor, isto é, não agir de forma independente, mas pedir seus conselhos e intercessão;
- sempre apoiá-lo nas suas responsabilidades perante Deus;
- educar nossos filhos de forma bíblica e em comum acordo com você;
- orar por você, com você e por outras pessoas, conversar com você e agir em seu favor e em favor de outros.

Prometo

- apoiá-lo e complementá-lo como auxiliadora dada por Deus;
- apoiá-lo para que você consiga dar conta de suas tarefas como marido, pai, na igreja e no trabalho;
- limpar e cuidar do nosso lar com zelo;
- criar o ambiente encorajador e saudável de que você precisa para crescer espiritualmente;
- satisfazer-me com o cuidado material de Deus por seu intermédio e administrar a vida dentro do orçamento disponível;
- ser uma mãe amorosa para nossos filhos.

Prometo

- amá-lo de todo coração;
- orar diariamente por você;
- sempre valorizar você e seu empenho em favor da nossa família;
- colocar as suas necessidades interiores e exteriores antes das minhas e não ser egoísta;

- não me recusar a você e fazê-lo – também fisicamente – feliz.

Prometo

- sempre perdoá-lo com alegria e **nunca** mais lembrar do que foi perdoado e **nunca** mais usar isso contra você;
- ser fiel e reservar para você o lugar mais íntimo da minha vida, até que a morte nos separe.

Para tudo isso peço a bênção e a força do nosso Senhor.

NOTAS

NOTA 1 - Wilhelm Busch, *Kritik des Herzens* (Heidelberg: Bassermann Verlag, 1874).

NOTA 2 - Nesta ação de cunho missionário, uma fundação de origem estadunidense promoveu a distribuição gratuita do livro intitulado *Kraft zum Leben* [Força Para Viver], apoiada por uma ampla campanha publicitária veiculada na mídia alemã. O livro contém relatos de celebridades sobre como encontraram a fé cristã, além de orientações sobre como aproximar-se de Deus. (N.T.)

NOTA 3 - *Perspektive* , 06/2002.

NOTA 4 - Compilação após um discurso de Hartmut Jaeger.